

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Representações de Self e de Família

Estudo comparativo entre jovens em contexto familiar
normativo e em contexto de acolhimento institucional

Joana Garcia Guerra

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Representações de Self e de Família

Estudo comparativo entre jovens em contexto familiar normativo e em contexto de acolhimento institucional

Joana Garcia Guerra

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rosa Ferreira Novo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

| | |
|----------------------------------|-----|
| Índice | i |
| Índice Geral | ii |
| Índice de Tabelas | iii |
| Índice de Apendices | iv |
| Agradecimentos | v |
| Resumo | vi |
| Abstract | vii |

Índice Geral

| | |
|--|-----|
| Introdução | 1 |
| 1. Enquadramento Teórico | 2 |
| 1.1. Conceptualização de Família | 2 |
| 1.2. Conceptualização do Self | 5 |
| 1.3. Contextos Familiares de Risco e de Acolhimento Institucional..... | 7 |
| 2. Metodologia | 13 |
| 2.1 Desenho da Investigação | 13 |
| 2.2 Questão Inicial | 13 |
| 2.3 Objectivos da investigação..... | 13 |
| 2.4 Mapa de Investigação | 14 |
| 2.5 Questões de Investigação..... | 15 |
| 2.6.Caracterização da amostra..... | 15 |
| 2.7 Instrumentos | 16 |
| Ficha de Dados Sociobiográficos..... | 18 |
| The Family Apperception Test | 18 |
| Tennessee Self Concept Scale | 20 |
| Minnessota Multifasic Personality Test..... | 20 |
| 2.8 Procedimentos de Recolha de Dados | 22. |
| 2.9 Procedimentos de Análise de Dados | 23 |
| 3. Resultados | 23 |
| 4. Discussão | 51 |
| 5. Reflexões Finais | .61 |
| Referências | 64 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Caracterização demográfica das duas Amostras..... | 16 |
| Tabela 2 –Caracterização do Percurso Escolar das duas Amostras..... | 17 |
| Tabela 3 - Categorias de análise do FAT usadas na investigação..... | 23 |
| Tabela 4 – <i>Conflito Aparente</i> no FAT: Estatística Descritiva..... | 27 |
| Tabela 5 - <i>Resolução de Conflito</i> no FAT: Estatística Descritiva..... | 27 |
| Tabela 6 - <i>Definição de Fronteiras</i> no FAT: Estatística Descritiva | 28 |
| Tabela 7- <i>Maus-tratos</i> no FAT: Estatística Descritiva..... | 29 |
| Tabela 8- <i>Respostas Invulgares</i> no FAT: Estatística Descritiva..... | 29 |
| Tabela 9 –Tendência de Resposta nas Categorias <i>Tonalidade Emocional e Intensidade Emocional</i> no FAT... .. | 31 |
| Tabela 10 – <i>Clima Relacional</i> no FAT: Estatística Descritiva..... | 31 |
| Tabela 11 – <i>Tipo de Hierarquia</i> no FAT: Estatística Descritiva..... | 32 |
| Tabela 12 – Regulação Parental e Aceitação no FAT: Estatística Descritiva..... | 32 |
| Tabela 13 – Frequência de Participantes das duas Amostras nas Escalas de <i>Validade</i> por <i>Notas T</i> da TSCS..... | 33 |
| Tabela 14 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Global</i> por <i>Notas T</i> da TSCS..... | 33 |
| Tabela 15 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Físico</i> por <i>Notas T</i> da TSCS. | 34 |
| Tabela 16 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Moral</i> por <i>Notas T</i> da TSCS..... | 35 |
| Tabela 17 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Pessoal</i> por <i>Notas T</i> da TSCS..... | 36 |
| Tabela 18 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Familiar</i> por <i>Notas T</i> da TSCS..... | 36 |
| Tabela 19 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Social</i> por <i>Notas T</i> da TSCS..... | 37 |
| Tabela 20 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Autoconceito Académico</i> por <i>Notas T</i> da TSCS | 37 |

| | |
|---|----|
| Tabela 21 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Identidade</i> por <i>Notas T</i> da TSCS | 38 |
| Tabela 22 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Satisfação</i> por <i>Notas T</i> da TSCS | 38 |
| Tabela 23 - Frequência de Participantes das duas Amostras na Escala <i>Comportamento</i> por <i>Notas T</i> da TSCS | 39 |
| Tabela 24 - Frequência de Participantes das duas Amostras nas Escalas <i>de Validade</i> por <i>Notas T</i> do MMPI-A | 40 |
| Tabela 25 - Frequência de Participantes das duas Amostras nas Escalas <i>Clínicas</i> por <i>Notas T</i> do MMPI-A..... | 42 |
| Tabela 26 - Frequência de Participantes das duas Amostras por Níveis de Elevação do <i>Perfil Clínico</i> do MMPI-A | 43 |
| Tabela 27 - Frequência de Participantes das duas Amostras com Valores Elevados nas Dimensões PSY-5 do MMPI-A | 46 |
| Tabela 28 - Frequência de Participantes das duas Amostras com Valores Elevados nas Dimensões PSY-5 do MMPI-A | 46 |
| Tabela 29 - Frequência de Participantes das duas Amostras por <i>Notas T</i> da TSCS e níveis de Elevação de <i>Perfil Clínico</i> do MMPI-A..... | 50 |

Índice de Apêndices e Anexos

Apêndices:

Apêndice I – Pedido de Colaboração no Estudo: Amostra Não Normativa

Apêndice II – Pedido de Colaboração no Estudo: Amostra Normativa

Apêndice III – Consentimento Informado

Apêndice IV – Ficha de Dados Sociobiográficos Amostra Normativa

Apêndice V – Ficha de Dados SocioBiográficos Amostra Não Normativa

Apêndice VI – Instruções de Aplicação do FAT

Apêndice VII – Folha de cotação do FAT

Apêndice VIII - Categorias Complementares do FAT utilizadas na Investigação

Anexos:

Anexo A – Apresentação dos Resultados Discriminados

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso o meu profundo agradecimento à Professora Doutora Rosa Ferreira Novo, por tudo o que me ensinou, por todo o apoio absolutamente incansável e por ter tornado este último ano, um período de uma imensa descoberta e aprendizagem. Agradeço-lhe, acima de tudo, por hoje ser uma pessoa mais rica, ao me ter permitido ter em si uma referência e exemplo profissional e humano.

Em segundo lugar, agradeço a todas as pessoas e instituições que acederam participar nesta investigação e que, assim, a tornaram possível.: À Casa dos Rapazes, à Casa da Estrela e ao Centro de Acolhimento Rainha Santa Isabel, agradeço não só pela colaboração no presente estudo, mas também pela forma como me receberam.

À Dra. Teresa Viera Mendes, ao Dr. Fernando Vieira Mendes e à Professora Alzira Martins pela ajuda indispensável na recolha das amostras e assim ajudar a tornar possível este estudo. À Paula, ao António e à Né pela preocupação e envolvimento neste projecto, pela maneira como me receberam e criaram as condições para que esta investigação fosse possível.

À Ágata Salvador, Inês Machado, Ana Martins e Sara, por se terem disponibilizado para colaborar no processo de análise e cotação do FAT, o que significou uma grande ajuda.

À Ana Rita, por ao longo destes anos ter partilhado comigo os mais diversos significados do nosso curso. Obrigada por veres o que eu vejo. À Ana Rodrigues e ao Tiago, por me terem deixado fazer farte de um dos processos de crescimento partilhado mais significativos que já conheci. Obrigada por, na vossa resiliência, nos darem a conhecer o que melhor há nas pessoas. À Tatiana pela forma como vê o mundo, que, sem se aperceber, me ensinou muito ao longo deste último ano. À Nadia por ter estado presente em momentos importantes dos últimos anos.

À Dra. Cristina Nave, por tudo o que me ensinou acerca da natureza humana e acima de tudo e por ter sido, assim uma referência estrutural ao longo deste percurso.

À minha Família, agradeço em particular, aos meus irmãos por serem presenças incondicionais na minha vida, aos meus sogros, por todo o apoio, preocupação e carinho e ao Marco, por me ter ensinado o que é a amizade e por estar sempre presente

Aos meus pais, agradeço por tudo o que me ensinaram, mas em particular, por terem estimulado em nós um pensamento consciente, uma atenção ao mundo e principalmente ao outro, sempre guiados por valores e princípios invioláveis que hoje considero cada vez mais importantes e aos quais me agarro com maior veemência. No limite, obrigada por terem estimulado em mim os valores que me fazem querer seguir esta área e por terem sido um exemplo na forma como se deram à vossa, ao qual tentarei estar à altura.

Finalmente, ao André, a quem agradeço por tudo e, tendo que escolher, agradeço em particular, por, há quatro anos atrás, ter decidido partilhar comigo, um caminho de descoberta e de (re)construção. Agradeço, acima de tudo, por me permitires encontrar o meu significado contigo e por me deixares estar ao teu lado, enquanto procuro o teu.

RESUMO

O presente estudo visa analisar de que forma as especificidades do desenvolvimento psicológico de jovens institucionalizados, designadamente as circunstâncias de disfuncionalidade e de ruptura dos vínculos familiares, estão associadas a um aumento de factores de risco, nas linhas da representação do *self* e de família, e a sua potencial associação a sinais de sofrimento psicológico e sintomas psicopatológicos.

Considerando as perspectivas teóricas que enfatizam, por um lado, a importância dos sistemas e dos contextos relacionais, e por outro os múltiplos factores de risco e de protecção associados aos percursos de desenvolvimento, o ponto de partida desta investigação assenta na visão das representações do *self* e de família enquanto um conceito nuclear do desenvolvimento psicológico, construído no contexto dos vínculos e das relações primárias na infância que vai influenciar o carácter adaptativo das trajectórias de desenvolvimento ao longo do ciclo de vida.

Para este efeito, procedeu-se a uma comparação de duas amostras, i.e. uma de jovens em acolhimento institucional (N = 19) e outra de jovens em situação familiar normativa (N = 19), através de uma análise de dados obtidos a partir de metodologias qualitativas de construção de narrativas sobre representações de família (*Family Apperception Test* de Sotile, W., Julian III, A., Henry, S. & Sotile, M., 1999) e de dados obtidos a partir de metodologias quantitativas, designadamente de instrumentos estandardizados de avaliação de percepções do *Self* (*Tennessee Self Concept Scale*) e de personalidade e psicopatologia (*Minnesota Multifasic Personality Inventory: MMPI-A*, Butcher et al., 1992) e respectivas dimensões *PSY-5*, (McNulty, Harkness, Ben-Porath, & Williams, 1997).

Os jovens da amostra em contexto de acolhimento institucional apresentaram maiores fragilidades nas representações do *Self* e da Família, bem como maiores níveis de sofrimento psicológico. Ao nível do autoconceito, verificou-se uma tendência na percepção de si entre níveis médios normativos e níveis negativos. Nas representações de Família, evidenciaram-se dificuldades, reflectidas em estratégias de resolução do conflito ineficazes, uma percepção do clima familiar enquanto tendencialmente negativo, pautado por relações desligadas e rigidez no afecto, e uma incompetência no desempenho das funções parentais. Ao nível das dimensões de personalidade e sintomas psicopatológicos, mais de metade da amostra apresentou níveis elevados de sintomatologia clínica e perturbações de personalidade.

Palavras-chave: representações de *Self*; representações de Família; personalidade e psicopatologia; jovens em acolhimento institucional; *Family Apperception Test*; *Tennessee Self Concept Scale*; *Minnesota Multifasic Personality Inventory: MMPI-A*;

ABSTRACT

The present study means to analyse the way that the specifics of the psychological development of institutionalized children, namely the circumstances of difunctionality and rupture of family bonds, are associated with risk factors, in the lines of representation of the self and family, and it's potential association with signs of psychological suffering and psychopathological symptoms.

Considering the theoretical perspectives which emphasize, on one hand, the importance of the relational systems and contexts, and on the other, the multiple risk and protection factors associated with the development pathways (Psychopathology of Development), the starting point of this investigation lies in the view of the representation of self and family as a nuclear concept of psychological development, built in the context of the bonds and the primary relationships in infancy, which will influence the adaptative character of the development trajectories throughout the life cycle.

To achieve this objective, two samples were compared, i.e. a sample of institutionalized youths (N = 19) and a sample of youths living in a normative family situation (N = 19), through an analysis of data obtained through qualitative methods of construction of family representation narratives (Family Apperception Test, by Sotile, W., Julian III, A., Henry, S. & Soltile, M., 1999) and data obtained through quantitative methods, namely through standardized instruments of Self perception evaluation (Tennessee Self Concept Scale) and personality and psychopathology (Minnesota Multifasic Personality Inventory: MMPI-A, Butcher et al., 1992) and respective PSY-5 dimensions (McNulty, Harkness, Ben-Porath & Williams, 1997).

The institutionalized youths show bigger frailties in the representation of Self and family, as well as bigger levels of psychological suffering. Regarding self-concept, a tendency towards normative and negative levels of self-perception was observed. In the case of Family representations, difficulties were identified, which are reflected in ineffective conflict-resolution strategies, a tendency towards a negative family environment perception, ruled by disconnected relationships and inflexibility in affection, as well as an incompetence in the handling of parental functions. Regarding personality dimensions and psychopathological symptoms, the better part of half of the sample has shown high levels of clinical symptoms and personality disorders.

Keywords: Self representation; Family representation; personality and psychopathology; institutionalized youths; Family Apperception Test; Tennessee Self Concept Scale; Minnesota Multifasic PersonalityInventory:MMPI-A

Introdução

O *self* emerge e desenvolve-se através da relação, sendo que é activamente influenciado pelas experiências relacionais precoces, nomeadamente na prestação de cuidados durante a infância, resultando na internalização de esquemas afectivos e cognitivos sobre o próprio, os outros e a realidade, que irão influenciar o percurso do indivíduo ao longo do seu ciclo de vida, nos mais variados domínios, com particular relevância na forma como se experiencia a si no contexto das relações interpessoais (Blatt, Auerbach & Levy, 1997). A família, surge, assim, como o contexto mais preponderante no desenvolvimento e ajustamento individual e social, sendo a influência mais direta na estruturação do *self*.

A entrada nos lares significa uma falência na estrutura familiar e portanto um passado marcado por factores de risco, condições difíceis de vida e desenvolvimento, níveis elevados de conflitualidade e violência, experiências de perdas sucessivas, descontinuidade e ruptura vividas, quer no momento de retirada da família, quer nas colocações repetidas e insucessos múltiplos de acolhimento familiar, que representam sérios obstáculos ao desenvolvimento global destas crianças e jovens, significando assim comprometimentos significativos nos mais diversos domínios, com particular incidência no domínio afectivo, social, emocional e em muitos casos cognitivo, bem como uma vulnerabilidade acrescida ao desenvolvimento de perturbações de internalização e externalização (Barber, Delfabbro, Cooper, 2001).

Assumindo, assim, a importância do contexto relacional precoce na trajectória do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, pretende-se, com esta investigação, analisar de que forma estas histórias de vida, estão associadas a perturbações do desenvolvimento, especificamente nas linhas da construção das representações mentais do *self* e de Família, considerando, comparativamente, uma amostra de jovens integrados em contexto família, e assim, contribuir para o desenvolvimento teórico, no que respeita à identificação de principais factores críticos, e assim, para o delineamento de estratégias remediativas ou psicoterapêuticas específicas no âmbito de intervenção clínica. Mais, do ponto de vista social, pretende-se contribuir para a reflexão e discussão sobre as condições de institucionalização de crianças e jovens.

Entidades políticas portuguesas alertam, justamente, para a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o impacto das condições disruptivas presentes nas histórias de vida destes jovens - quer no contexto familiar, quer no institucional - com a finalidade de implementar novas estratégias de prevenção e intervenção e novas políticas de funcionamento das instituições, para que se torne possível alcançar a finalidade última das instituições de protecção.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Conceptualização de Família

A família é o sistema humano por excelência, no qual o indivíduo se forma e desenvolve (Relvas, 1996). O indivíduo não é só produto da biologia, mas da interação desta com a cultura, e só se pode compreender na sua totalidade quando olhado no contexto das relações em que se insere, relações essas que compõem e formam os sistemas humanos e sociais.

Neste enquadramento teórico adopta-se a seguinte conceptualização de família: *“a família é um grupo de indivíduos que interactiva e conjuntamente respondem a duas funções básicas para todos e cada um dos elementos pertencentes a esse mesmo grupo: uma que permite, por um lado a individuação, o crescimento e desenvolvimento pessoal individual, fornecendo, por outro lado a cada um desses mesmos elementos um sentimento que, com Minuchin (1979) poderíamos chamar de pertença (função interna). Outra que permite a transmissão da cultura em que o grupo se insere aos elementos da geração mais nova (função de socialização ou externa). Quando os indivíduos se reúnem num qualquer grupo, estabelecendo sistematicamente entre eles relações que se organizam no sentido anteriormente referido, o desenvolvimento do indivíduo é feito no seio de um conjunto de vínculos que lhe dá suporte e lhe fornece um sentimento de pertença para se individualizar – estamos perante uma família”*(Relvas, 2000, pp. 443)^a.

Nesta definição, destacam-se diferentes noções, a ser aqui exploradas de forma a operacionalizar e sistematizar o significado de família e a explicitar o porquê da sua centralidade na tentativa de compreender o comportamento humano. Entre eles, constam os seguintes: (1) noção de grupo; (2) noção de *interacção, relação e os vínculos afectivos* que dela derivam; (3) noção de *função* (4) noção de *desenvolvimento familiar e individual*.

Em primeiro lugar, a noção de grupo (1) é correlativa à de indivíduo. Trata-se de um binómio central neste âmbito de estudos que vem, pela primeira vez, ser operacionalizado de forma sistematizada por Von Bertalanffy, no contexto da sua elaboração teórica, da *Teoria Geral dos Sistemas* (1945) e que vem pôr em evidência as estruturas epistemológicas de toda e qualquer conceptualização teórica no âmbito de estudos da família, i.e. da psicologia da família.

Este autor propõe uma compreensão do ser humano à luz da complexidade que caracteriza todas as relações que este estabelece com o meio. A noção de grupo toma aqui uma dimensão sistémica que contempla, na sua definição, não só os indivíduos que o compõem, mas a totalidade das relações estabelecidas entre si e os seus atributos (Watzlawick et al., 1972).

Neste contexto, na tentativa de definir e compreender, quer a família quer o indivíduo, referimo-nos, necessariamente, a um complexo ou um todo, constituído por partes em inter-relação, indissociáveis entre si, ou seja, em que as partes estão inscritas no todo e vice-versa, obrigando, assim, a conhecer o todo através das suas partes e, simultaneamente, conhecer as partes através do todo em que se inserem (Von Bertalanffy, 1945, cit. por Relvas, 2000). Uma vez assumida esta visão de família, passa-se a compreendê-la enquanto um sistema humano, que se define enquanto uma entidade única, com uma identidade grupal e individual própria, construída na relação.

Constatada, assim, a indissociabilidade entre o conceito de grupo, indivíduo e de relação, passa-se ao segundo conceito acima evocado o de *interacção* (2), melhor explicado por uma das noções estruturais no pensamento sistémico, a de propriedades dos sistemas, dentre as quais, a fim de realçar a centralidade do conceito de interacção neste âmbito, se destacam duas: a ideia de que a família é um todo maior do que a soma dos seus elementos, pois dela também fazem parte o conjunto de relações entre estes (conceito de totalidade) e a ideia de que as relações humanas pautam-se por uma dinâmica interaccional entre os elementos da família e respectivos atributos, de forma circular (por oposição à noção de uma dinâmica estrutural e linear de causa-efeito), assente em trocas entre os indivíduos de reciprocidade e interdependência. A importância desta noção no âmbito de um esforço de compreensão do funcionamento individual e grupal, remete-se para o facto de nos fornecer uma visão do comportamento enquanto produto, não só das características individuais de cada elemento de um sistema, mas também das características do outro e das dinâmicas relacionais de reciprocidade entre ambos estabelecidas.

Neste sentido pode-se assumir que “(...) *as ligações entre pessoas e comportamentos será feita de modo circular, através de definições mútuas e recíprocas, ou seja, através da relação, na qual não se pode determinar, com rigor, um princípio, meio ou fim. (...) qualquer comportamento será, simultaneamente estímulo e resposta*”. Esta noção de circularidade dos eventos, percorre todo e qualquer exercício lógico no entendimento do sistema familiar, desde o âmbito da sua definição, ao âmbito do seu funcionamento, desenvolvimento, organização, funções e relação com outros sistemas. (Relvas, 2000)

É neste contexto que se impõe a explicitação dos conceitos acima evocados, o de *função* (3) e de *desenvolvimento individual e familiar* (4). Neste âmbito, pode-se equacionar o conceito de função em dois níveis de análise complementares entre si no que diz respeito ao seu âmbito de actuação: um referente ao funcionamento interno da família e dos seus elementos, que nos

remete para a função de construção de um sentimento de pertença ao sistema familiar, e o segundo referente à sua relação com os sistemas que lhe são exteriores e em que se insere, que nos remete para a função de autonomização.

No primeiro nível, a função interna do sistema familiar é a de criar um sentido de pertença ao grupo, promovendo, simultaneamente, a individualização dos seus elementos (função interna) (Minuchin & Fishman, 1990; Relvas, 2000), pelo que se assume que o conjunto dos padrões relacionais e vínculos estabelecidos no seio da família em conjugação com as necessidades individuais influenciam-se reciprocamente e estão na base da construção transformação ou manutenção do significado e da identidade, do próprio, da família e da realidade, o qual, dependendo do grau com que o indivíduo o reforça ou rejeita, constituirá a matriz fundamental subjacente à forma como este irá perceber e decodificar o seu mundo interno e relacional ao longo do seu ciclo de vida, nos seus mais variados domínios. No segundo nível de análise, o foco direcciona-se para as dinâmicas relacionais estabelecidas com o exterior, sendo que neste contexto, a função externa da família é a de garantir uma relativa abertura com o exterior, de forma a ser um veículo de transmissão das crenças e valores culturais da sociedade em que se insere, através da promoção da socialização dos seus elementos com os sistemas não familiares.

Por outro lado o *desenvolvimento da família* ocorre através da sua capacidade de auto-organização e regulação própria, organizada por um sistema de regras e significados próprios, construídos na relação, através de um processo de contínuas negociações e ajustes entre as necessidades grupais e individuais (Relvas, 1996). A noção de conflito assume aqui um papel fundamental nesta dinâmica de gestão do equilíbrio entre as necessidades de cada elemento e as necessidades do grupo, na medida em que é através dele que se criam oportunidades de crescimento e mudança através de estratégias de resolução dos mesmos que permitam adaptar ou até mesmo (re)construir a configuração familiar de forma a dar resposta às exigências que caracterizam a realidade pela qual a família está a passar.

Neste sentido, entende-se aqui, que a família trata-se de uma entidade definida pela “emergência dos elementos que o compõem” (Morin, 1992, *cit.* por Relvas, 2000, pp.442), na qual os indivíduos têm um papel fundamental e insubstituível na sua criação, manutenção e transformação, cujas dinâmicas relacionais estão organizadas e estruturadas em torno de finalidades comuns, que lhes conferem uma identidade e significado único e complexo, construído conjunta e reciprocamente, ao longo do tempo e que, segundo Bertalanffy (1945) são

de natureza ordenada, organizadas por uma lógica dinâmica e circular de causas e efeitos. A mudança na família implica, assim, necessariamente uma mudança nos indivíduos que a compõem e uma mudança num dos elementos da família, implica uma mudança no sistema familiar, isto é, indivíduo e família co-evoluem em simultâneo ao longo do ciclo de vida (Bateson, 1987, cit. por Relvas, 2000). Desta forma, a unidade familiar não é estática, está em constante mudança, tendo a capacidade de se adaptar e mudar enquanto mantém a sua continuidade (Minuchin & Fishman, 1990).

Em última análise, considera-se que o sistema constrói-se através da sua coerência, assente num sentido de pertença e identitário sólido que permite, por um lado, manter a família enquanto conjunto de relações e interações e movimentos interactivos que o fazem existir, crescer, evoluir, mudar como estrutura, mantendo-se como grupo (Relvas, 2000), e por outro garantir a execução do processo de individuação e autonomização dos seus elementos.

Adoptando uma perspectiva integradora das definições abordadas, no sentido da sua complementaridade, evoca-se a seguinte citação de Minuchin *“a família é um sistema sociocultural aberto e em constante transformação e desenvolvimento, modificando-se através de desequilíbrios de união e de mecanismos de autocorreção, passando por isso por estádios de desenvolvimento que obrigam a uma adaptação constante ao longo do tempo”* que constitui a matriz fundamental do desenvolvimento humano, em consonância com os valores e crenças da sociedade em que se insere, de forma a garantir a estabilidade e continuidade da sua cultura (Minuchin, 1981, p. 54, cit. por Relvas, 2000).

1.2. Conceptualização do Self

Na tentativa de definição do conceito de *self* começa-se por sublinhar que existem diversas conceptualizações do constructo, tantas quantas esta afirmação foi já feita em investigações anteriores. Fazemo-lo no sentido de realçar a centralidade do conceito no estudo do ser humano e por conseguinte, no contexto específico da Psicologia. A teorização acerca da sua natureza, enquanto um constructo integrador do nosso significado global, veio influenciar inúmeras áreas da psicologia, designadamente em clínica, sendo que se trata de um dos principais protagonistas da teorização em torno da explicação dos processos psicológicos no âmbito da normalidade e da patologia e por consequência, objecto de grande controvérsia e diversidade.

A fim de responder às necessidades de fundamentação teórica da presente investigação, adopta-se aqui uma linha de pensamento integrativa, numa procura de complementaridade entre

perspectivas teóricas diversas. No entanto, assume-se, desde já, uma visão do self essencialmente virada para a sua dimensão desenvolvimental, definindo-o enquanto uma entidade de relativa estabilidade, cumulativo e circular, situado num tempo e num espaço social e cultural definidos, que decorre da e na interacção da pessoa com o outro e o contexto, na medida em que é através e na relação com o outro que são construídos e atribuídos significados ao eu e aos acontecimentos de forma a dar um sentido coeso e coerente às nossas experiências.

Neste contexto o autoconceito surge como um constructo teórico que se reporta, em termos gerais, “às crenças, atitudes e sentimentos que o indivíduo desenvolve acerca e em relação a si mesmo” (Alsaker & Kruger, 2006), tratando-se de um constructo multidimensional, no sentido em que envolve um conjunto de representações cognitivas e afectivas de self, em diferentes circunstâncias e com diferentes atributos, que englobam descrições e avaliações de diversas facetas do seu comportamento e das suas experiências, nomeadamente ao nível das competências académicas e sociais, aparência, aptidões, ou a globalidade dos seus atributos (Shavelson, 1981). Constitui, assim, a parte multifacetada do *self*, que se define como um sistema dinâmico e relativamente mutável e que contrasta com as restantes dimensões do self, de cariz estrutural, unitário e estável, que se definem e concretizam na Identidade do sujeito.

Na mesma linha de pensamento, surge Rosenberg (1979) que vem salientar, não só a natureza plural do autoconceito, mas também a sua dimensão valorativa – a autoestima, que apesar de se tratarem de conceitos muitas vezes confundidos, distinguem-se um do outro na medida em que o autoconceito inclui “a totalidade dos pensamentos e sentimentos que o indivíduo deposita em si mesmo”, sendo estes de natureza descritiva, ou seja, todos os processos cognitivos subjacentes às representações que o indivíduo tem de si mesmo; e de natureza valorativa, que englobam os movimentos de auto-avaliação valorativos e de carga afectiva, que se traduzem no grau de satisfação ou insatisfação que o indivíduo apresenta com a percepção que tem de si, i.e. auto-estima.

Estes processos cognitivos e afectivos envolvidos no autoconceito, definem-se enquanto representações afectivas e experienciais conscientes e inconscientes que constituem, em última análise a unidade básica deste constructo e, de forma organizada e coerente, reflectem a forma como o indivíduo pensa e sente sobre si e sobre os outros. Apresentam a função de regulação de um vasto leque de comportamento posterior e condicionam de forma constante a qualidade e a forma como o eu e as relações são experienciadas ao longo do ciclo de vida (Shavelson, 1981). A sua construção tem início nas transacções interpessoais entre o bebé e o seu prestador de

cuidados e segue um processo natural de maturação e de desenvolvimento de padrões relacionais progressivamente mais complexos, que seguem uma coerência temporal crucial que se traduz numa linha de desenvolvimento sequencial, gradual e ordenada, partindo de um estado de inactividade ao nível afectivo e físico para, através da relação, adquirir progressivamente um estado simbólico e abstracto (Blatt, Auerbach & Levy, 1997).

Investigação sobre os padrões de vinculação na infância sugere que a criança estabelece *Modelos de Funcionamento Interno* de relações de vinculação que são relativamente estáveis ao longo do tempo e que influenciam a trajectória do individuo durante a adolescência e vida adulta. Estes modelos de funcionamento interno, são construídos numa regulação mútua na interacção com a figura de prestação de cuidados primária, e definem-se como um conjunto de regras conscientes e inconscientes de organização de informação relevante para experiencias relacionais de vinculação que variam em termos de flexibilidade adaptabilidade e maturidade. Neste sentido, poder-se-á afirmar que estes modelos tanto derivam como determinam a experiencia do *self* na rede de relações interpessoais (Bolby, 1973).

O desenvolvimento humano pode, portanto, ser visto como um processo contínuo ao longo do ciclo de vida, de esquemas com uma maturidade e complexidade cada vez maior que podem, por um lado, envolver representações consensuais e proporcionais à realidade, ou por outro, distorções primitivas e patológicas da realidade (Blatt, Auerbach & Levy, 1997).

O primeiro caso ocorre quando estas exigências do meio envolvente – meio relacional e contextual - são apropriadas tornando assim possível que as estruturas cognitivas já existentes se desenvolvam de maneira a acomodar-se às perturbações experienciadas, ou seja, às ambiguidades inerentes à realidade relacional e humana. Como resultado destas transformações graduais em resposta às circunstâncias do meio, as representações passam a organizar, modelar e guiar de forma mais consistente o comportamento interpessoal numa sequência desenvolvimental bem definida.

No entanto, em casos de desfasamento considerável entre as exigências do meio e a capacidade de acomodação das estruturas cognitivas e afectivas já existentes, ocorre o segundo caso, dando origem a potenciais perturbações do desenvolvimento. A desadequação dos estímulos/respostas do meio pode constituir uma sobrecarga na capacidade das crianças de acomodação às ambiguidades do meio e, por isso, comprometer o desenvolvimento normal das suas capacidades representacionais. Sublinha-se que este fenómeno subjaz diversas formas de

psicopatologia que envolvem distúrbios específicos nas estruturas e conteúdos dos esquemas cognitivos e afectivos do *self* e do outro, potencialmente decorrentes de situações de inconsistência, ambiguidade e instabilidade nas relações precoces de vinculação (Blatt, Auerbach & Levy, 1997).

1.3. Desenvolvimento em Contexto de Acolhimento Institucional e em Contexto Familiar

O Acolhimento institucional consiste numa medida de promoção e protecção de crianças e jovens em perigo que pretende constituir uma resposta social, desenvolvida em equipamento, que permita retirar a criança ou jovem do contexto problemático e proporcionar-lhe uma realidade, o mais aproximada quanto possível, da realidade familiar, de forma a assegurar as condições necessárias ao seu desenvolvimento sustentável ao nível socio-afectivo, emocional e físico, e assim reparar os danos causados ao longo da sua história de vida prévia ao acolhimento.

Apresenta-se, assim, como uma resposta às necessidades das crianças e jovens que, por uma conjugação de múltiplos factores de diversas ordens, viram violados os seus direitos e/ou integridade física e psicológica, quer de forma activa, quer de forma passiva, pelos seus principais cuidadores (sejam estes os pais ou outros elementos familiares e não familiares).

As situações que mais frequentemente dão origem a medidas de acolhimento institucional recaem sobre situações nas quais as responsabilidades parentais deixaram de ser assumidas, quer por incapacidade, quer por negligência e, nos casos mais graves, por abandono. Surgem, ainda, situações de abusos como causa da retirada das crianças dos jovens às famílias, sendo que estes podem tomar forma sob abusos físicos, psicológicos e sexuais (Ministério do Trabalho e Solidariedade social, 2007).

Em qualquer um dos casos, deparamo-nos com situações que se qualificam enquanto maus-tratos que se inscrevem, geralmente, no seio de famílias multiproblemáticas, que se caracterizam por apresentarem uma desvantagem e privação socioeconómica e cultural, marcadas pela pobreza, histórias de alcoolismo e toxicodependência e, ao nível do funcionamento familiar, elevados níveis de conflitualidade, que estão muitas vezes associados a padrões de disfuncionalidade que se traduzem em situações de práticas parentais inadequadas, violência conjugal e/ou parental (Soares, 2007).

Esta instabilidade que, como se constata, geralmente caracteriza os cuidados que são prestados a estas crianças e jovens, pautam-se por práticas parentais inaceitáveis e por rupturas sucessivas de relações significativas, que muitas vezes têm um carácter acumulativo, e põem em causa a capacidade

do individuo de gerir e adaptar às tarefas de desenvolvimento normativas para a sua faixa etária.(Salzinger, Feldman, Hammer & Rosário, 1993)

Outra situação, típica do funcionamento destas famílias que merece atenção, é a tendência para ocorrer uma inibição do contacto com o meio exterior, nomeadamente escolar, social e comunitário. Esta negação do acesso ao mundo exterior, traduz-se, não só em níveis elevados de absentismo escolar, e portanto no desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem e atrasos específicos na aquisição de competências cognitivas por falta de estimulação (Kaufman & Cicchetti, 1989) mas também reduz significativamente o acesso a experiências interpessoais fundamentais para a aquisição de competências relacionais e sociais do individuo, levando assim a um aumento da probabilidade de desenvolvimento de padrões relacionais disfuncionais, tais como, inadequação social, desenvolvimento de estratégias de resolução do conflito ineficazes e incapacidade de travar e manter relacionamentos.

A criança e o jovem, nesta realidade, vão apresentar dificuldades em distinguir o que é desejável e aceite, do que é de facto punível e indesejável, uma vez que, dada a arbitrariedade da violência a que são sujeitos, não serão capazes de interiorizar regras de forma coerente e consistente que lhes permita distinguir o bem do mal (Toth, Cicchetti, Macfie & Emde, 2010). Por outro lado os padrões de comunicação inadequados que marcam as aprendizagens no contexto familiar, irão, em conjunto com o pobre contacto social e com o meio escolar, resultar numa atrofia das competências relacionais e sociais.

Em ambos os casos pode, ainda, acontecer uma identificação com o papel do agressor, como forma de mecanismo de defesa em situações de ataque, humilhação ou abandono e de forma a compensar a falta de controlo e de poder sentidos na relação estabelecida com a figura do abusador: “esta defesa permite que os medos de desânimo e aniquilamento sejam substituídos pelos de poder e onipotência” (Green, 1985, *cit.* por Alberto, 2004).

Por outro lado, a vida numa instituição, representa igualmente, uma serie de obstáculos ao desenvolvimento saudável destas crianças e jovens, começando logo à partida no momento da separação do contexto familiar que, apesar de agressor, consiste na única referência afectiva que conhecem (Sigrid, 2004).

As características inerentes à maior parte das instituições, designadamente, o atendimento padronizado, i.e. direccionado para o grupo e não para o individuo, a regulamentação excessiva das rotinas quotidianas, o número elevado de crianças ou jovens por técnico e a rotatividade de

educadores de referência cuja presença obedece a um cumprimento de horários, pode exercer ao nível do desenvolvimento do *self* fragilidades marcadas que condicionaram a construção da autonomia pessoal e do projecto de vida, o bloqueio na construção de vínculos e expressão de afecto, que serão tanto mais graves quanto maior for o período de acolhimento (Smith, Stormshak, Chabernlain & Whaley, 2001).

Esta regulamentação excessiva da vida quotidiana, que pode, por um lado transmitir um sentimento de artificialidade dos vínculos na instituição e por outro ser invasora da própria individualidade e intimidade, em conjunto significam perdas a diversos níveis que, a acrescentar à perda do único contexto familiar que conheciam, significa uma ausência de sentimentos de segurança e de pertença e portanto, o desenvolvimento de sentimentos de desamparo, desvalorização do auto-conceito, níveis baixos de auto-estima e sentimentos de falta de valor pessoal que, em última análise, se traduzem em factores acrescentados de disfuncionalidade e perturbação que comprometem um desenvolvimento ajustado. (Young, 1990 *cit.* por Bruskas, 2008).

Por outro lado, a falta de acompanhamento individualizado, e a preocupação excessiva em dar resposta necessidades funcionais das crianças e jovens, negligenciando-se o investimento na relação e por isso na formação de vínculos afectivos securizantes e da personalidade, representa um obstáculo à construção de uma identidade diferenciada e coesa, isto porque no sentido de adquirir representações de si positivas, fundamentais para o desenvolvimento de sentimentos de valor próprio, é necessário experienciá-las na relação, através de feedback positivo e validações consistentes, principalmente se as experiencias relacionais prévias tiverem sido marcadas por sucessivas desqualificações e agressões tão frequentes nestas crianças e jovens. (Bruskas, 2008).

Neste panorama de sucessivas dificuldades e obstáculos no desenvolvimento destes jovens, importa salientar que se encontraram evidências no sentido da existência de diferentes factores que influenciam o sucesso ou insucesso na capacidade de fazer face às adversidades inerentes a estas realidades familiares e à vida em acolhimento institucional, sendo eles de ordem individual, ie. idade, género, etnia, características da personalidade, tipo de vinculação prévia aos pais, percepção que tem em relação às causas da separação, história de acolhimentos prévios e causas do acolhimento; características da família de origem, i.e. incidência de comportamentos desviantes por parte dos progenitores, consumo de substâncias e álcool, tipo de dinâmicas que estiveram na origem do acolhimento e grau de envolvimento na vida das crianças ou jovens depois do acolhimento; e características da instituição, i.e. o tipo de resposta, número de crianças e jovens acolhidos, grau de qualificação dos técnicos e educadores, capacidade de trabalho em equipa e de cooperação, a duração

do internamento, a idade de saída, a qualidade dos contextos pós-institucionais constituem outros dos factores que podem ser significativos no desenvolvimento, bem-estar e sucesso das crianças e jovens que vivenciaram a institucionalização.

Este contexto de factores de risco, não só o passado de maus-tratos, mas também retirada e separação da família biológica e as vivências pouco satisfatórias e gratificantes no contexto institucional, constituem eventos traumáticos que afectam o desenvolvimento imediato e futuro da criança em vários domínios com diferentes níveis de intensidade, desde um nível específico ao global, já que o atraso no desenvolvimento de determinadas competências irá arrastar consigo atrasos globais (Bolby, 1998) e torna estas crianças e jovens particularmente vulneráveis ao desenvolvimento de perturbações psicopatológicas (Cicchetti e Kim, 2006), com repercussões na vida adulta, nomeadamente no que toca à vulnerabilidade a novas situações de violência, originando processos de revitimização sucessiva (Classen, Palesh, & Aggarwal, 2005).

A Psicopatologia do Desenvolvimento apresenta-se, aqui, um quadro de referência útil na compreensão destes processos patológicos. Crianças expostas a pobreza, negligência e contextos institucionais, manifestam maior tendência a apresentar quadros clínicos de depressão, problemas sociais, ansiedade e stress pós-traumático e a maior parte das crianças acolhidas experienciam sentimentos de confusão, medo do desconhecido, apreensão, tristeza, ansiedade e stress (Cicchetti & Kim, 2006), bem como risco de suicídio, comportamentos de risco. (Carr et. al, 2010).

De forma geral o quadro psicopatológico frequentemente observado em crianças e jovens com passado de maus-tratos acompanhado por sucessivas institucionalizações em centros de acolhimento, caracteriza-se por distúrbios emocionais, perturbações de identidade e de diferenciação do *self* (autoconceito e auto-estima negativo e auto imagem desvalorizada, expectativas negativas sobre o futuro e ausência de referências temporais e espaciais); bem como perturbações no desenvolvimento relacional e afectivo traduzidas em relações sociais pobres e inadequadas, muitas vezes associadas a psicopatologia da vinculação. Ao nível comportamental, a par de problemas de internalização já referidos (sintomatologia depressiva, desorganização de conduta) surgem problemas de externalização, designadamente, controlo pobre dos impulsos associado a baixa tolerância à frustração e procura de gratificação imediata, comportamentos destrutivos, condutas desviantes, desresponsabilização face às eventuais consequências dos actos praticados (Wolfe e Pierre, 1993)

Importa, no entanto, sublinhar que algumas crianças manifestam grandes níveis de resiliência que lhes permitem executar essas tarefas de forma competente, independentemente da adversidade das

condições em que cresceram (Cicchetti & Rogosch, 1997; Moran & Eckenrod, 1992). Estudos realizados no âmbito dos efeitos a longo prazo dos comportamentos maltratantes dos pais na relação com os filhos, no que toca às trajectórias e desenvolvimento da personalidade e de estratégias inadaptativas de ajustamento, chamam à atenção para a importância dos dois processos de personalidade centrais na auto-regulação, autocontrolo e resiliência, como indicadores distintivos de trajectórias adaptativas e de trajectórias inadaptativas com resultados psicopatológicos.

A importância destes estudos prende-se com uma visão do desenvolvimento da psicopatologia assente na tentativa de compreender a relação entre os factores de risco ou protectores e do papel da resiliência, isto porque, seguindo esta perspectiva, impõe-se o estudo dos mecanismos individuais e familiares ou sociais que lutam contra a trajectória do risco para a psicopatologia no sentido de uma posterior elaboração de planos de prevenção e de intervenção em contextos de risco.

O foco na diversidade nos processos e nos resultados significa, por um lado que se considera que multifactores contribuem para o desenvolvimento de uma disfunção e por outro que esses factores e as suas contribuições relativas ou específicas, não são sempre iguais entre os indivíduos (indo de encontro com os princípios base da Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanfly (1986)).

Adoptando esta linha de pensamento, analisa-se esta realidade contemplando simultaneamente as características individuais das crianças e jovens acima referidas, as características da família de origem e as características dos serviços institucionais, de forma a, compreendendo as relações entre as três dimensões, conhecer os factores que predizem uma maior resistência a situações adversas ou por oposição a uma maior vulnerabilidade, de forma a posteriormente elaborar planos de prevenção e de intervenção em contextos de risco.

2. Metodologia

Neste capítulo, explicitam-se os parâmetros gerais que delinearam o desenho da investigação e a grelha epistemológica que lhe subjaz, para seguidamente se caracterizar os objetivos, a amostra, os instrumentos e os procedimentos de recolha e análise de dados.

2.1. Desenho da Investigação

Na presente investigação propõe-se uma análise compreensiva das representações de *Self* e de Família em jovens inseridos em diferentes contextos familiares, considerando eventuais sinais psicopatológicos associados.

Neste sentido procedeu-se a uma análise de dados qualitativos, obtidos através de metodologias narrativas sobre representações de família, e de dados obtidos a partir de metodologias quantitativas, designadamente de instrumentos standardizados de avaliação de percepções do *Self* e de personalidade e psicopatologia. A investigação delineada é de tipo transversal, com momento único de recolha de dados, e segue uma orientação de tipo diferencial, de comparação de grupos.

2.2. Questão Inicial

A questão de partida subjacente à investigação foi a seguinte: *“Quais as relações entre representações de self e família em jovens em acolhimento institucional? Haverá potenciais associações a sinais psicopatológicos? Existirão diferenças por comparação a jovens integrados em contexto familiar normativo?”*

2.3. Objectivos da Investigação

Esta investigação tem por base a perspetiva teórica do desenvolvimento e da perspetiva da psicopatologia do desenvolvimento, reconhecendo a importância das trajetórias de vida na construção da personalidade e do *self*. Os percursos de vida dos jovens em contexto de acolhimento institucional são assinalados por dificuldades diversas e associados a fatores de risco acrescidos face a jovens em contextos normativos. Nesta linha de pensamento, apresentam-se os objectivos definidos para o presente estudo a um nível geral e específico:

Objectivo geral 1: Caracterizar as representações de *self* e de família em adolescentes em contexto de acolhimento institucional.

Objectivos específicos:

- a) Caracterizar as dimensões fundamentais das representações de família
- b) Caracterizar as dimensões fundamentais das representações de *self*
- c) Caracterizar as associações das representações de *self* às de família

- d) Identificar sintomas de sofrimento e/ou perturbação psicológica
- e) Identificar características de personalidade e sinais psicológicos
- f) Identificar factores de risco e de resiliência

Objectivo geral 2: Caracterizar as representações de *self* e as representações de família em jovens em contexto familiar normativo

Objectivos específicos:

- a) Caracterizar as dimensões fundamentais das representações de família
- b) Caracterizar as dimensões fundamentais das representações de *self*
- c) Caracterizar as associações das representações de *self* às de família
- d) Identificar sintomas de sofrimento e/ou perturbação psicológica
- e) Identificar características de personalidade e sinais psicológicos
- f) Identificar factores de risco e de resiliência

Objectivo geral 3: Identificar as diferenças entre jovens em contexto de acolhimento institucional e em contexto familiar normativo relativamente aos padrões de adaptação e/ou disfunção.

Objectivos específicos:

- a) Identificar semelhanças e diferenças nas dimensões fundamentais das representações de *self* e de família
- b) Identificar semelhanças e diferenças na forma como se associam as representações de *self* às de família.
- c) Identificar semelhanças e diferenças ao nível das características gerais de personalidade e de psicopatologia .
- d) Averiguar se ocorrem diferenças ao nível dos factores de risco e de resiliência.

2.4. Mapa de Investigação

Com vista a explicitar os objectivos gerais e as relações entre os conceitos fundamentais em investigação, bem como a respectiva operacionalização, passa-se à apresentação do mapa de investigação (ver Fig. 1). Tendo por referências as linhas teóricas de orientação sistémica, designadamente no que toca a uma visão do individuo na sua dimensão desenvolvimental e relacional, propõe-se uma análise das representações que os jovens têm de si e do seu contexto relacional por excelência, a Família através do Family Aperception Test (FAT), da Tennessee Self Concept Scale (TSCS:2) e do MMPI-A.

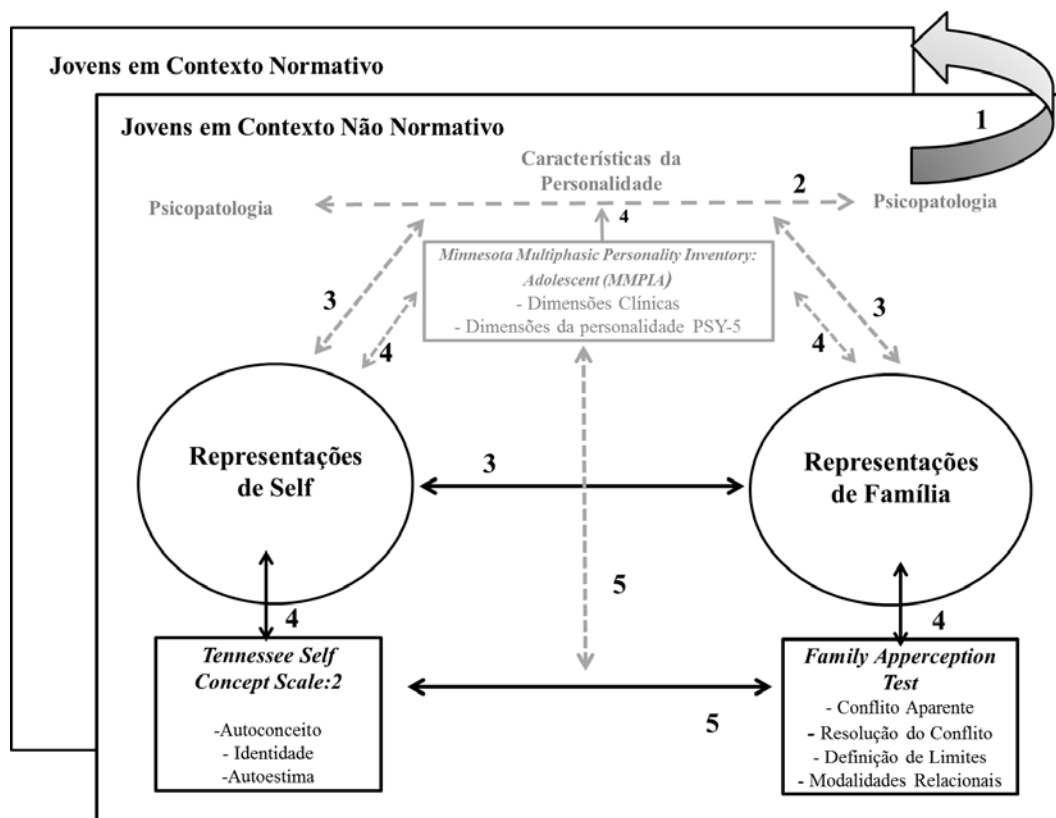


Figura 1 - Mapa dos Constructos e das Variáveis de Investigação nas Duas Amostras

Nota. 1 Comparação das duas amostras em estudo; 2 Definição do constructo enquanto linha contínua entre a normalidade, i.e. o centro, e a patologia, i.e. os extremos; 3 Relação entre os constructos; 4 Relação de cada constructo com os instrumentos e respectivas dimensões operacionalizadas; 5 Relação das dimensões operacionalizadas através dos instrumentos.

2.5. Questões de Investigação:

Pretendendo dar resposta aos objectivos apresentados para este estudo, desenvolveram-se as seguintes questões de investigação:

“Quais as especificidades das representações de self e de família em jovens em contexto de acolhimento institucional, por comparação com jovens em contexto familiar normativo?”

“Quais as especificidades das relações entre as representações de self e de família em jovens em contexto de acolhimento institucional, por comparação com jovens em contexto familiar normativo?”

“Quais as associações entre estas especificidades e potenciais sinais de sofrimento e/ou perturbação psicológica?”

“Quais os factores de resiliência e de risco em ambas as amostras?”

2.6. Caracterização da Amostra

A presente investigação tem por base duas amostras não probabilísticas constituídas por jovens, provenientes de diferentes contextos de vida contexto familiar normativo (adiante

designada por AN) e contexto familiar não normativo, i.e., contexto de acolhimento institucional (adiante designada por ANN).

Os critérios gerais de selecção dos participantes estabelecidos foram os seguintes: para a AN, os critério de inclusão incluíram uma idade compreendida entre os 14 e os 18 anos, a pertença a um agregado familiar intacto (i.e., com casais não divorciados e sem situações de falecimento de um dos pais), relação de parentesco biológica, sem sinalizações em comissões de protecção de menores e a ausência de sinalização de défices cognitivos significativos ou doenças crónicas incapacitantes. Para a ANN estabeleceu-se como critérios de inclusão o mesmo intervalo de idades, uma duração mínima do período de institucionalização de pelo menos um ano e a ausência de défices cognitivos significativos ou doenças crónicas incapacitantes.

Cada uma das amostras integra 19 participantes com características específicas quanto se passa a apresentar, considerando dados referentes a: (1) à sociodemografia; (2) à família de origem, (3) ao percurso escolar e, no caso da amostra nos jovens em contexto de acolhimento, (4) dados relativos ao percurso de acolhimento institucional.

Ao nível demográfico, ambas as amostras são relativamente homogéneas quanto à variável idade, mas não quanto à distribuição por sexo, com elevado número de raparigas(74% no caso da AN e 58% no caso da ANN). (Ver Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização demográfica nas Duas Amostras

| Amostra Normativa (N=19) | | | Amostra Não Normativa (N=19) | | |
|--------------------------|----|----|------------------------------|-------------|-----|
| | F | % | M(DP) | f | % |
| Sexo | | | | | |
| Masculino | 5 | 26 | | 8 | 42% |
| Feminino | 14 | 74 | | 11 | 58% |
| Idade | | | 15.89(1.05) | 15.66(1.42) | |

Em termos de escolaridade, na AN, a média é de 9 anos com 63% sem nenhuma reprovção e segundo a percepção dos pais dos jovens, 63% destes apresentaram um percurso escolar com algumas dificuldades, entre as quais problemas de atenção e concentração nas aulas (26%). Por outro lado, na ANN, a média de anos curriculares completos é de 7, com 15% sem nenhuma reprovção, e 60% com duas ou mais reprovções, pelo que os cuidadores dos jovens na instituição avaliam o seu percurso com dificuldades, nomeadamente , problemas de atenção e concentração nas aulas (30%), problemas de ansiedade de desempenho(20%), problemas de oposição e de desafio (40%) e de falta de autodomínio e controlo de impulsos(10%). Em termos

de saúde, há a destacar apenas o facto de 16% dos jovens beneficiarem, à data, de acompanhamento psicoterapêutico, na AN e na ANN 63%.

Tabela 2. Caracterização do percurso escolar nas duas Amostras

| | <i>f</i> | % | M (DP) | <i>f</i> | % | M(DP) |
|-------------------------------------|----------|----|-----------|----------|----|------------|
| Escolaridade (Nº de anos) | | | 9.11(1.1) | | | 7.84(2.14) |
| Percurso Escolar: | | | | | | |
| Com dificuldades | 12 | 63 | | 17 | 90 | |
| Sem dificuldades | 7 | 37 | | 2 | 11 | |
| Nº de Reprovações: | | | | | | |
| Zero | 12 | 63 | | 3 | 16 | |
| Uma | 6 | 32 | | 5 | 26 | |
| Duas | 1 | 5 | | 7 | 37 | |
| Três | | | | 1 | 5 | |
| Quatro | | | | 3 | 16 | |
| Problemas sinalizados pela escola: | | | | | | |
| Problemas de atenção e concentração | 5 | 26 | | 5 | 26 | |
| Isolamento | 1 | 5 | | | | |
| Ansiedade de desempenho | | | | 4 | 21 | |
| Comportamentos de oposição | | | | 8 | 42 | |
| Auto-controlo e domínio de impulsos | | | | 2 | 11 | |

Na AN os participantes encontram-se inseridos num agregado composto por quatro elementos, sendo a fratria, em termos médios, de dois a três elementos. A mãe e o pai apresentavam uma média de idades de 46 anos e de 49 anos, respectivamente e cerca de 12 anos completos de escolaridade, ao passo que na ANN em média os jovens encontravam-se, antes do acolhimento, inseridos num agregado composto por cinco elementos, sendo que a média dos elementos da fratria é de quatro. (Ver Tabela A1).

Em termos de percurso institucional, metade da amostra encontrava-se institucionalizada há pelo menos 5 anos, sendo que o motivo que originou a medida de acolhimento em maior número de jovens foi de negligência grave (63%), seguido por abusos sexuais (26,3%) e por abusos físicos (11%) (Ver tabela A3). Dos 20 jovens todos tinham contacto com as respectivas famílias biológicas, sendo que 63% tinham uma vez por mês, e 16% tinham mais do que 4 vezes por mês (Ver tabela A3). Ao nível da qualidade das relações estabelecidas, mais de metade da amostra apresentava uma relação negativa ou muito negativa com a família de origem, 32% apresentava uma qualidade relacional positiva e 11% muito positiva. Em geral os participantes apresentaram níveis de satisfação na instituição positivos, sendo que 90% pelo menos satisfeitos, e 95% dos jovens apresentavam uma relação positiva com os seus cuidadores (Ver tabela A3).

2.7. Instrumentos

Para além dos dados demográficos foram utilizados os seguintes instrumentos: o *F.A.T.* - *Family Apperception Test* (Sotile, Julian III, Henry e Sotile em 1999), a *TSCS:2 - Tennessee Self*

Concept Scale, e o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory – Adolescent* (MMPIA; Butcher et al., 1992), *que passamos a apresentar.*

Ficha de dados sociobiográficos:

Foi construído um questionário que permitisse aceder a dados para caracterizar devidamente cada amostra e para permitir uma análise de resultados mais contextualizada. Considerando as diferenças das condições de vida dos participantes de cada amostra, foram elaborados questionários diferentes. Para a AN, foram solicitados dados relativos a: (1) agregado familiar; (2) aspectos sociodemográficos da filiação (idade, habilitações literárias e profissão); (3) a fratria (sexo, idades, escolaridade); (4) escolaridade do participante; (5) escolar do participante (grau de dificuldades, número de reprovações, problemas de comportamento sinalizados pela escola); (6) saúde física e psicológica do jovem (7) história de desenvolvimento (alimentação, rotinas de sono e desenvolvimento da linguagem); (8) grau de satisfação na escola, no grupo de pares e na família.

Para a ANN, para além dos pontos acima referidos para a AN, procurou-se ainda obter dados relativos ao percurso institucional (data de institucionalização; motivo da institucionalização; eventuais institucionalizações anteriores, nº de cuidadores responsáveis pelo jovem, qualidade da relação estabelecida entre o jovem e os respectivos cuidadores nos centros de acolhimento e grau de satisfação demonstrada pelo jovem na instituição); (11) dados sobre a relação entre o jovem acolhido e a respectiva família biológica (eventuais contactos e respectiva frequência e qualidade); (12) dados sobre o grau de satisfação na escola e no grupo de pares; (13) dados sobre as principais fragilidades e principais forças apresentados pelo jovem.

Family Apperception Test (FAT)

O FAT é um instrumento projectivo criado por Sotile, Julian III, Henry e Sotile em 1999, para avaliar, no contexto da prática clínica, a percepção desenvolvida pelos indivíduos dos respectivos sistemas familiares, tomando em linha de conta aspectos individuais e contextuais dessas mesmas percepções. O teste é aplicável a uma população com uma idade consideravelmente vasta, desde crianças, a partir dos 6 anos, a adultos. É composto por 21 cartões, nos quais estão representadas situações de interacção familiar no quotidiano, que suscitem associações projectivas sobre a qualidade, os processos e as estruturas familiares, natureza dos vínculos afectivos e a existência de conflitos manifestos.

Apesar de ser um instrumento que apela à projecção, o FAT distingue-se dos restantes testes projectivos no sentido em que, não visa os aspectos da realidade intrapsíquica, mas antes a

forma como a pessoa percebe e interpreta as relações familiares, como se percebe a si próprio e se coloca no contexto dessas relações. Neste sentido, o esforço de conceptualização e interpretação assenta numa linha que valoriza a avaliação compreensiva da pessoa integrada no todo em que se insere, focando a avaliação no modo como são vividas as relações e não exclusivamente nos aspectos individuais. Surgem assim, como pano teórico de fundo, conceitos sistémicos, que permitem entender o comportamento da pessoa como resultado de uma interacção com outros membros da família e como tendo uma função no seio da família (Von Bertalanffy, 1968).

Na administração foram seguidas as recomendações do manual do seguinte modo: *“Tenho aqui uma série de imagens que mostram crianças e as suas famílias. Vou mostrar-te as imagens uma a uma. Peço-te que me digas, por favor, o que se passa na imagem, o que se terá passado antes, o que os personagens pensam ou sentem e também como é que a história vai terminar. Utiliza a tua imaginação e, sobretudo, lembra-te de que não há boas ou más respostas no que dirás sobre cada imagem”*. Está previsto um questionamento adicional para clarificação e completamento, se necessário, das narrativas que envolve os seguintes aspectos: *1. O que é que se está a passar? 2. O que se passou anteriormente? 3. O que é que eles sentem? 3. Do que é que estão a falar? 4. Como é que a história vai terminar?.*

Está em curso um processo de investigação em Portugal, com vista ao conhecimento de aspectos normativos. Neste contexto, admite-se a administração de versões abreviadas consoante os objectivos dos estudos e da população envolvida. No presente estudo foram utilizados apenas 15 dos 21 cartões: ***Cartão 1 – O Jantar*** Sugere o conflito familiar ou conjugal e o processo de definição de fronteiras.; ***Cartão 3 – A Punição*** remete para a definição de regras e para a existência de maus-tratos.; ***Cartão 4 – A loja de roupa*** Remete para relações mãe-filha, resolução de conflitos e definição de limites.; ***Cartão 5 – A sala-de-estar*** Põe em evidência a expressão dos conflitos.; ***Cartão 6 –A arrumação*** Remete para relações mãe-criança, na definição de limites, resolução dos conflitos e fronteiras.; ***Cartão 7 – O cimo das escadas*** refere-se a um conflito familiar ou conjugal (muitas vezes em relação à violência doméstica) .; ***Cartão 8–O centro comercial*** Remete para relações mãe/criança, na fratria e entre pares na resolução de conflitos e para a natureza aberta ou fechada do sistema familiar.; ***Cartão 9 – A cozinha*** Remete para o conflito familiar ou conjugal, abuso de substâncias e definição de limites .; ***Cartão 11 – A saída tardia*** Põe em evidência a existência de conflitos nas três gerações e a natureza aberta ou fechada do sistema familiar. ***Cartão 13 – A hora de dormir*** Remete as relações com o pai. A

temática de abuso sexual pode aparecer. **Cartão 15 – O jogo** remete para relações fraternais e para a abertura ou fechamento do sistema. **Cartão 16 – As chaves** Remete para a resolução de conflitos pai-filhos e definição de limites.; **Cartão 17 – A maquilhagem** Explora as relações entre irmãs ou mãe-filha e a abertura ou fechamento do sistema.; **Cartão 19 – O escritório** Remete para a resolução do conflito, definição dos limites e qualidade das relações pai-filha.; **Cartão 20 – O espelho** remete para o conceito de si, auto-estima e identidade.

Tennessee Self Concept Scale (TSCS:2)

A TSCS:2 é um instrumento estandardizado que permite avaliar a percepção do jovem acerca de si em dimensões diversas. Disponibiliza medidas de validade de resposta, de autoconceito global e medidas específicas de referência interna e externa. Na presente investigação, optou-se pela generalidade das medidas que passamos a apresentar.

O **Autoconceito** ou **Sc Total** que diz respeito à percepção e avaliação global do jovem sobre si mesmo e resulta da integração das seis medidas parcelares seguintes: o **Sc Físico** que representa a percepção do jovem relativa ao seu estado de saúde, aparência e competências físicas e sexualidade; o **Sc Moral** que se refere à percepção do jovem no que toca aos seus valores ético-morais e à coerência entre estes e as suas acções; o **Sc Pessoal** que reflecte o grau de integração da personalidade; o **Sc Familiar** relativo à percepção do próprio sobre o *self* em relação ao seu círculo imediato de pessoas significativas; o **Sc Social** que é uma medida de como o *self* é entendido em relação com os outros, ao nível da adequação e valor próprio; e o **Sc Académico** que reflecte a percepção do jovem acerca da sua auto-eficácia académica.

Ao nível das escalas suplementares, há três escalas distintas: a **Identidade** que diz respeito à forma como o jovem se percepçiona e se descreve; a **Satisfação** que reflecte o grau de satisfação do jovem consigo mesmo bem como a vontade de mudança, representando assim uma medida da auto-estima; e o **Comportamento** que diz respeito à forma como o jovem se descreve ao nível das suas acções e do modo como considera ser percebido pelos outros.

De entre as subescalas de validade e de atitude de resposta, seleccionou-se a de **Autocrítica**, que reflecte a capacidade de identificar e assumir fragilidades e defeitos que a maior parte das pessoas admitiria e a subescala **Faking Good** que identifica a tendência do jovem para dar uma imagem de si próprio no sentido positivo.

Minnesota Multiphasic Personality Inventory – Adolescent (MMPI-A)

No presente estudo utilizou-se a versão portuguesa do MMPI-A (Silva, Novo, Prazeres, & Pires, 2006) do Minnesota Multiphasic Personality Inventory – Adolescent (MMPI-A; Butcher et

al., 1992), um inventário de autorrelato composto por 478 itens e que se destina a avaliar a personalidade e a psicopatologia em adolescentes dos 14 aos 18 anos.

Disponibiliza inúmeras medidas finais e perfis, designadamente de validade e clínicas. Ao nível da validade, as escalas mais utilizadas são: a **VRIN e TRIN**: que reflectem o grau de consistência de resposta; a **Infrequency (F)**: Indicador de atipicidade, que reflecte um grau severo de desajustamento ou distorção negativa da imagem de si próprio; a **Lie (L)**: Auto-descrições favoráveis, não realistas e idealizadas; e a de **Defensividade (K)**: Atitudes defensivas na resposta;

O perfil clínico base é composto pelas seguintes escalas: **1. Hipocondria (Hs)** Sintomatologia característica da hipocondria, designadamente preocupações com a saúde e com a doença.; **2. Depressão (D)** Insatisfação global com a vida, apatia e falta de esperança; **3. Histeria (Hy)** Gestão do *stress* de forma histérica; **4. Desvio psicopático (Pd)** Padrão de comportamentos problemáticos, indisciplina, mentira, roubo e abuso de substâncias. **5. Masculinidade- Feminilidade (Mf)** avalia identificação com padrão de interesses associados ao estereótipo do sexo oposto. **6. Paranoia (Pa)** Sintomatologia paranóide, desconfiança, sentimentos de perseguição e rigidez no pensamento. **7. Psicastenia (Pt)** Sintomatologia de natureza obsessivo-compulsiva. **8. Esquizofrenia (Sc)** Bizarria e atipicidade nos processos mentais e na percepção, isolamento social, perturbação do humor, do comportamento e da concentração. **9. Hipomania (Ma)** sentimentos de grandiosidade, irritabilidade, fuga de ideias, egocentrismo e excitação psicomotora. **0. Introversão Social (Si)** Problemas de relacionamento interpessoal, desconforto, isolamento social e baixa auto-estima.

Por fim, os dados podem ainda ser integrados em dimensões psicológicas significativas ao nível especificamente da personalidade e designadas por PSY-5 e são as seguintes: **AGGR** – Agressividade – indica a tendência para o descontrolo dos impulsos, agressões e comportamentos de passagem ao acto; sentimentos de grandiosidade e desejo de domínio social; **PSYC** – Psicoticismo – indica a tendência para comportamentos de natureza psicótica, suspeição em relação aos outros; ansiedade, obsessões e fenómenos sensoriais e perceptivos pouco usuais; **DISC** – Desinibição – indica a tendência para acções impulsivas, baixa aversão ao risco; dificuldade no cumprimento de regras; comportamentos de externalização e comportamentos de abuso de substâncias; **NEGE** – Neuroticismo – indica a tendência para experienciar níveis elevados de sofrimento interno, emoções negativas, ansiedade e culpa; e **INTR** – Introversão – indica a tendência para o isolamento social, reduzida emocionalidade positiva; ausência de energia para actividades e definição de objectivos de vida (low drive). Estas escalas

correspondem a um modelo dimensional que enfatiza os traços ou disposições da personalidade, mais do que quadros de psicopatologia (McNulty, Harkness, Ben- Porath, & Williams, 1997).

2.8. Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados ocorreu distintamente nos dois contextos em estudo, após o contacto com diferentes instituições. No caso da AN, procedeu-se à elaboração de documentos explicativos da natureza e objectivos da investigação e, em seguida, ao contacto com a direcção de uma escola secundária (Escola D. Pedro V). Seguiu-se um contacto com professores do 10º ano e a organização de uma apresentação da investigação a uma turma de alunos, entre os quais seis vieram a manifestar interesse em participar. Foi solicitado o consentimento informado assinado pelos pais e agendadas sessões de aplicação. As primeiras sessões decorreram individualmente, tiveram uma duração de sensivelmente 30 minutos e destinaram-se ao esclarecimento de eventuais dúvidas por parte do jovem e à posterior aplicação do FAT (com a autorização para a respectiva gravação áudio). Para a aplicação dos restantes instrumentos, TSCS:2 e o MMPI-A, considerou-se viável a aplicação em grupo e tal aconteceu pela ordem indicada, o que envolveu, em média cerca de duas horas. Para o efeito foram realizadas as aplicações num espaço escolhido para o efeito e variável, em função das disponibilidades da escola, mas respeitando as condições desejáveis para a aplicação.

A restante amostra normativa foi recrutada a partir de contactos indirectos, tendo sido possível a participação de cinco jovens do Porto, seis jovens da Figueira da Foz e dois de Lisboa. Em qualquer um dos casos, foi realizado um primeiro contacto com os pais, no sentido de explicar os objectivos da investigação e agendar as sessões de aplicação, seguido de um pedido de preenchimento do consentimento informado e do questionário sociodemográfico. Tendo em conta a extensão total do conjunto dos instrumentos, optou-se por duas sessões de aplicação, em momentos distintos, sendo que na primeira foram explicados os objectivos e condições de participação e esclarecidas eventuais dúvidas por parte do jovem e, em seguida administrado a TSCS:2 e o FAT, em cerca de 30 minutos. Na segunda sessão foi administrado o MMPI-A e envolver entre 60 a 90 minutos.

Relativamente à ANN, procedeu-se, em primeiro lugar à elaboração de cartas explicativas dos objectivos da investigação e ao contacto com 12 instituições, das quais 3 acederam participar no estudo: a Casa dos Rapazes e a Casa da Estrela, em Lisboa e o Centro de Acolhimento Rainha Santa Isabel, em Coimbra. Nos dois primeiros casos, após um contacto telefónico e envio de informação explicativa, foi realizada uma reunião com os responsáveis, para a discussão do âmbito do estudo e posterior agendamento das sessões de investigação. No caso do Lar de

Coimbra, a discussão da natureza da investigação e o agendamento das sessões foram feitas por telefone. As sessões de aplicação decorreram individualmente, sendo que as primeiras se destinaram à explicação da investigação e ao esclarecimento dos jovens, bem como à administração da TSCS:2 e do FAT, por esta ordem, sendo a segunda sessão destinada ao MMPI-A. Os locais escolhidos para o efeito variaram em função da disponibilidade dos lares. O tempo de aplicação dos instrumentos foi diferenciado, mas em todos os casos foram realizadas duas sessões de aplicação com uma duração média de 60 a 90 minutos cada, organizadas de modo similar às da amostra normativa.

2.9. Procedimentos de análise de dados

A presente investigação apresenta uma metodologia de análise de dados diferenciada em função das especificidades de cada instrumento. Contudo, após uma primeira análise dos dados qualitativos, estes foram quantificados de modo a permitir uma análise comparativa ao nível dos grupos e dos instrumentos. Os dados foram lançados numa base e analisados posteriormente com recurso ao Software SPSS (versão 22).

Relativamente ao FAT, procedeu-se, numa primeira fase, à codificação das narrativas por dois investigadores independentes, seguida da revisão por parte de um terceiro investigador para resolução de divergências. Foram posteriormente seleccionadas as categorias de análise propostas no manual do teste que vieram a ser alvo de maior acordo inter-avaliadores e integradas categorias complementares de análise consideradas no âmbito do referido grupo de investigação sobre o FAT. Um segundo critério de selecção das categorias veio a ser aplicado posteriormente em função do valor informativo de cada categoria. A determinação de resultados finais foi realizada de duas formas: uma análise das narrativas por cartão e uma análise das narrativas por protocolo. A primeira permitiu conhecer a frequência com que as categorias são representadas nas narrativas de cada jovem e a segunda permitiu aceder às respostas dominantes dos jovens.

Na Tabela 3 são apresentadas as categorias e subcategorias consideradas no estudo.

Tabela 3. Categorias e Subcategorias de análise do FAT

| Categorias Subcategorias | Descrição genérica |
|--|---|
| Conflito Aparente ^{(a)*} Familiar Conjugal Outro tipo Total de Conflitos Ausência de Conflitos Tendência Conflito Aparente ^(b) Presente vs. Ausente | Indica a presença de uma tensão decorrente de uma relação interpessoal |
| Resolução do conflito ^{*a} Tendência de Resolução do Conflito ^b | Indica se a resolução do conflito é expressa explícita ou implicitamente. Está em causa saber se há ou não resolução do |

| | |
|--|---|
| Positiva vs. Negativa/sem resolução | conflito e qual a sua eficácia. |
| Qualidade das relações ^{(a)*} Mãe aliada/stressor Pai aliado/stressor Outro Familiar aliado/Stressor Outro Não Familiar Aliado/Stressor Tendência Qualificação das Relações ^(b) Tendência Qualificação Mãe Tendência Qualificação Pai Tendência Qualificação Outro Familiar Tendência Qualificação Outro Não Familiar | Diz respeito à qualidade das relações familiares em função dos níveis evocados de conforto ou de tensão sentidos nas relações entre os membros da família. |
| Definição de fronteiras ^{(a)**} Fronteiras nítidas/ relações equilibradas Fronteiras difusas/relações emaranhadas Fronteiras rígidas /relações desligadas Tendência Definição de Fronteiras ^(b) Equilibradas vs. Disfuncionais | Avaliação do tipo de limites e regras familiares que regulam as relações entre os familiares de forma a diferenciar os subsistemas, bem como de intercâmbio e passagem de informação entre os mesmos. |
| Maus-tratos ^(b) Total | Indica se na narrativa do jovem há alusão à prática ou à antecipação de comportamento de maus-tratos. |
| Respostas Invulgares ^{(a)*} Total | Indica a presença de conteúdos pouco habituais ou emocionalmente intensos (e.g., perturbação mental, suicídio, morte, violência) ou de processo psicológicos de relevância clínica (e.g., negação manifesta dos aspectos presentes no cartão, processos primários de pensamento). |
| Tonalidade emocional ^(a) Positiva ligeira Positiva moderada Positiva intensa Negativa ligeira Negativa moderada Negativa intensa Neutra Tendência da tonalidade Emocional ^(b) Positiva vs. negativa Tendência da Intensidade Emocional Ligeira vs. Moderada vs. Intensa | Indica os diferentes tipos de tonalidade emocional presentes na narrativa e respectiva intensidade com que são sentidos e vivenciados. |
| Clima Relacional ^{(a)**} Tendência da qualificação do Clima Familiar ^(b) Familiar Positivo; Familiar Negativo; Tendência da Qualificação do Clima Outro ^(b) Outro Positivo Outro Negativo | Diz respeito à percepção positiva vs. negativa das relações familiares e das relações extrafamiliares |
| Hierarquia Familiar ^{(a)**} Tendência da Hierarquia Familiar ^(b) Congruente Invertida | Avalia a funcionalidade vs. disfuncionalidade da hierarquia familiar, sendo que a tónica é posta sobre a organização da estrutura familiar, dos seus subsistemas e adequação dos papéis e funções que lhes são atribuídas. |
| Regulação Parental ^{(a)**} Tendência da Regulação parental ^(b) Adequada Inadequada Aceitação Não Aceitação | Diz respeito à (in)adequação das práticas parentais e à aceitação ou não aceitação destas práticas pelos filhos. |

^(a) Variáveis analisadas por cartão.

^(b) Variáveis analisadas globalmente por protocolo, i.e., considerando o conjunto dos doze cartões aplicados.

* Categorias do manual do teste codificadas segundo as respetivas indicações.

** Categorias propostas e aplicadas segundo as regras definidas no *Apêndice*

Relativamente aos dois instrumentos de auto-administração, foram seguidas as normas dos respectivos manuais para a cotação e determinação de resultados. No caso da TSCS:2 realizou-se a cotação e a determinação dos resultados manualmente, sendo depois os mesmos introduzidos em base de dados. Relativamente ao MMPI-A, foi realizada a cotação, a transformação dos resultados brutos em notas-T, através de um procedimento de leitura óptica das folhas de resposta por um equipamento e programa próprios (Teleform Reader) e transferidos posteriormente para a base de dados no SPSS 22. Os protocolos de MMPI-A foram previamente avaliados relativamente aos indicadores de validade e de consistência de resposta, sendo que um dos protocolos da ANN foi excluído por não respeitar os níveis de consistência de resposta aceitáveis. Sublinha-se, ainda, que face à inexistência de normas Portuguesas do MMPI-A, na conversão dos resultados brutos em notas-T, foi utilizada a norma original americana.

3. Resultados

A apresentação dos resultados que se segue dá resposta à questão de investigação formulada e, seguindo um encadeamento que respeita as especificidades dos objectivos da investigação, está organizada em torno de dois níveis de análise: um primeiro referente à compreensão dos resultados por instrumento; e um segundo referente à compreensão das relações entre os resultados dos três instrumentos utilizados no estudo. Assume-se, em ambos os níveis, a complementaridade entre a análise intragrupos e a análise inter-grupos, no sentido de alcançar a visão mais compreensiva possível dos dados em estudo.

Em primeiro lugar, apresenta-se a análise descritiva dos resultados do *F.A.T.*, seguindo-se os resultados da *TSCS:2*, e finalmente, os resultados obtidos nas Escalas Clínicas e de Validade do *MMPI-A*, bem como das respectivas Escalas de Conteúdo, Suplementares e de *Harris-Lingoes* e Dimensões da Personalidade *PSY-5*. Numa segunda fase ou nível de análise, apresenta-se a análise cruzada dos resultados, designadamente: a análise das relações entre o *F.A.T.* e a *TSCS:2* e o *MMPI-A*; e a análise das relações entre a *TSCS:2* e o *MMPI-A*. Os resultados globais e discriminados por teste e por categoria são apresentados em anexo (ver *Anexo A*).

3.1. Resultados do F.A.T: Análise intergrupos

Conflito Aparente

Na análise das narrativas produzidas pelos jovens ao conjunto dos 15 cartões apresentados, no que se refere à frequência de identificação de conflito, verifica-se que, em valores médios, na Amostra Normativa (AN) o conflito é representado pelo menos seis vezes, e em cerca de 22% dos casos, são identificados entre 10 a 14 conflitos. Na Amostra Não Normativa (ANN), o padrão é semelhante: o conflito é representado pelo menos em sete dos 15 cartões, e 22% representa 12 a 13 conflitos. Atendendo à tendência de resposta no conjunto dos cartões, i.e. à resposta dominante de cada jovem, o comportamento é também semelhante nas duas amostras: 74% apresenta tendência para sinalizar conflito e 26% para não sinalizar conflito. Tal permite concluir que, os jovens das duas amostras correspondem ao solicitado no teste, i.e., são capazes de abordar situações de conflito como suscitado pelos próprios estímulos. Ente o tipo de conflitos representados, observa-se que o “Conflito Familiar” é o mais frequente nas duas amostras (63% da AN reportam este conflito entre duas a seis vezes; 53% da ANN, entre duas a cinco vezes).

Contudo, a representação de “Outro tipo de Conflito”, o qual envolve figuras extrafamiliares, é diferenciada: ocorre uma vez em 56% da AN; ocorre de uma a três vezes em

63% da ANN. Tal poderá indiciar uma maior tendência para a inclusão de figuras não familiares nas narrativas dos jovens da ANN face aos da AN.

Tabela 4: “*Conflito Aparente*” no FAT: Estatística Descritiva

| CATEGORIAS | AMOSTRA NORMATIVA (N = 19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N = 19) | | |
|---------------------|----------------------------|-------------------------------|---------------|--------------------------------|-------------------------------|---------------|
| | <i>Mín-Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a %</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min.-Max.</i> | <i>Mdn(Fac)^a %</i> | <i>M (DP)</i> |
| Familiar | 2 - 8 | 6 (63) | 6.37 (1.89) | 2 - 8 | 5 (53) | 5.32 (1.49) |
| Conjugal | 1 - 4 | 1 (53) | 1.73 (1.10) | 1 - 4 | 1 (53) | 1.79 (1.03) |
| Outro | 1 - 5 | 1 (56) | 1.75 (1.13) | 1 - 5 | 3 (63) | 2.79 (1.36) |
| Total (Conflito) | 6 - 14 | 9 (78) | 9.00 (2.08) | 7 - 13 | 11 (78) | 9.89 (2.11) |
| Ausência (Conflito) | 2 - 8 | 6 (53) | 5.84 (2.46) | 2 - 8 | 4 (53) | 5.11 (2.11) |

Nota. *Mdn(Fac)^a* Frequências Acumuladas até à Mediana

Resolução do conflito

Nesta categoria importa saber qual o comportamento dos jovens das duas amostras relativamente à qualidade das estratégias de resolução dos conflitos, i.e., ao seu carácter (in)adaptativo ou (in)eficaz. Na AN, verifica-se dos nove conflitos identificados, 42% apresentou sete ou mais vezes resoluções positivas (estratégias eficazes) e 37% apresentou duas ou mais vezes resoluções negativas. Na ANN, observa-se um quadro oposto: 42% dos jovens apresentou uma resolução negativa dos conflitos em sete dos 11 conflitos identificados; 26% apresentou apenas quatro ou mais resoluções positivas para o mesmo número de conflitos.

Neste sentido observa-se também ao nível da tendência de resposta dos jovens de cada amostra que, na AN, 79% dos jovens recorreu predominantemente a resoluções positivas e em apenas 21% predomina a evocação de resoluções negativas enquanto no caso da ANN, 42% recorreu tendencialmente a resoluções positivas e em 68% predominam as estratégias de resolução negativa ou a ausência de resolução (Ver Tabela A8).

Estes dados sugerem que as diferentes representações de família das duas amostras se traduzem, não tanto na capacidade de identificação de um conflito, mas sim na qualidade das estratégias de resolução desse mesmo conflito.

Tabela 5. “*Resolução do Conflito*” no FAT: Estatística Descritiva

| | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|-----------------------|--------------------------|-------------------------------|---------------|------------------------------|-------------------------------|---------------|
| | <i>Mín-Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a %</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min.-Max.</i> | <i>Mdn(Fac)^a %</i> | <i>M (DP)</i> |
| Resolução do conflito | | | | | | |
| Positiva | 2 - 11 | 6 (58) | 6.32 (2.47) | 1 - 6 | 4 (74) | 3.63 (1.5) |

| | | | | | | |
|---------------------------|--------|--------|-------------|--------|--------|-------------|
| Negativa ou sem resolução | 1 - 10 | 2 (53) | 3.18 (2.35) | 2 - 12 | 6 (58) | 6.16 (3.04) |
|---------------------------|--------|--------|-------------|--------|--------|-------------|

Nota. *Mdn(Fac)^a* Frequências Acumuladas até à Mediana

Qualidade das Relações

Na análise desta categoria, procede-se à observação da frequência com que os jovens qualificam as relações intra-familiares e extra-familiares enquanto aliadas ou stressoras. De forma geral, não se verificam diferenças entre as duas amostras. Os resultados apontam para o predomínio de qualificação das figuras familiares e não familiares como stressoras, sendo a ocorrência de qualificações positivas, como figuras aliadas, claramente pontual. De destacar a categoria de ‘figuras não familiares’ onde o comportamento dos grupos apresenta ligeiras diferenças: na NA, 21% qualifica-as como stressoras em três ou mais cartões, e 100% qualifica-as como aliadas em apenas um cartão; na ANN, 19% qualifica-as como stressoras em três ou mais cartões, e 40% qualifica-as enquanto aliadas em três ou mais cartões. Verifica-se assim que os jovens da ANN tendem a incluir e representar as figuras extrafamiliares nas narrativas com do que os jovens da AN(Ver Tabela A 4).

Fronteiras

Nesta categoria, referente a regras ou limites que regulam as interações entre o subsistema parental e o subsistema filial, bem como entre a família e o exterior, verificam-se diferenças entre as duas amostras. Na AN 37% dos participantes identificaram *Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas* em sete ou mais cartões, 36% fez referência a *Fronteiras Emaranhadas/Relações Difusas* em três ou mais cartões, e 56% fez referência a *Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas* num ou dois cartões. Na ANN, verifica-se um padrão de resposta oposto: 26% identificou quatro ou mais vezes *Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas*, 8% identificou três vezes *Fronteiras Emaranhadas/Relações Difusas*, e 47% identificou quatro ou mais vezes a ocorrência de *Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas*. O padrão de resposta dominante das amostras revela-se diferente: a ANN tem tendência para a representação de fronteiras disfuncionais, i.e. emaranhadas e rígidas, enquanto a AN apresenta uma tendência para representar um tipo equilibrado de fronteiras(Ver Tabela A10).

Tabela 6. “Definição de Fronteiras” no FAT: Estatística Descritiva

| Categorias | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA(N=19) | | |
|----------------------|--------------------------|----------------------------------|---------------|-----------------------------|-------------------------------|---------------|
| | <i>Mín-Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a</i> % | <i>M (DP)</i> | <i>Min.-Max.</i> | <i>Mdn(Fac)^a</i> % | <i>M (DP)</i> |
| Nítidas/equilibradas | 3 - 10 | 6 (63) | 6.00 (2.24) | 1 - 7 | 3 (74) | 3.11 (1.82) |
| Emaranhadas/difusas | 1 - 5 | 2 (64) | 2.45 (1.57) | 1 - 3 | 2 (92) | 1.69 (.63) |

| | | | | | | |
|--------------------|-------|--------|-------------|-------|--------|-------------|
| Rígidas/desligadas | 1 - 6 | 2 (56) | 2.50 (1.58) | 1 - 7 | 4 (53) | 4.16 (1.74) |
|--------------------|-------|--------|-------------|-------|--------|-------------|

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Mediana

Maus-tratos

A frequência com que os jovens se referiram à existência de algum tipo de abuso entre adultos ou de adultos para crianças (abusos físicos, sexuais, psicológicos ou de substâncias) é diferente nas duas amostras. Na AN, observa-se que apenas 29% dos jovens referiram este fenómeno em um ou dois cartões, ao passo que na ANN o padrão de resposta é distinto, quer na frequência quer na heterogeneidade das referências: 33% reportou-se à ocorrência de maus-tratos entre duas a cinco vezes. Verifica-se assim que os jovens das duas amostras representam situações de maus-tratos, embora tal seja mais frequente na ANN.

Tabela 7. *Maus-tratos no FAT: Estatística Descritiva*

| Categorias | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|-------------|--------------------------|-----------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>Mín- Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a %</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min-Max</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Maus-tratos | 1 – 2 | 1 (71) | 1.29 (.47) | 1 – 5 | 2 (67) | 2.07 (1.16) |

Respostas Invulgares

No que se refere à frequência de narrativas com elementos passíveis de serem codificados como *Respostas Invulgares*, i.e. com conteúdos ou processos não-comuns, verificam-se diferenças entre as amostras: na NA, esta categoria está presente, em todos os jovens, uma vez no conjunto dos 15 cartões; na ANN, 40% dos jovens apresentam este fenómeno duas a sete vezes no total dos cartões. Este tipo de respostas, quando ocorre com alguma frequência, constitui um sinal com valor clínico e requer avaliação.

Tabela 8. *Respostas Invulgares no FAT: Estatística Descritiva*

| Categoria | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|----------------------|--------------------------|------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>Mín-Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min-Max</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Respostas invulgares | 1 - 1 | 1 (100) | 1.00 (.00) | 1 - 7 | 1 (60) | 2.20 (1.99) |

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Mediana

A título ilustrativo, seguem-se alguns exemplos de respostas invulgares dos jovens da ANN:
 CARTÃO nº 4 (Loja de Roupas): “*Não compraram. Quer dizer a mãe comprou. Mas só que a miúda não vai vestir isso. Deve ir queimar.*”

CARTÃO nº 16 (As Chaves): *“olha, acaba com ele emprestando o carro e ele tendo um acidente.”*

CARTÃO nº 1 (Jantar): *“Olha, este se calhar está a pensar em suicídio, ou quer-se ir embora... este não liga tanto, esta está mais à parte, mas também sofre... se calhar sofre mais mas não mostra... este é neutro...”*

Nos dois primeiros exemplos estão em causa tipos de resolução dos conflitos, não só negativos, mas também com recurso a desfechos incomuns e desproporcionais ao contexto que o cartão apresenta, e revelam, mais do que incapacidade para resolver as situações de conflito de forma eficaz, processos de interpretação da realidade e das relações interpessoais com uma carga emocional alterada, extremada e destrutiva. No primeiro, a filha, confrontada com a imposição da mãe, não é capaz de negociar uma decisão que a envolve directamente (situação em que a mãe não respeita as suas preferências e identidade pessoal) e recorre a uma solução destrutiva, “queimar” o vestido, como resposta à contrariedade, o que traduzirá a qualidade e a intensidade extrema da vivência associada à ameaça à identidade pessoal.

No segundo caso, o desfecho da narrativa é dramático, com referência à morte da personagem principal, traduzindo uma atitude destrutiva relativa ao *self*. Ressalva-se a hipótese de o jovem apresentar uma tentativa de chocar pela negativa, no entanto, não deixa de ser representativo do carácter apelativo destas referências de auto-destruição.

No terceiro exemplo, está em causa a vivência perturbada com que as situações de conflito são vividas: ideação suicida por parte de uma criança perante a neutralidade emocional de outra – i.e., num mesmo cartão existem os dois extremos perante um conflito, a autodestruição e embotamento emocional, representando, em qualquer caso, a impossibilidade de gerir as emoções negativas.

Tonalidade Emocional

Esta categoria avalia a valência (positiva ou negativa) e a intensidade das emoções atribuídas a cada personagem ao longo da narrativa.

De forma geral observam-se diferenças entre as duas amostras, sendo de salientar que estas se verificam, não tanto na tonalidade emocional atribuída às personagens, mas sim na intensidade com que estas são vividas.

Analisando as tendências de resposta em ambas as amostras, verifica-se um predomínio das emoções negativas – 74% na AN e 100% na ANN – de alguma forma associado ao facto de as narrativas, de acordo com os estímulos, representarem situações de conflito. Por outro lado,

relativamente à intensidade atribuída às emoções, na AN domina a evocação de intensidade *Ligeira* (68%), enquanto na ANN domina a *Moderada* ou *Intensa* (58%).

Tabela 9. Tendência de resposta nas categorias *Tonalidade Emocional* e *Intensidade Emocional*

| Categoria | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | |
|------------------------------|--------------------------|----|------------------------------|-----|
| | f | % | f | % |
| Tonalidade emocional | | | | |
| Positiva | 5 | 26 | - | - |
| Negativa | 14 | 74 | 19 | 100 |
| Intensidade emocional | | | | |
| Ligeira | 13 | 68 | 6 | 32 |
| Moderada | 6 | 32 | 7 | 37 |
| Intensa | - | - | 4 | 21 |

Clima Relacional

No que diz respeito à qualidade da percepção das relações, os jovens das duas amostras revelam um comportamento distinto, particularmente no que toca à representação das relações familiares. Na AN o clima familiar é identificado, por 47% dos jovens, como positivo, em mais de seis cartões e como negativo, por 47% da amostra, em mais de quatro. O clima relacional não familiar é identificado por 50% da amostra como positivo num a dois cartões e por 60% da amostra, como negativo, num a três cartões.

Na ANN, o padrão é oposto: o clima familiar negativo predomina, já que é identificado por 42% da amostra em mais de seis cartões. O clima exterior ao seio familiar é identificado mais frequentemente quer como positivo quer como negativo: como positivo, por 29% dos jovens, em mais de dois cartões; e como negativo, por 22% jovens, em mais de dois cartões.

Tabela 10. “*Clima Relacional*” no FAT: Estatística Descritiva

| Categorias | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|-------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------|------------------------------|-------------------------|-------------|
| | Mín-Max | Mdn(Fac) ^a % | M (DP) | Min-Max | Mdn(Fac) ^a % | M (DP) |
| Clima relacional | | | | | | |
| Familiar positivo | 2 - 11 | 6 (53) | 6.16 (2.43) | 1 - 6 | 3 (61) | 3.22 (1.59) |
| Familiar negativo | 1 - 9 | 4 (53) | 4.68 (2.14) | 1 - 11 | 6 (58) | 6.26 (2.62) |
| Outro positivo | 1 - 2 | 1 (50) | 1.50 (.58) | 1 - 4 | 2 (71) | 2.14 (1.07) |
| Outro negativo | 1 - 3 | 1 (60) | 1.60 (.89) | 1 - 4 | 2 (78) | 2.22 (.83) |

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Mediana

Em termos de tendência de resposta, mantém-se as diferenças apontadas, com a AN a evocar um clima familiar predominantemente positivo (74%) e a ANN a evocar um clima familiar predominantemente negativo (79%). O clima não familiar é contemplado com maior

frequência pela ANN e é-lhe atribuída uma valência negativa mais frequentemente (42%) do que na AN(21%) (Ver Tabela A13).

Hierarquia Familiar

As duas amostras apresentam um padrão de qualificação semelhante relativamente à funcionalidade da hierarquia familiar. A identificação de uma hierarquia familiar *Congruente* é referida por 47% da AN em oito ou mais cartões, e, pela mesma percentagem, na ANN, em sete ou mais cartões. A identificação de hierarquia familiar *Invertida* ocorre em 17% da AN em três narrativas e na ANN só ocorreu um caso e apenas em um cartão.

A análise das tendências de resposta indica que, nas duas amostras, todos os jovens têm tendência a evocar espontaneamente predominantemente uma hierarquia de tipo *Congruente*(Ver Tabela A).

Tabela 11. “*Tipo de Hierarquias*” no FAT: Estatística Descritiva

| Categorias | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|-------------|--------------------------|------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>MínMáx</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min.-Max.</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Hierarquias | | | | | | |
| Congruente | 4 - 12 | 8 (63) | 8.05 (1.96) | 3 - 11 | 7 (53) | 7.11 (2.33) |
| Invertida | 1 – 3 | 2 (83) | 1.83 (.75) | 1 - 1 | 1 (100) | 1.00 (.00) |

Nota. *Mdn(Fac)^a* Frequências Acumuladas até à Mediana

Regulação Parental e Aceitação da Regulação

Esta categoria, que se refere à adequação das práticas parentais, i.e., aos comportamentos das figuras parentais relativos à imposição de regras e guias de comportamento, bem como à forma como os filhos aceitam essas mesmas regras, permite observar diferenças das duas amostras no que toca à representação do tipo de estratégias de regulação parental. Na AN, domina a regulação adequada e tal surge com uma frequência mais elevada do que na ANN. No que toca à aceitação da regulação, regista-se episodicamente, entre uma a duas situações, a não-aceitação de regras, mas é dominante a aceitação destas em mais de quatro cartões (37% da amostra refere-a entre cinco a oito situações).

No caso da ANN, verifica-se que metade da amostra reportou pelo menos duas narrativas com estratégias de regulação parental adequada e a outra metade reportou pelo menos dois cartões com narrativas assentes em estratégias de regulação inadequada. Por outro lado, 47% referiu pelo menos três vezes a aceitação da regulação e 30% a não-aceitação, em mais de dois cartões.

Tabela 12. “*Regulação Parental*” e “*Aceitação da Regulação*” no FAT: Estatística Descritiva

| Categorias | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|--------------------|--------------------------|------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>Mín- Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min-Max</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Regulação parental | | | | | | |
| Adequada | 1 - 8 | 4 (63) | 4.26 (1.97) | 1 - 5 | 2 (50) | 2.94 (1.55) |
| Inadequada | 1 - 3 | 1 (50) | 1.69 (.79) | 1 - 6 | 2 (50) | 2.89 (1.49) |
| Aceitação | 2 - 9 | 4 (53) | 4.63 (1.86) | 1 - 8 | 3 (53) | 3.89 (1.85) |
| Não aceitação | 1 - 2 | 2 (100) | 1.60 (.52) | 1 - 4 | 2 (70) | 2.10 (1.2) |

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Mediana

Ao nível de tendência de respostas, verifica-se na AN um predomínio de narrativas assentes na regulação parental adequada (79%) associada a comportamentos de aceitação dessa regulação (100%) e na ANN, uma tendência para narrativas assentes na inadequação das estratégias parentais (68%) acompanhada de uma aceitação dessa regulação em apenas 58% dos casos (ver Tabela A14 e Tabela A15).

3.2. Resultados da TSCS:2: Análise inter-grupos

No âmbito da análise das representações do *Self*, apresentam-se os resultados globais dos jovens em contexto familiar normativo e não normativo, bem como as diferenças observadas no total e nas diferentes escalas da TSCS.

Escalas de Validade

A análise das escalas *Autocrítica* e *Faking Good* indica que os valores médios das amostras não diferiram muito entre si no que toca à atitude de resposta, e ambos os casos, os resultados estão predominantemente dentro dos valores normativos, entre 40T e 60T.

No caso da AN, 84% dos jovens apresentam níveis médios de *Autocrítica* e no que diz respeito à atitude de resposta no sentido de dar uma imagem positiva, traduzida pela subescala *Faking Good*, 63% dos jovens apresentam valores médios. Na ANN, os níveis de *Autocrítica* tendem a ser inferiores e dos valores referentes à subescala *Faking Good*, apenas 47% se encontram dentro dos valores médios normativos, com os restantes 53% abaixo da média.

Apesar dos valores apresentados darem a conhecer uma subtil diferença de atitude na auto-avaliação, eles indicam atitudes de resposta honestas e que credibilizam globalmente os resultados obtidos com este instrumento.

Tabela 13 .Frequência de Participantes das duas amostras nas escalas de validade por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| T<40 | T40-T60 | T>60 |
|------|---------|------|
|------|---------|------|

| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
|---------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|---|------------------------------|---|
| Subescalas | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Auto-crítica | 4 | 21 | 6 | 32 | 15 | 79 | 13 | 68 | - | - | - | - |
| Faking Good | 6 | 32 | 10 | 53 | 12 | 63 | 9 | 47 | 1 | 5 | - | - |

Autoconceito Global (TOT)

O *Autoconceito Global (TOT)* é a medida global do instrumento e constitui o indicador mais importante do autoconceito e da auto-estima que lhe está associada. Os resultados obtidos indicam diferenças entre as duas amostras ($p < .05$), tendo os jovens da AN uma visão de si globalmente mais positiva que os da ANN (Ver Tabela A17). Na AN, apenas 5% dos jovens apresentam valores abaixo da média, 84% valores dentro da média e 11% acima da média. Por outro lado, na ANN vemos um padrão diferente: 32% dos jovens apresentam valores abaixo da média, 68% apresentam dentro da média e nenhum apresenta valores acima da média.

Tabela 14. Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Global* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | T<40 | | | | T40-T60 | | | | T>60 | | | |
|-------------------|--------------------------|---|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|---|------------------------------|---|
| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| Subescalas | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Sc Global | 1 | 5 | 6 | 32 | 17 | 90 | 13 | 68 | 1 | 5 | - | - |

Autoconceito Físico

Esta medida indica como o jovem se percebe ao nível da sua aparência física, estado de saúde, competências físicas e sexualidade. Nas duas amostras em estudo os resultados encontram-se distribuídos de forma relativamente semelhante, sendo que na AN apenas 21% dos jovens se percebem negativamente neste domínio, 58% apresentam uma visão de si dentro da média e 21% apresentam uma visão de si acima da média, i.e. positiva. Na ANN, 21% dos jovens apresentam um autoconceito físico negativo, 63% apresentam níveis médios e 16% apresentam níveis acima da média. Neste sentido, não se observam diferenças significativas entre as amostras e, em ambos os casos, mais de metade dos jovens não revela desconforto ou apreensão com o seu estado de saúde, aparência e competências físicas.

Tabela 15. Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Físico* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | | T < 40 | | T40 a T60 | | T > 60 | |
|------------|------------|-------------------------------|---------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| | | Amostra normativa (N = 19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) |
| Subescalas | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>F</i> % | |
| Sc Físico | 4 21 | 4 21 | 11 58 | 12 63 | 4 21 | - - | |

Autoconceito Moral

O *Autoconceito Moral* é uma medida que reflecte a forma como o jovem se percepção numa perspectiva ética, especificamente face aos valores morais e sentimentos de rectidão. Nesta dimensão, as duas amostras apresentam diferenças significativas ($p < .001$) na forma como se percebem a si próprios (ver Tabela A 17) . No caso da AN observa-se um autoconceito moral globalmente positivo: nenhum jovem apresenta valores inferiores à média; todos apresentam valores médios ou superiores à média. Já na ANN a distribuição é distinta: 37% apresenta valores inferiores à média; todos os restantes apresentam níveis médios. Isto indica que os jovens da AN estão globalmente mais satisfeitos com a sua conduta e não experienciam dissonância entre os seus valores e as suas acções. Por outro lado, na ANN mais de um terço da amostra vivenciará algum desconforto moral e tal pode estar associado a impulsividade e dificuldades no autocontrolo. Esta dimensão deve ser interpretada a par do *Autoconceito Familiar*, o qual será explorado adiante.

Tabela 16. Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Moral* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | | T<40 | | T40-T60 | | T>60 | |
|------------|------------|-----------------------------|---------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| | | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) |
| Subescalas | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | <i>f</i> % | |
| Sc Moral | - - | 7 37 | 15 79 | 12 63 | 4 21 | - - | |

Autoconceito Pessoal

O *Autoconceito Pessoal* reflecte a integração e coerência geral do *self*, o ajustamento e a adaptação da pessoa, os sentimentos de valor próprio decorrentes da sua auto-avaliação independentemente das componentes físicas e sociais. Não se verificam diferenças significativas entre as amostras, no entanto os jovens da AN tendem a apresentar valores mais elevados do que os da ANN. Na amostra normativa, apenas 5% tem resultados inferiores à média, 84% tem valores médios e 11% valores superiores à média. Por seu lado, na ANN, 26% apresenta resultados inferiores à média, 63% valores médios e 11% resultados superiores. Neste sentido

considera-se que os jovens da AN apresentam uma percepção das suas características pessoais globalmente positiva (95% com valores médios ou superiores), ao passo que cerca de um quarto dos jovens da ANN apresenta uma visão de si negativa.

Tabela 17.Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Pessoal* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | | | T<40 | | T40-T60 | | | | T>60 | |
|------------|---|---|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| Subescalas | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % |
| ScPessoal | 1 | 5 | 5 | 26 | 16 | 84 | 12 | 63 | 2 | 11 |

Autoconceito Familiar

Esta dimensão reflecte a percepção que o jovem tem de si na relação com o seu círculo relacional mais imediato, i.e. os sentimentos de valor, de pertença e de adequação enquanto membro de uma família. Verificam-se diferenças significativas entre as duas amostras ($p < .001$): na AN, 95% dos participantes percebem-se no contexto das suas relações familiares de forma positiva, i.e., com valores na média ou superiores à média dos jovens da sua faixa etária, enquanto na ANN, tal ocorre apenas em 69% dos casos (Ver Tabela A17). Este resultado associado ao de Autoconceito Moral, onde os jovens da ANN também apresentam valores mais baixos, pode indiciar problemas diversos, de externalização ou de internalização.

Tabela 18.Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Familiar* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | | | T<40 | | T40-T60 | | | | T>60 | |
|-------------|---|---|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| Subescalas | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % |
| Sc familiar | 1 | 5 | 6 | 32 | 13 | 68 | 12 | 63 | 5 | 26 |

Autoconceito social

Esta escala indica como o jovem se percebe ao nível das relações que estabelece, nos mais variados sistemas e subsistemas sociais, no sentido do seu valor e adequação nas interações sociais, das suas competências relacionais e da eficácia nas estratégias de travar e manter novos relacionamentos. Verificam-se diferenças significativas nos resultados das duas amostras ($p < .01$), nesta dimensão (Ver Tabela A17). Na AN, observa-se que 79% dos jovens apresentam uma imagem de si neste domínio congruente com os valores médios normativos e

21% apresenta valores acima da média. Relativamente aos jovens da ANN, 42% percepciona-se negativamente neste domínio e 16% apresentam valores acima da média na forma como se percepcionam ao nível das suas competências sociais e respectiva eficácia.

Observam-se, assim, tendências opostas das duas amostras na forma como se percepcionam na adequação e valor pessoal nas interações sociais, sendo que dois terços da AN se situam dentro dos valores médios normativos e nos jovens da ANN verifica-se uma distribuição igual dos jovens com um autoconceito Social negativo e com valores normativos(42% para os dois casos).

Tabela 19.Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Social* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | T<40 | | | | T40-T60 | | | | T>60 | | | |
|------------|--------------------------|---|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| Subescalas | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % | F | % |
| Sc Social | - | - | 8 | 42 | 15 | 79 | 8 | 42 | 4 | 21 | 4 | 21 |

Autoconceito Académico

O *Autoconceito Académico* trata-se uma medida de como o jovem se percepciona no contexto escolar, ao nível da sua eficácia e competências, e integra ainda a forma como entende que é visto e avaliado pelos outros. Neste domínio verificam-se ligeiras diferenças entre as duas amostras, na medida em que, na AN, 21% dos jovens se percepciona negativamente e os restantes de forma congruente com os valores médios normativos. Na ANN, 37% apresenta uma percepção negativa das suas competências académicas e os restantes jovens apresentam valores na média ou acima dela Globalmente podemos dizer que existem mais jovens na AN com níveis normativos de satisfação relativa às suas competências no domínio académico do que na ANN.

Tabela 20.Frequência de Participantes das duas amostras em *Autoconceito Académico* por categorias de Notas T da T.S.C.S.

| | T<40 | | | | T40-T60 | | | | T>60 | | | |
|--------------|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|---|------------------------------|---|
| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| Subescalas | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % |
| Sc Académico | 4 | 21 | 7 | 37 | 15 | 79 | 11 | 58 | - | - | 1 | 5 |

Identidade

Relativamente à *Identidade*, que reflecte a forma como o jovem se descreve em todos os domínios do seu autoconceito, verificam-se diferenças significativas ($p < .001$), entre as amostras: na AN, 89% dos participantes apresentam uma tendência para se descreverem positivamente em todos os domínios do seu autoconceito, i.e., com valores na média ou superiores à média dos jovens da sua faixa etária, enquanto na ANN, tal ocorre apenas em 68% dos casos. Estes resultados indicam, globalmente, que os jovens da ANN se percebem, de forma tendencialmente mais negativa, que os jovens da AN (Ver Tabela A17)..

Tabela 21. Frequência de Participantes das duas amostras *Identidade* por categorias de Notas T

| | | | T<40 | | T40-T60 | | T>60 | |
|-------------------|----------|----|--------------------------|------------------------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|------------------------------|
| | | | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) |
| Subescalas | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Identidade | 2 | 11 | 6 | 32 | 13 | 68 | 4 | 21 |
| | | | | | | | - | - |

Satisfação

A escala *Satisfação* reflecte o grau de satisfação da pessoa consigo mesma, bem como a vontade de mudança, representando uma medida global de auto-estima. Verificam-se diferenças significativas ($p < .05$) entre as amostras: todos os jovens da AN revelam-se satisfeitos consigo mesmos; enquanto na ANN, cerca de um quarto dos casos revela insatisfação com a sua autoimagem e 68% dos casos situam-se dentro dos valores médios e 5% dos casos situam-se acima da média(Ver Tabela A17). Estes resultados permitem concluir que os jovens da AN, apresentam globalmente um nível de autoestima mais elevado do que os jovens da ANN.

Tabela 22. Frequência de Participantes das duas amostras *Satisfação* por categorias de Notas T

| | | | T<40 | | T40-T60 | | T>60 | |
|-------------------|----------|---|--------------------------|------------------------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|------------------------------|
| | | | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) | Amostra normativa (N=19) | Amostra não normativa (N=19) |
| Subescalas | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % | <i>f</i> | % |
| | - | - | 5 | 26 | 14 | 74 | 5 | 26 |
| Satisfação | | | | | | | 1 | 5 |

Comportamento

A subescala *Comportamento* indica a forma como os jovens se descrevem ao nível das suas condutas e como consideram ser percebidos pelos outros. Nesta dimensão verificam-se

diferenças significativas ($p < .05$) entre as duas amostras: apenas 5% dos jovens da AN se descreve negativamente neste domínio e os restantes descrevem-se de forma positiva (Ver Tabela A17). Na ANN, 21% descreve-se negativamente, 74% situa-se dentro dos valores médios normativos e 5% situa-se acima da média.

Verifica-se, assim, que dois terços das duas amostras apresentam resultados dentro dos valores médios normativos, pelo que se pode considerar que estes jovens se percebem adequados no modo como se comportam e como são vistos por parte de outros. Ressalva-se no entanto, uma maior heterogeneidade dos resultados na ANN, com alguns casos a indicarem insatisfação neste domínio.

Tabela 23. Frequência de Participantes das duas amostras *Comportamento* por categorias de Notas T

| | T<40 | | T40-T60 | | | | T>60 | |
|----------------------|--------------------------|---|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| Subescala | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Comportamento | 1 | 5 | 4 | 21 | 15 | 79 | 14 | 74 |

3.3. Resultados do MMPI-A: Análise Intergrupos

Escalas de Validade: VRIN, TRIN, Infrequency, Lie e Defensividade

As escalas VRIN e TRIN avaliam a consistência de resposta e verifica-se em ambas as amostras uma tendência de resposta consistente, com a maioria dos casos dentro de valores médios normativos. Existem, no entanto, algumas diferenças na atitude dos jovens nas duas escalas: na VRIN consistência de resposta é mais elevada e na TRIN há 16% dos jovens da ANN com valores superiores à média.

A escala de Infrequency (F) indica atipicidade e, em alguns casos, desajustamento face à realidade ou tendência para transmitir uma imagem de si negativa. Observam-se diferenças significativas ($p < .05$) entre as duas amostras: na AN quase a totalidade dos resultados está dentro dos valores médios e na ANN 26% dos casos situam-se acima da média (Ver Tabela A 18). Tal indica uma maior frequência de jovens da ANN a reportarem comportamentos atípicos ou com valor patológico.

A escala Lie (L) visa detectar tendências de resposta no sentido positivo, com auto-descrições favoráveis, não realistas ou idealizadas. Não se verificaram diferenças significativas entre as duas amostras, tendo os jovens apresentado maioritariamente auto-descrições coerentes

e não inflacionadas. Na AN dois terços apresentaram níveis de resposta dentro da média e um terço situou-se acima da média, e na ANN 68% dos casos situam-se dentro dos valores médios e 32% dos casos apresentam auto-descrições favoráveis e possivelmente não consonantes com a realidade.

A escala de Defensividade (K) permite detectar atitudes defensivas na resposta dos jovens aos itens do instrumento. Verifica-se que a generalidade dos jovens de ambas as amostras apresentam valores dentro da média, não havendo diferenças significativas entre os dois grupos.

Tabela A24. Frequência de participantes das duas amostras nas Escalas de Validade por categorias de Notas T

| Escalas | T<40 | | | | T40-T60 | | | | T>60 | | | |
|---------|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|-----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| | F | % | f | % | f | % | F | % | f | % | F | % |
| VRIN | - | - | - | - | 19 | 100 | 17 | 90 | - | - | 2 | 11 |
| TRIN | - | - | - | - | 12 | 63 | 16 | 84 | 7 | 37 | 3 | 16 |
| F | - | - | - | - | 18 | 95 | 14 | 74 | 1 | 5 | 5 | 26 |
| L | - | - | - | - | 12 | 63 | 13 | 68 | 7 | 37 | 6 | 32 |
| K | 2 | 11 | 3 | 16 | 15 | 79 | 16 | 84 | 2 | 11 | - | - |

Hipocondria (Hs)

A *Hipocondria(Hs)* é uma escala clínica que avalia a presença de preocupações exacerbadas com a saúde e com a doença. Verificam-se diferenças significativas entre as amostras ($p < .05$): globalmente mais de metade das duas amostras apresenta resultados médios, no entanto um terço dos jovens da ANN apresenta um nível de preocupações com a saúde e estado físico mais elevado que os jovens da amostra normativa(Ver Tabela A18).

Depressão (D)

A escala *Depressão (D)* indica a insatisfação global do jovem consigo próprio e com a sua realidade pessoal, associada a sentimentos de falta de esperança, apatia, conformismo e negativismo. Nesta escala observa-se que um número considerável de jovens das duas amostras revela uma insatisfação generalizada, com predominância na ANN. Na AN, 68% dos jovens apresentam resultados médios e 32% resultados superiores à média. Na ANN, cerca de metade dos jovens apresenta resultados na média e, a outra metade, resultados acima da média. Quer isto dizer que um terço da AN e quase metade da ANN apresenta níveis elevados de insatisfação, sentimentos de desesperança, apatia e negativismo.

Histeria (Hy)

A escala *Histeria (Hy)* avalia a presença de características estruturais e funcionais associadas ao funcionamento neurótico e a sintomas físicos, que inclui reacções motoras ou sensoriais sem base orgânica. Os resultados obtidos nas duas amostras são, globalmente, médios, havendo na AN 21% de participantes com resultados inferiores à média e 11% superiores à media. Na ANN 90% dos resultados encontram-se dentro dos valores médios.

Desvio Psicopático (Pd)

A escala de *Desvio Psicopático (Pd)* avalia a existência de um possível padrão de comportamentos problemáticos, de oposição e desafio, delinquência, promiscuidade e abuso de substâncias. Nesta escala observam-se diferenças significativas entre as duas amostras ($p < .01$): a ANN apresenta resultados globalmente mais elevados que a AN, com resultados superiores à média em 32% dos casos (Ver Tabela A18). Quer isto dizer que os níveis de desajustamento comportamental, a passagem ao acto, a impulsividade e sentimentos de zanga e raiva podem ser mais frequentes entre os jovens que vivem em contexto institucional.

Masculinidade-Feminilidade (Mf)

A escala de Masculinidade-Feminilidade (Mf) é uma escala não-clínica que descreve a tendência dos jovens para adoptar papéis de género específicos, com os resultados elevados a indicar um padrão de interesses associados ao estereótipo do sexo oposto. Neste contexto observa-se uma maior frequência de jovens da ANN com interesses tipicamente atribuídos ao sexo oposto (37%), apesar de mais de metade da amostra apresentar valores médios (58%). No caso da AN, a generalidade dos jovens (84%) apresenta valores médios.

Paranoia (Pa)

A escala *Paranóia (Pa)* é uma escala clínica que detecta sintomatologia paranóide, incluindo desconfiança, sentimentos de perseguição e rigidez no pensamento. Observam-se nesta escala claras diferenças entre as duas amostras ($p < .05$), com a ANN a apresentar resultados mais elevados e superiores à média em 47% dos casos (Ver Tabela A18). Isto indica maior probabilidade dos jovens da ANN para manifestarem sentimentos de desconfiança, perseguição e rigidez no pensamento.

Psicastenia (Pt)

A escala *Psicastenia (Pt)* avalia a presença de sintomas de ansiedade, medos, vulnerabilidade sentimentos de insegurança e de ineficácia pessoal, muitos deles associados à

perturbação obsessivo-compulsiva. Quando considerados os resultados normalizados desta escala, não se observam diferenças significativas entre as duas amostras (ver Tabela A18). Apesar disso, quando se observa a distribuição dos resultados por categorias, verifica-se que mais de dois terços da AN se situa dentro dos valores médios, ao passo que na ANN em 42% dos casos os valores são elevados o que tem significado clínico.

Esquizofrenia (Sc)

A escala *Esquizofrenia (Sc)* avalia a presença de alterações e atipicidade nos processos perceptivos e ideativos, bem como alterações no domínio do comportamento social e afectivo-emocional. Nesta escala observam-se diferenças significativas entre as duas amostras ($p < .05$): na AN, há a destacar 16% dos casos acima da média, enquanto na ANN esse valor é atingido por 32% dos casos (Ver tabela A18). Neste sentido, poderemos considerar que entre os jovens da ANN será mais frequente a ocorrência de comportamentos ou pensamento atípicos ou mesmo bizarros.

Hipomania (Ma)

A escala da *Hipomania (Ma)* avalia a presença de sentimentos de grandiosidade, irritabilidade, fuga de ideias, egocentrismo e excitação psicomotora. Não se verificam diferenças significativas entre as duas amostras, e a distribuição de resultados é relativamente semelhante, apesar da generalidade dos jovens terem resultados no nível médio, não deixa de se salientar a elevada percentagem deles, 26% na AN e 37% na ANN, com valores elevados e com eventual significado clínico.

Introversão Social (Si)

A escala de *Introversão Social (Si)* é uma escala não-clínica e reflecte a presença de dificuldades de relacionamento interpessoal, desconforto e isolamento social e baixa auto-estima. Nesta escala não se verificam diferenças significativas entre as duas amostras; e quando se categorizam os dados observa-se uma distribuição semelhante do número de casos por categoria.

Tabela A25. Frequência de participantes das duas amostras nas Escalas Clínicas por categorias de Notas T

| Escalas | T<40 | | | | T40-T60 | | | | T>60 | | | |
|-----------|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | | Amostra normativa (N=19) | | Amostra não normativa (N=19) | |
| | f | % | F | % | f | % | f | % | f | % | F | % |
| Hs | 1 | 5 | 2 | 11 | 16 | 84 | 11 | 58 | 2 | 11 | 6 | 32 |
| D | - | - | 1 | 5 | 13 | 68 | 8 | 42 | 6 | 32 | 9 | 47 |
| Hy | 4 | 21 | 1 | 5 | 13 | 68 | 17 | 90 | 2 | 11 | 1 | 5 |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----------|---|----|---|----|----|----|----|----|---|----|---|----|
| Pd | 3 | 16 | 1 | 5 | 14 | 74 | 12 | 63 | 2 | 11 | 6 | 32 |
| Mf | 1 | 5 | 1 | 5 | 16 | 84 | 11 | 58 | 2 | 11 | 7 | 37 |
| Pa | 2 | 11 | - | - | 16 | 84 | 10 | 53 | 1 | 5 | 9 | 47 |
| Pt | - | - | 2 | 11 | 16 | 84 | 9 | 47 | 3 | 16 | 8 | 42 |
| Sc | 2 | 11 | - | - | 14 | 74 | 13 | 68 | 3 | 16 | 6 | 32 |
| Ma | 4 | 21 | 2 | 11 | 12 | 63 | 10 | 53 | 5 | 26 | 7 | 37 |
| Si | 1 | 5 | 1 | 5 | 15 | 79 | 15 | 79 | 3 | 16 | 3 | 16 |

Análise global dos Perfis Clínicos

No sentido de obter uma visão geral das tendências dos jovens de cada amostra no que toca à elevação de perfis, procedeu-se à classificação de três Categorias de Perfil: um primeiro *Perfil Normal*, no qual todas as escalas clínicas se situam entre os valores normativos T 40 e T 60, um segundo *Perfil Limítrofe*, no qual se admite a ocorrência até duas escalas clínicas com valores entre T60 e T65 ou um pico acima de T65; e um terceiro *Perfil Elevado*, definido pela ocorrência de pelo menos três escalas entre T 60 e T65 ou dois picos acima de T65. A partir desta categorização, verificam-se diferenças entre as amostras: na AN os jovens apresentam um *Perfil Normal* ou *Limítrofe* e apenas 16% apresenta um *Perfil Elevado*; na ANN manifesta-se o inverso, 47% dos jovens apresenta um *Perfil Elevado* e só 21% apresentam um *Perfil Normal*. Conclui-se assim, que nos dois grupos, a incidência de perfis que se situam no limiar da normalidade é a mesma, mas os perfis com sintomatologia patológica é consideravelmente mais elevada na ANN.

Tabela 26. Frequência de participantes das duas amostras por Níveis de elevação do Perfil do MMPI

| Perfil | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | |
|------------------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Normal^a | 10 | 53 | 4 | 21 |
| Limítrofe^b | 6 | 32 | 6 | 32 |
| Elevado^c | 3 | 16 | 9 | 47 |

Nota. ^aPerfil Normal equivalente à distribuição das notas T de todas as Escalas Clínicas entre T40 e T60; ^bPerfil limítrofe equivalente à distribuição de todas as escalas Clínicas entre T40 e T60 admitindo-se a ocorrência de até 2 escalas com notas T entre 60 e 65, ou um pico acima de T65; ^c Perfil elevado equivalente à distribuição das Notas T das Escalas Clínicas com a ocorrência de pelo menos 3 escalas com notas T entre 60 e 65, ou 2 picos acima de T65.

Escalas de Conteúdo, Suplementares e de Harris-Lingoes

A análise que se segue incide sobre uma visão aprofundada dos resultados anteriormente explorados nas escalas básicas, com recurso à informação mais relevante presente nas escalas de Conteúdo, Suplementares e nas subescalas de Harris-Lingoes. As escalas de conteúdo apresentam-se com o objectivo de complementar ou aprofundar a interpretação das escalas clínicas do MMPI-A, na medida em que reflectem as variáveis mais importantes na descrição e predição de dimensões da personalidade. No que se refere aos resultados médios de cada amostra que se mostraram mais relevantes na compreensão das tendências dos dois grupos nas escalas de

conteúdo, observa-se que na AN, pelo menos metade dos jovens se situaram dentro dos valores médios em todas as escalas e que não existem dados pertinentes a explorar no que toca à elevação de perfil (as elevações observadas são de cariz pontual). No caso da ANN, volta-se a observar uma centralização dos resultados dentro dos valores médios, no entanto sublinha-se a ocorrência de elevações relevantes nas escalas que indiciam tendência obsessivas, depressão, preocupações exacerbadas com estado de saúde, níveis elevados de zanga, desconfiança nos outros, problemas familiares e por fim, indicadores negativos de tratamento. Salienta-se que ocorrem diferenças significativas entre as duas amostras, ao nível das escalas A-hea e na escala A-fam, ($p < .05$) que correspondem a preocupações exacerbadas com a saúde e problemas familiares, respectivamente (Ver tabela A21).

Relativamente às escalas suplementares refere-se que nas duas amostras mais de dois terços apresentam uma distribuição dos resultados em torno dos valores médios e observa-se uma diferença significativa ($p < .05$) entre resultados das duas amostras na escala IMM, sendo que dos jovens da AN, 74% situam-se dentro da média e apenas 5% situa-se acima, ao passo que na ANN 79% situam-se dentro dos valores médios e 16% situam-se acima da média (Ver Tabela A19). Por outro lado, a partir da análise das subescalas Harris e Lingoes torna-se possível detectar o conteúdo assinalado pelos jovens em cada escala, i.e. os conteúdos responsáveis pelas elevações nas escalas básicas do MMPI-A, com base nos resultados que se apresentam acima de T65. Na AN as duas escalas com maior número de elevações correspondem à escala da *Depressão* (D3, D4 e D5) e à escala da *Hipomania*, pelo que se passa à análise do conteúdo dessas mesmas escalas. A elevação dos resultados nestas subescalas de *D* permite identificar nos jovens em causa uma tendência para preocupações com a saúde e sintomatologia física, problemas de atenção e concentração, apatia, baixos níveis de autoestima e sentimentos de tristeza. No que toca à escala da hipomania, a subescala com o maior número de elevações acima de T65 é a M4, o que significa que nestes jovens predomina sentimentos de zanga e desconforto face às exigências de outros e do meio, bem como sentimentos de grandiosidade do self.

No caso da ANN, as escalas com maior número de elevações correspondem à escala Hs, D, Pd, Pa, Pt, Sc e Ma (a escala Mf apresenta uma percentagem considerável de jovens que apresentam resultados acima da média, no entanto não se trata de uma escala clínica, pelo que não será contemplada na presente análise) (Ver Tabela A23). Na análise das elevações nas subescalas de D (D1, D4, D5), verifica-se que estes jovens apresentam sentimentos de culpa, tristeza e depressão, apatia, problemas de atenção e concentração, baixa autoestima e autoconfiança, níveis elevados de autocritica, dificuldades na tomada de decisões e tendência

para pensamentos ruminantes e hipersensibilidade a críticas exteriores. No caso da Escala *Pd* (*Desvio psicopático*), verifica-se que mais de metade dos jovens apresentam resultados acima de T65 na escala Pd5, o que significa que apresentam sentimentos de culpa, tristeza e remorsos, dificuldades na atenção e concentração e percepção da vida rotineira enquanto vazia de compensação.

Na análise das subescalas da *Paranoia* (Pa1 e Pa2), verifica-se que estes jovens apresentam uma percepção do mundo exterior como ameaçador e hostil, tendência para realizar atribuições externas de sentimentos de frustração e tristeza, percepção dos outros como incapazes de os compreender e como fonte de punições injustificadas, sentimentos de solidão, tristeza e distanciamento dos outros e tendem a apresentar crenças de que sentem mais intensamente do que os outros. Por outro lado, nas subescalas da *Esquizorenia* (Sc1, a Sc4 e a Sc6), verifica-se que os jovens em causa consideram-se ser incompreendido pelos outros e castigados injustamente, apresentam sentimentos de falta de suporte e afecto familiar, e, por outro lado hostilidade e zanga em direcção de membros familiares, sentimentos de solidão e vazio afectivo, depressão, culpa e de vulnerabilidade, apatia e dificuldades de atenção e concentração e finalmente tendência para pensamentos bizarros e perturbações motoras e sensoriais. Finalmente, no que toca à escala Ma, verifica-se que a única subescala mais frequentemente elevada é a Ma4 (16%), pelo que se pode constatar que estes jovens apresentam sentimentos de zanga e desconforto face às exigências de outros e do meio, bem como sentimentos de grandiosidade do self.

Dimensões de Personalidade Psy-5

A análise dos resultados expressos em Notas T, em cada uma das amostras, não indica diferenças significativas. No entanto, tendo por referência dados normativos internacionais, designadamente, espanhóis (Magallón-Neri, E.; Díaz, R.; Forns, M.; Goti, J.; Castro-Fornieles, J. (on revision)), procede-se à identificação dos perfis com valores médios, inferiores ou superiores à média (considerados como médios os resultados entre a média e \pm DP). Neste contexto procurou-se identificar, para cada escala, o número de casos de ambas as amostras com resultados elevados, i.e. com valores com significado clínico, verificando-se que em todas as escalas a ANN apresenta valores médios duas vezes mais elevados do que a AN, sendo de salientar a escala de Agressividade, a de Psicoticismo e a de Negativismo com mais de 50% da ANN com valores elevados.

Tabela A27. Frequência de participantes de ambas as amostras com valores elevados nas dimensões PSY-5

| Participantes com valores superiores à M+1DP | | | | |
|--|----------|----|------------------------------|----|
| AMOSTRA NORMATIVA(N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | |
| Dimensões | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % |
| AGG ^a | 5 | 26 | 10 | 53 |
| PSY ^b | 9 | 47 | 12 | 64 |
| DISC ^c | 3 | 16 | 7 | 37 |
| NEGE ^d | 5 | 26 | 10 | 53 |
| INTR ^e | 1 | 5 | 5 | 26 |
| Total | 23 | | 44 | |

Nota. ^aAGG =Agressividade : M ± 1DP = 10.74; ^bPSY=Psicoticismo: M ± 1 DP = 4.34; ^cDISC=Desinibição: M ± 1DP = 9.46; ^dNEGE = Negativismo: M ±1DP = 14.96; ^eINTR = Introversão: M ± 1DP = 10.09

Importa, ainda explorar quantos jovens em cada amostra apresentam mais do que uma dimensão da personalidade de PSY-5, de forma a compreender se as elevações são isoladas ou se se configuram com uma natureza mais claramente patológica. Neste contexto observou-se que quase metade da AN não apresenta qualquer dimensão aqui estudada, 36% apresenta entre uma e duas dimensões elevadas e 16% apresenta entre três a quatro dimensões elevadas. Por outro lado, o padrão verificado na ANN apresenta-se totalmente distinto, na medida em que 21% da amostra não apresenta qualquer dimensão elevada, 31% apresenta entre uma a duas dimensões elevadas e 68% apresenta entre três a cinco dimensões elevadas. Neste contexto importa ressaltar que, apesar de se verificarem diferenças claras entre as duas amostras, uma percentagem relevante de 52% da AN apresenta valores elevados em pelo menos uma dimensão. Neste sentido conclui-se que, apesar de estes jovens não estarem referenciados nem receberem nenhum tipo de acompanhamento psicoterapêutico, apresentam sinais psicopatológicos com significado clínico.

Tabela28. Frequência de participantes de ambas as amostras com valores elevados nas dimensões Psy-5

| Participantes com valores superiores à M + 1DP | | | | | | | | | | | |
|--|---|----------|---|----------|---|----------|---|----------|---|----------|---|
| 0 | | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | | 5 | |
| <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |

| | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------|---|----|---|----|---|----|---|----|---|----|---|---|
| Amostra Normativa (N=19) | 9 | 47 | 2 | 11 | 5 | 26 | 1 | 5 | 2 | 11 | - | - |
| Amostra Não Normativa (N=19) | 4 | 21 | 2 | 11 | 4 | 21 | 3 | 16 | 5 | 26 | 1 | 5 |

3.4. Análise dos Resultados conjuntos do FAT e da TSCS:2 e do MMPI-A

Procede-se agora a uma análise compreensiva das relações entre os dados dos diferentes instrumentos utilizados na presente investigação, no sentido de estabelecer as interações de convergência e/ou complementariedade entre os dados recolhidos no âmbito de cada instrumento. Reforça-se que o ponto de partida desta análise incide sobre as representações de família que os jovens das duas amostras manifestam e de que maneira interagem com as representações que têm acerca de si e subsequentemente de que maneira estas duas dimensões se correlacionam com a presença de Sinais de dificuldade ou sofrimento psicológico. Deste modo, procedeu-se ao cruzamento dos resultados das categorias globais do FAT com as categorias representativas dos três níveis de elevação dos resultados obtidos na TSCS:2 (com bases nos resultados obtidos na subescala do Autoconceito Total: autoconceito negativo, autoconceito médio e autoconceito elevado; e com as categorias representativas dos três tipos de perfis clínicos do MMPI-A: Perfil Normal, Limitrofe e Elevado. Apresenta-se, ainda, um cruzamento entre as categorias da TSCS:2 e os perfis clínicos do MMPI-A.

Análise Integrada dos dados do *FAT*, *TSCS* e *MMPI-A*

No âmbito do cruzamento dos dados obtidos no FAT e na TSCS:2, constata-se que cerca de metade ou mais das duas amostras situam-se dentro dos valores normativos do autoconceito no que diz respeito à tendência de resposta observada no FAT. Quer isto dizer que, apesar de ter sido possível sinalizar com a TSCS diferentes tipos de autoconceito que constituíram um critério distintivo entre as duas amostras, quando esta informação é cruzada com as tendências de resposta observadas no FAT, não se revelam dados complementares informativos.

No entanto, se observarmos as tendências de resposta no FAT apresentadas pelos jovens das duas amostras que, complementarmente, apresentam um autoconceito com valores médios normativos, constata-se que estas são diferentes, por vezes opostas, o que revela que as características que estão por detrás dos valores médios de cada amostra agregam em si especificidades distintas em função do contexto em que cada um destes jovens se insere.

Neste sentido considera-se como argumento explicativo da concentração dos dados das duas amostras no que é estabelecido como autoconceito normativo na TSCS:2, o facto de esta escala assumir como esperado e normativo para esta faixa etária, uma oscilação na forma como

os jovens se percebem, decorrente das mudanças estruturais que experienciam nos mais diversos domínios, desde o domínio do autoconceito físico (decorrente das rápidas transformações típicas da puberdade), ao autoconceito cognitivo, social (hipersensibilidade à percepção dos pares acerca de si), ao autoconceito pessoal (intermitência entre dúvidas existenciais e certezas irreais) moral, acadêmico e familiar. É uma fase em que as referências dos jovens até então consideradas como certas, passam a ser questionadas no que toca à percepção de si, do outro e do mundo em geral, criando uma certa instabilidade na visão do self e no grau de satisfação, ou seja, da sua autoestima. Esta panóplia de dúvidas, angústias e frágeis certezas ocorre nas duas amostras em estudo na presente investigação, ainda mais quando considerada em associação com as representações de família na medida em que esta é uma das áreas que sofre maiores transformações ao longo do processo da adolescência. Neste contexto, o que distingue os jovens dos diferentes contextos não incide tanto nas angústias sentidas, mas sim nos factores ou nas circunstâncias que subjazem essas mesmas angústias.

A título ilustrativo, apresentam-se os padrões de resposta dos jovens nas duas amostras, no que diz respeito à tendência de *representação do conflito* no FAT, por comparação à tendência de *resolução do conflito*. Na primeira, observa-se que os jovens das duas amostras apresentam tendências de resposta semelhantes ao nível do autoconceito normativo: mais de metade dos jovens das duas amostras apresentam como resposta dominante a representação do conflito (13 jovens em 17 na AN e 10 jovens em 17 na ANN), no entanto, no que toca às estratégias de resolução do conflito, verifica-se que, embora mais de metade das duas amostras se localizem dentro dos valores médios do autoconceito, as tendências de resposta são diametralmente opostas, na medida em que na AN, 13 dos 17 casos com valores médios no autoconceito, resolvem positivamente os conflitos presentes nas narrativas, ao passo que apenas quatro resolvem negativamente. Por outro lado, no caso da ANN, verifica-se que dos 13 jovens com um autoconceito médio, 10 resolveram negativamente os conflitos e apenas três resolveram positivamente os conflitos, pelo que se conclui que nesta amostra a resposta dominante é de resolução negativa (Ver Tabela A42 e Tabela A43).

Outro exemplo deste fenómeno diz respeito à tendência de resposta na categoria *Definição de Fronteiras*, no sentido em que se observa mais uma vez uma concentração dos dados das duas amostras em torno dos valores médios, quer para a tendência de resposta “Fronteiras Equilibradas” quer para a tendência de resposta “Fronteiras Disfuncionais”, mas com padrões de resposta opostos: na AN 53% representam fronteiras equilibradas ao passo que na

ANN apenas 11% apresenta o mesmo tipo de representação, e no que toca à representação de fronteiras disfuncionais, observa-se 37% dos jovens na AN e 58% na ANN (Ver Tabela A48).

Evocam-se, ainda, as categorias “Qualificação do clima familiar” e “regulação parental”, já que se observam as mesmas tendências constatadas nas categorias anteriores, com a concentração de mais de metade das duas amostras em torno dos valores normativos de autoconceito embora com padrões de resposta opostos: na categoria “Clima Familiar” mais de metade da NA qualifica-o como positivo (63%) e na ANN qualifica-o como negativo (58%), e na categoria “Regulação Parental” o mesmo acontece, mais de metade da AN representa practicas de regulação parental adequadas (68%) e quase metade da ANN representa practicas de regulação parental inadequadas (42%) (ver Tabela A53 e A56).

No que se refere à frequência com que cada jovem refere nas narrativas situações de maus tratos, em função do tipo de autoconceito, verifica-se mais uma vez uma clara concentração dos dados em torno dos valores médios, sendo espúrios os valores abaixo e acima da média normativa de autoconceito nas duas amostras, sendo que a única diferença que se verifica é a de que, apesar de apresentarem um autoconceito normativo, os jovens da ANN apresentam uma maior amplitude de respostas, tradutora de uma maior frequência de sinalização de situações de maus tratos ao longo dos 15 cartões. No contexto da ocorrência de Respostas Invulgares nas duas amostras verifica-se que apenas 16% dos jovens da AN com um autoconceito normativo dá uma resposta invulgar e que na ANN, 16% dos jovens que dão respostas invulgares apresentam um autoconceito negativo e 37% apresentam um autoconceito normativo.

Finalmente ressalva-se que nas categorias referentes à “*hierarquia*” e às “*Modalidades Relacionais*”, não só se observa uma concentração dos jovens das duas amostras dentro dos valores médios, como se observa um padrão de resposta similar. No primeiro caso, mais de metade das duas amostras apresentam um nível de autoconceito médio associado a representações negativas dos elementos presentes nas narrativas. Por outro lado, na categoria “*Hierarquia*”, observa-se que a totalidade dos jovens das duas amostras apresentam uma tendência à representação de hierarquias de tipo congruente, sendo que na AN, 90% situa-se dentro dos valores normativos de autoconceito e na ANN 68% situa-se dentro dos mesmos valores.

No que toca à associação entre os resultados observados no FAT e os resultados observados no MMPI-A, observamos uma maior linearidade de tendências do que entre o FAT e a TSCS:2 na medida em que, na sua esmagadora maioria, os dados são convergentes: a AN apresenta mais de metade dos resultados referentes às tendências de resposta no FAT dentro de um perfil clínico normal, ao passo que a ANN apresenta mais de metade dos resultados no FAT

dentro de um perfil clínico elevado. Este fenómeno vem reforçar a ideia defendida no ponto anterior, de que embora os jovens das duas amostras se apresentem um autoconceito normativo, ou seja com estabilidade/instabilidade no self típica da adolescência, as circunstâncias que estão por detrás desse padrão são de natureza diferente, quer num ponto de vista relacional, quer num ponto de vista de desenvolvimento individual, neste caso em particular de desenvolvimento psicopatológico. Observando os dados provenientes do cruzamento entre a TSCS:2 e os dados do MMPI-A consegue-se consolidar a compreensão deste fenómeno com maior claridade, isto porque mais de metade dos casos da AN que apresentam um autoconceito normativo inserem-se dentro de um perfil clínico normal, ao passo que mais de metade dos jovens da ANN com um autoconceito normativo na TSCS:2 inserem-se num perfil clínico ou limítrofe ou elevado (21% e 32% respectivamente).

Tabela 29. Frequencia de participantes das duas amostras por Notas T da TSCS e do MMPI-A

| Tipo de Amostra | | Nível de Elevação de Perfil MMPI-A | | | | | | |
|-----------------------|----------------|------------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|----------|
| | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | | Total |
| | | F | % | F | % | F | % | |
| Amostra normativa | TSCS (Notas T) | | | | | | | |
| | <40 | 1 | 5% | - | - | - | - | 1(5%) |
| | 40-60 | 11 | 58% | 4 | 21% | 2 | 11% | 17(90%) |
| | >60 | 1 | 5% | 0 | | 0 | | 1(5%) |
| | Total | 13 | 68% | 4 | 21% | 2 | 11% | 19(100%) |
| Amostra não normativa | TSCS (Notas T) | | | | | | | |
| | <40 | 1 | 5% | 1 | 5 | 4 | 21 | 6 |
| | 40-60 | 3 | 16% | 4 | 21 | 6 | 32 | 13 |
| | Total | 4 | 21% | 5 | 27 | 10 | 53 | 19 |

4. Discussão

No presente capítulo foca-se na questão inicialmente formulada “*Quais as relações entre representações de self e família em jovens em acolhimento institucional? Haverá potenciais associações a sinais psicopatológicos? Existirão diferenças por comparação a jovens integrados em contexto familiar normativo?*”

Assim, procura-se explorar as diferenças e semelhanças encontradas entre a amostra de jovens institucionalizados e a amostra de jovens em situação familiar normativa, ao nível das representações de Família – estudadas através do *Family Apperception Test* – e ao nível das representações de self – estudadas através da *Tennessee Self Concept Scale*. Procuramos, ainda, compreender que diferenças existem relativamente a características da personalidade e a eventuais sinais psicopatológicos associados às especificidades de cada uma das amostras, através do *Minnesota Multiphasic Personality Inventory – Adolescent*.

A caracterização das especificidades do comportamento dos jovens assenta na comparação dos dois contextos estudados, considerando que a amostra do contexto normativo traduzirá o sentido mais comum e adaptativo dos jovens. Esta atribuição de sentido a que procedemos impõe-se neste estudo, porque por um lado ele é de cariz exploratório e, por outro, uma das provas utilizadas não dispõe de dados normativos que orientem a interpretação num sentido mais específico. No entanto, ressalva-se que, através da análise dos dados recolhidos nos instrumentos quantitativos, verificou-se a existência de casos na amostra normativa que apresentam um padrão desviante em relação à norma, não sendo assim representativos da população normativa. Esta questão será alvo de análise mais à frente.

No que concerne às **Representações de Família** primeira dimensão em estudo, verificam-se, no âmbito desta investigação, evidências de que os jovens provenientes de um contexto familiar normativo apresentam uma percepção das relações familiares mais positiva e gratificante do que os jovens provenientes de um contexto de acolhimento institucional. Representam o conflito quando confrontados com um estímulo que os direcciona nesse sentido, sendo que o resolvem positivamente, revelando uma capacidade de resolver construtiva e eficazmente as situações de tensão familiar, transformando-as em momentos de potencial crescimento, para todos os elementos da família, já que na maioria das narrativas destes jovens, as figuras parentais são representadas como agentes stressores, responsáveis pela origem do conflito, mas também estão presentes e fazem parte da sua resolução.

Este dado vai de encontro às tendências normativas para a faixa etária da amostra, no sentido em que os pais são vistos como figuras responsáveis pelo exercício da autoridade e controlo do comportamento. Mais, se relacionarmos com a tendência para a representação da regulação parental enquanto adequada, para a maioria dos cartões, verifica-se que estes jovens apresentam uma visão equilibrada e responsiva do exercício dos papéis parentais.

Relativamente à percepção do clima familiar, bem como à percepção de fronteiras, verifica-se, ainda, que os jovens da amostra normativa representam as relações familiares enquanto positivas, satisfatórias e afectuosas, assentes numa estrutura bem definida, com papéis e estatutos dos subsistemas parental e filial bem diferenciados por uma hierarquia familiar congruente.

Estes dados permitem concluir que esta amostra representa o contexto familiar e as relações que no seu seio são estabelecidas, enquanto fonte de suporte afectivo, traduzido num clima relacional positivo e relações de proximidade, e de regulação do comportamento, manifestado pela transmissão de regras de conduta e acções que visam o seu cumprimento, duas dimensões fundamentais no desenvolvimento do indivíduo.

Relativamente aos jovens em contexto de acolhimento institucional, observa-se um padrão totalmente distinto e congruente com os dados da literatura. Apesar de representarem o conflito aparente nas narrativas, no que toca à sua resolução, estes jovens revelam uma tendência para evocar de estratégias ineficazes e tendem a apresentar resoluções negativas ou mesmo a ausência de resolução, i.e. na narrativa está implícito que o mesmo poderá voltar a ocorrer.

Estes dados são tradutores de uma percepção do funcionamento familiar pouco capaz na gestão dos conflitos e, tendo em linha de conta que, como referido na literatura, a capacidade de resolução dos conflitos é uma medida directa da funcionalidade do sistema familiar, esta tendência à resolução negativa ou à não-resolução dos conflitos sugere a exposição a níveis elevados de conflitualidade e disfuncionalidade familiar, ou mesmo a interiorização e reprodução desses mesmos padrões de relacionamento.

Por outro lado, no que toca à qualificação das figuras parentais, observa-se uma clara tendência para uma representação negativa, na qual os pais são responsáveis pela origem e pela manutenção dos conflitos presentes nas narrativas. Se associarmos este dado ao facto de estes jovens representarem o clima familiar enquanto predominantemente negativo, associado a práticas de regulação parental inadequadas, não obstante a sua aceitação, e a relações predominantemente distantes e com fronteiras rígidas, conclui-se que estes jovens apresentam

um padrão congruente com características teoricamente associadas à vivência de situações de conflito (Cicchetti & Kim, 1996).

No que toca às **representações do self** nos jovens das duas amostras, volta-se a verificar diferenças significativas em alguns domínios de relevância, quer nas medidas globais, quer nas medidas específicas do autoconceito. De forma geral assiste-se a uma distribuição das duas amostras com tendências distintas: a amostra normativa situa-se, na sua grande maioria dentro dos valores médios e acima, sendo raros os casos com valores abaixo da média; e na amostra não normativa, a grande maioria situa-se dentro dos valores médios e abaixo, sendo espúrios os casos acima da média.

Os jovens da amostra normativa percebem-se, assim, de forma tendencialmente mais positiva, com níveis de satisfação mais elevados, nomeadamente nas áreas do autoconceito moral, familiar e social. Mais, nas escalas referentes a medidas globais da percepção e satisfação dos jovens com a sua auto-imagem, verifica-se que estes jovens apresentam níveis positivos (dentro dos valores médios ou acima), e integram os vários aspectos do conceito de si num todo coerente e bem articulado.

Destes dados retira-se que estes jovens reconhecem em si próprios qualidades positivas e não obstante de serem capazes de reconhecer áreas de fragilidade, tendem a descrever-se como competentes e a valorizar mais as qualidades positivas do que as negativas, sentem que têm valor enquanto pessoas e agem de acordo com a sua auto-imagem. Apresentam, níveis de satisfação quer nas relações familiares, nas quais se sentem apoiados e valorizados, quer nas relações sociais, nas quais se percebem enquanto competentes e adequados. Estão, ainda, satisfeitos com a sua conduta moral e não experienciam dissonâncias significativas entre os seus valores éticos e a sua conduta.

Quanto à dimensão referente ao autoconceito físico, verifica-se uma maior heterogeneidade na forma como os jovens se percebem, sendo que uma percentagem relevante descreve-se negativamente, igual à que apresenta níveis de satisfação com a sua aparência física, estado de saúde, competências físicas e sexuais.

Ressalta-se que a única dimensão na qual se verifica que os jovens da amostra normativa se percebem como menos competentes ou que apresentam uma maior insegurança, dado que não se verifica nenhum caso com resultados acima da média, diz respeito ao conceito de si académico. Estes dados poderão ser indicativos de que estes jovens apresentam as preocupações normativas para a sua faixa etária no que toca às competências académicas, apresentando, no entanto, um desconforto acrescido, que poderá estar relacionado com situações pontuais no seu

desempenho escolar, tendência para definir metas irrealistas ou percepção de avaliações externas enquanto negativas.

No que toca aos jovens da amostra não normativa verifica-se um padrão diferente do que o descrito para a amostra normativa. Verifica-se que pelo menos um quarto dos jovens da amostra se percebe de forma negativa em todas medidas globais e específicas do conceito de si e apresentam um grau de insatisfação elevado e os restantes situam-se dentro dos valores médios. A destacar surgem as escalas do autoconceito *Global, Moral, Familiar, Social, a escala da Identidade, Satisfação e Comportamento*, sendo que é nestas escalas que as duas amostras mais se distinguem, com diferenças moderadas a fortes.

Este padrão de distribuição dos valores médios pelas duas modalidades de análise, i.e. dentro dos valores normativos para a faixa etária em causa e dentro dos valores abaixo da média, significa que a maioria destes jovens apresentam visão de si, do seu valor próprio e uma aceitação das suas qualidades e fragilidades de forma integrada e coerente, com níveis de satisfação relativamente adequados e portanto uma ausência de dificuldades e perturbações ao nível do seu autoconceito.

Neste sentido, apenas um terço dos jovens tende a aplicar um tom tendencialmente negativo na forma como se autodescrevem, manifestando sentimentos de insegurança e insatisfação consigo mesmos, considerando-se indesejáveis e pouco adequados. Exibem, ainda, sentimentos de vulnerabilidade face a acontecimentos que lhes são externos, sentimentos de alienação ou descontentamento com as relações familiares e sociais, e que não têm controlo sobre o que lhes acontece. Em casos mais extremos, estes jovens apresentam ainda, dificuldades no autocontrolo, associados a problemas de externalização, e indícios de ansiedade e depressão, associados a problemas de internalização, sentimentos de perda, desadequação e desesperança.

Estes dados não vão de encontro ao que teoricamente se poderia esperar, já que seria de esperar que, considerando as histórias de vida marcadas por rejeições e agressões sistemáticas, a sua grande maioria apresentasse as características acima descritas e não apenas um terço.

Neste sentido, poder-se-á levantar a hipótese de que estes jovens apresentam uma relativa preservação da sua auto-imagem, das suas forças e fragilidades e do seu grau de adaptação à realidade em que se inserem, que traduz uma capacidade de resistência face às agressões a que foram submetidos e ao sofrimento interno destas decorrente.

Este fenómeno, poderá indicar que, mesmo estando sujeitos a níveis de sofrimento relevantes, estes não se revelam no instrumento utilizado, pelo que, estes jovens reúnem em si mecanismos de autoproteção, que lhes permitem preservar uma visão de si relativamente

semelhante aos restantes jovens inseridos num contexto familiar normativo que não estão sujeitos ao grau de disrupção e disfuncionalidade, que os jovens acolhidos tão bem conhecem.

Esta conclusão vai ao encontro de dados na literatura no âmbito do estudo do papel da resiliência nas trajetórias de desenvolvimento de crianças e jovens expostos a elevados níveis de disfuncionalidade, não só no contexto familiar, mas também institucional, que concluem que crianças e jovens que manifestam grandes níveis de resiliência, apresentam mecanismos de defesa da sua identidade e auto-estima, que lhes permite executar com sucesso as tarefas normativas de desenvolvimento, independentemente da adversidade das condições em que cresceram (Cicchetti & Rogosch, 1997; Moran & Eckenrod, 1992).

Os dados obtidos, no âmbito do estudo das **Dimensões de Personalidade e Psicopatologia**, permitiram diferenciar as duas amostras, sendo que os jovens apresentam perfis de natureza totalmente distinta: mais de metade dos jovens inseridos em contexto familiar normativo, apresentam um perfil *Normal*, ao passo que mais metade dos jovens inseridos em contexto de acolhimento institucional, apresentam um perfil *Elevado*.

Esta diferença em termos de distribuição de perfis concretiza-se nas diferenças encontradas ao nível das escalas clínicas: verificam-se diferenças significativas nas escalas de *Hipocondria*, *Desvio Psicopático*, *Paranóia* e de *Esquizofrenia*. Por outro lado, salienta-se ainda as escalas de *Depressão* e *Psicastenia*, isto porque, apesar de não se detectarem diferenças significativas em relação à amostra normativa, a percentagem de jovens que apresentam valores elevados equivale a quase metade da amostra não normativa.

Neste sentido, no âmbito de uma análise descritiva dos padrões das duas amostras, verifica-se que nos jovens da amostra não normativa predominam preocupações com o estado de saúde e competências físicas, uma capacidade de insight pouco desenvolvida, sentimentos de culpa, tristeza, remorsos e depressão, apatia, problemas de atenção e concentração, baixa auto-estima e autoconfiança, níveis elevados de autocritica, dificuldades na tomada de decisões e tendência para pensamentos ruminantes e hipersensibilidade a críticas exteriores e percepção da vida rotineira enquanto vazia de compensação. Por outro lado, apresentam uma percepção do mundo exterior como ameaçador e hostil, tendência para realizar atribuições externas de sentimentos de frustração e tristeza, percepção dos outros como incapazes de os compreender e como fonte de punições injustificadas, sentimentos de solidão, tristeza e distanciamento dos outros e tendem a apresentar crenças de que sentem mais intensamente do que os outros.

A nível relacional e familiar, os jovens em causa consideram-se ser incompreendidos pelos outros e castigados injustamente, apresentam sentimentos de falta de suporte e afecto familiar, e, por outro lado hostilidade e zanga em direcção de membros familiares, sentimentos de solidão e vazio afectivo, vulnerabilidade e finalmente tendência para pensamentos bizarros e perturbações motoras e sensoriais. Apresentam sentimentos de zanga e desconforto face às exigências de outros e do meio, bem como sentimentos de grandiosidade do self.

Estas disposições indicam uma predominância de sinais de sofrimento psicológico, de alteração do comportamento e perturbações socio-emocionais e afectivas, que poderão vir a configurar quadros psicopatológicos, quer do âmbito da externalização, quer da internalização. Estes dados vão de encontro com evidências teóricas de que ao nível do desenvolvimento emocional e afectivo sabe-se que crianças vítimas de maus-tratos, tal como negligência, que posteriormente sofrem a separação dos pais no momento do acolhimento, podem experienciar pelo menos um ou mais distúrbios mentais e estão particularmente vulneráveis a stress pós-traumático. (Dbner & Motta, 1999, Racusin, Maerlender, Segupta, Isquith, & Strauss, 2005, cit. por Bruskas, 2008) que tendem a piorar ao longo do tempo (Stahmer et al, 2005).

Por outro lado, no âmbito de uma análise de disposições da personalidade, volta-se a verificar padrões semelhantes aos descritos na literatura (Cicchetti, Kim, Rogosch & Manly, 2009), no sentido em que se observa uma tendência global para a incidência de traços psicopatológicos na amostra não normativa, no âmbito das dimensões *Agressividade*, *Psicoticismo* e *Negativismo*, sendo que em mais de metade da amostra, observa-se a ocorrência de 3 ou mais dimensões em simultâneo com níveis de elevação indicativos de perturbação. Na amostra normativa assiste-se a níveis de elevação indicativos de perturbação em *Psicoticismo* sem a ocorrência de comorbilidade com outras dimensões, em quase metade dos jovens.

Neste sentido conclui-se que estes jovens apresentam uma tendência para o descontrolo dos impulsos, agressões e comportamentos de passagem ao acto, sentimentos de grandiosidade e desejo de domínio social, bem como para níveis elevados de sofrimento interno, emoções negativas, ansiedade e culpa. Finalmente observa-se, ainda, nas duas amostras, uma tendência para comportamentos de natureza psicótica, suspeição em relação aos outros; ansiedade e pensamentos e comportamentos obsessivos.

Importa sublinhar que se constata, neste contexto, que a amostra normativa do presente estudo, apresenta quadros indicativos de sintomatologia psicopatológica, reflectidas quer no âmbito das escalas clinicas (em 3 elementos), quer no âmbito das dimensões da personalidade

(10 elementos), o que permite concluir que estes jovens apresentam traços psicopatológicos que fogem à média da população.

No âmbito de uma análise das **relações entre representações do self , de família e perturbações clínicas e de personalidade**, foi possível identificar pontos importantes de complementaridade e de convergência que vieram esclarecer as especificidades de cada amostra ao nível das relações estabelecidas entre as representações do *self* e as de família, e de que maneira, estas se associam ou acompanham sinais de perturbação na personalidade e quadros de sintomatologia clínica. Na amostra dos jovens em contexto familiar normativo, observa-se uma relação de convergência entre os dados obtidos, já que a maioria dos jovens que apresentaram uma auto-imagem e conceito de si consonante com os valores médios para a sua faixa etária, apresentam em simultâneo representações das relações familiares globalmente positivas.

Identificaram-se, assim, competências adequadas de resolução de conflito, um clima familiar tendencialmente positivo, relações de proximidade e afecto compensadoras e pautadas por fronteiras nítidas e uma percepção do papel das figuras parentais de regulação do comportamento dos filhos de forma adequada respondida por estes últimos com aceitação. Estes dados associados ao facto de estes jovens apresentarem um conceito de si equilibrado, quer a um nível global, quer a níveis específicos, permite observar uma relação de interdependência e reciprocidade no desenvolvimento de representações de família equilibradas e desenvolvimento de representações do *self* igualmente equilibradas. Quer isto dizer que o contexto familiar em que os jovens se inserem, o seu funcionamento e o desempenho adequado dos papéis parentais propiciam e acompanham o desenvolvimento de um *self* equilibrado e diferenciado, assente em representações de si positivas.

Observou-se, ainda, que na amostra normativa as percepções equilibradas do *self* e das relações familiares se associam em dois terços da amostra, à ausência de perturbações clínicas e, em metade da amostra à ausência de perturbações da personalidade. Neste sentido, conclui-se que estes dados reflectem a importância de contextos familiares estáveis e gratificantes afectivamente, na construção de um *self* resistente ao desenvolvimento de sinais de perturbação psicológica (Relvas, 2000). Não obstante, salienta-se que, em conformidade com a análise destes casos formulada no ponto anterior, observou-se que os elementos da amostra normativa com elevações em escalas clínicas e dimensões da personalidade, fugindo ao padrão da média dos restantes jovens.

No entanto, se analisarmos os padrões de resposta dos jovens que apresentam perfis elevados, e portanto sinais de perturbação psicológica, nas narrativas do instrumento referente às

representações de família, observa-se que, apesar dos resultados elevados no MMPI-A, estes jovens apresentam uma percepção da família e das relações familiares globalmente positivas. O mesmo acontece, no que toca às representações de self, sendo que os sinais de perturbação não se reflectem no autoconceito destes jovens.

Por outro lado, no que se refere aos jovens inseridos num contexto de acolhimento institucional, verifica-se um padrão de associação entre as dimensões distinto, sendo que estes jovens apresentam, na sua grande maioria, uma percepção da família negativa e, no entanto, o grau de disfuncionalidade familiar que revelam conhecer nas narrativas elaboradas, não acompanha a percepção que têm de si na forma como se autodescrevem. Neste sentido, os jovens desta amostra que apresentam um autoconceito dentro dos valores médios/negativos, apresentam uma percepção do conflito enquanto directamente relacionada com as figuras parentais, a quem atribuem uma qualificação negativa, não só na sua origem, mas também na sua manutenção, sendo que, maioritariamente apresentam estratégias de resolução ineficazes ou negativas, traduzindo uma aprendizagem de dinâmicas relacionais disfuncionais manifestadas em dificuldades na gestão das tensões interpessoais (Bolby, 1973).

Esta incapacidade de resolução de impasses e conflitos, associa-se à percepção do clima familiar enquanto tendencialmente negativo, pautado por relações desligadas e rigidez no afecto, e uma incompetência no desempenho das funções parentais de regulação do comportamento dos filhos. Mais, mesmo quando confrontados com estratégias inadequadas de regulação parental, estes jovens apresentam um padrão de aceitação das regras de funcionamento familiar que nos remete para uma ideia largamente referenciada na literatura: de que os jovens cujo desenvolvimento se inseriu num contexto familiar disruptivo, perante a ausência de alternativas e ausência de controlo sobre o que lhes acontece, apresentam comportamentos de submissão e interiorização das regras subjacentes à justificação da agressão de que são alvo, acabando por, em última análise, assumi-las enquanto referências (Vesterdal, 1991).

Por outro lado, na análise da incidência de sinais de perturbação clínica e da personalidade nestes jovens, verifica-se uma convergência entre a disfuncionalidade familiar e a perturbação individual, indo no sentido do que se encontra na literatura, de que contextos familiares pautados por elevados níveis de conflitualidade, criam condições de vulnerabilidade para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos (Cicchetti & Kim, 1996).

O mesmo já não acontece entre os dados referentes ao autoconceito destes jovens e os dados referentes à presença de sinais de perturbação psicológica. Como se concluiu acima, a maioria dos jovens desta amostra apresentam um conceito de si que avaliam de forma

consonante com os jovens da sua faixa etária inseridos num contexto normativo. Neste contexto levantou-se a hipótese de estes jovens apresentarem um grau de resiliência considerável face ao contexto familiar em que se inseriam, algo que vem a ser reiterado no cruzamento dos dados provenientes das narrativas elaboradas no FAT, i.e. os jovens foram capazes de proteger a sua integridade ao nível do seu conceito de si, apesar do grau de disfuncionalidade familiar a que foram expostos; no entanto, cruzando os dados dos três instrumentos, verificam-se níveis consideráveis de sofrimento interno e sinais claros de perturbação clínica e da personalidade, sinais estes, que não se revelaram no âmbito da TSCS:2.

Neste contexto, salienta-se, em primeiro lugar, a natureza de auto-relato da TSCS:2, estando os resultados exclusivamente dependentes da forma como estes jovens se percebem e atribuem as circunstâncias pelas quais estão a passar, i.e. se a si, se ao exterior, o que já não acontece no caso do MMPI-A, sendo que este, apesar de também se tratar de um instrumento de auto-relato, permite ir para além da percepção que estes jovens têm de si, e aceder a uma avaliação clínica do seu perfil, em termos de presença ou ausência de perturbação psicopatológica. Neste sentido, considera-se que através deste segundo instrumento, se acede a informação, não só não passível de verificar através da TSCS:2, dada a sua natureza e objectivos distintos, mas também a informação sobre a estrutura psicológica do self destes jovens, que os próprios não conseguem elaborar, identificar ou admitir, em situações em que lhes é solicitado uma introspecção e uma subsequente auto-descrição.

Por outro lado, admite-se ainda, enquanto hipótese explicativa da discrepância de resultados em análise, a plausibilidade de estes jovens atribuírem o seu sofrimento, não a si próprios, mas às condições familiares e institucionais em que se inserem. De facto, através de uma análise aprofundada dos dados do MMPI-A, verifica-se uma tendência generalizada a mais de metade da amostra, para sentimentos de falta de controlo sobre o que lhes acontece, estando à mercê dos outros, mecanismos de atribuição do seu sofrimento a condições externas, sentimentos de injustiça, incompreensão por parte dos outros, sentimentos de rejeição e alienação da família, níveis de depressão e zanga elevados para com membros da família e, em última análise um grau de mal-estar e sofrimento psicológico elevado atribuído, em última instância, às circunstâncias relacionais em que se encontram inseridos, i.e. contexto familiar agressor e um contexto de acolhimento institucional.

Concluindo, assume-se, neste contexto que a associação entre os três instrumentos, permite retirar três conclusões fundamentais que vão ao encontro de dados largamente presentes na literatura: a primeira de que as representações de família destes jovens pautam-se por

contornos de disrupção elevados e associados a sinais de sofrimento psicopatológico e sintomatologia clínica (Cicchetti & Kim, 1996); a segunda de que as representações de self destes jovens encontram-se relativamente preservadas apesar da agressão que caracteriza o seu percurso de vida, o que revela uma capacidade de autoprotecção e resiliência (Cicchetti & Rogosch, 1997; Moran & Eckenrod, 1992); a terceira referente à presença de sinais de perturbação clínica e da personalidade, mesmo quando acompanhada de um self integrado e coeso, o que reflecte que estes jovens apresentam dificuldades na elaboração das suas fragilidades e sofrimento e que aplicam mecanismos de defesa e protecção da sua identidade essencialmente relacionados com mecanismos de atribuição desse sofrimento ao outro e às circunstâncias exteriores que o rodeiam, o que apesar de desadaptativo numa circunstância normativa, funciona neste caso, como uma estratégia adaptativa e de auto-preservação, o que remete, em última instância para a noção de que a normalidade varia em termos dos constrangimentos contextuais (Cicchetti & Cohen, 1995).

Finalmente, no contexto de uma tentativa de identificação dos **factores de protecção e de risco** nas duas amostras, conclui-se, através dos dados obtidos nos três instrumentos que contextos familiares equilibrados representam um factor de protecção face ao desenvolvimento de dificuldades ao nível do autoconceito, auto-estima e identidade, bem como de perturbações psicopatológicas. Em simultâneo contextos familiares pautados por elevados níveis de disfuncionalidade, traduzidos em comportamentos parentais de negligência e maus-tratos infantis, representam factores de risco de extrema relevância no desenvolvimento de perturbações ao nível do self, bem como de perturbações clínicas. Salienta-se que os jovens da amostra não normativa encontram-se inseridos em contexto de acolhimento institucional, maioritariamente por motivo de negligência grave, seguindo-se o motivo de abuso sexual, pelo que experienciaram níveis elevados de violência passiva e activa, o que traduz histórias de vida marcadas por padrões relacionais disfuncionais, em particular no contexto familiar. Se associarmos estes padrões ao facto de, nesta amostra se observar uma incidência de perturbações clínicas e da personalidade em mais de metade da amostra, confirmamos a relação de causalidade entre a exposição a contextos familiares agressores e uma vulnerabilidade ao desenvolvimento de perturbações psicológicas. Acrescenta-se que, estes jovens apresentam, ainda, indicadores de relativa resistência à mudança quando sujeitos a acompanhamento, o que vai ao encontro da literatura, quando se afirma que contextos familiares de disfuncionalidade afectam o desenvolvimento global do individuo, com repercussões ao longo do seu ciclo de vida.

Reflexões finais

Resultados mais Salientes

No presente estudo foram encontradas evidências que permitiram dar resposta às questões iniciais de investigação, no que diz respeito à análise das Representações do *Self* e de Família em jovens provenientes de diferentes contextos, designadamente, de um contexto familiar normativo e de um contexto de acolhimento institucional, no sentido de uma posterior análise comparativa das especificidades de cada amostra. Mais, foi, ainda, possível recolher dados sobre a incidência de sinais de sofrimento interno e de perturbação psicológica nas duas amostras que, em conjunto com os dados referentes às representações de self e de família, permitiu obter uma compreensão das relações de interdependência e reciprocidade entre estas três dimensões.

Na amostra normativa, observa-se uma relação de convergência entre os dados obtidos, já que a maioria dos jovens que apresentaram uma auto-imagem e conceito de si consonante com os valores médios para a sua faixa etária, apresentam em simultâneo representações das relações familiares globalmente positivas e funcionais, traduzidas em competências adequadas de resolução de conflito, um clima familiar tendencialmente positivo, relações de proximidade e afecto compensadoras e uma percepção do papel das figuras parentais de regulação do comportamento dos filhos de forma adequada. Conclui-se, assim, que estes dados reflectem a importância de contextos familiares estáveis e gratificantes afectivamente, na construção de um *self* resistente ao desenvolvimento de sinais de perturbação psicológica.

Na amostra não normativa, observa-se uma relação de complementariedade entre os dados recolhidos relativos às representações de self e de família: os jovens desta amostra que apresentam um autoconceito dentro dos valores médios/negativos, apresentam em simultâneo representações de família tendencialmente negativas, reflectidas em estratégias de resolução ineficazes ou negativas, associadas a uma percepção do clima familiar enquanto tendencialmente negativo, pautado por relações desligadas e rigidez no afecto, e uma incompetência no desempenho das funções parentais de regulação do comportamento dos filhos.

Relativamente à análise da incidência de sinais de perturbação clínica e da personalidade nestes jovens, verifica-se, por um lado, uma convergência entre a disfuncionalidade familiar e a perturbação individual, e por outro, uma relação de complementariedade entre a percepção que os jovens têm de si e sinais de sofrimento interno e de perturbação.

Limitações

Como limitações da presente investigação, considera-se em primeiro lugar as dimensões das duas amostras em estudo compostas, apenas, com 19 jovens, cada uma. Também a

heterogeneidade das próprias amostras, ao nível da distribuição por sexos, na medida em que a percentagem de raparigas é consideravelmente maior do que a dos rapazes, podendo assim enviesar os dados recolhidos.

Também a abrangência da faixa etária das amostras em estudo (entre os 14 e os 18 anos) é uma limitação, devido aos possíveis efeitos das diferentes etapas de desenvolvimento na resposta aos instrumentos.

Aponta-se, ainda, como limitação no contexto da amostra normativa, a existência quadros indicativos de sintomatologia psicopatológica, reflectidas quer no âmbito das escalas clínicas (em 3 elementos), quer no âmbito das dimensões da personalidade (10 elementos), o que permite concluir que estes jovens apresentam traços psicopatológicos que fogem à média da população.

Finalmente sublinha-se que o facto de não existirem dados normativos para a população portuguesa no que se refere ao FAT, dado que está ainda em fase de estudo e adaptação, não foi possível aceder a dados comparativos, representando assim um factor limitativo ao estudo.

Implicações para a clínica e investigação

No que respeita à investigação futura, considera-se de real importância o planeamento de estudos que permitam ultrapassar as limitações acima referidas, designadamente no que toca à dimensão das amostras e à heterogeneidade em termos de distribuição de sexos.

Sublinha-se ainda, a importância de conduzir estudos longitudinais que permitam aceder às especificidades do desenvolvimento dos jovens em contexto de acolhimento institucional, desde o momento prévio à institucionalização, até à vida adulta, e assim compreender o impacto das circunstâncias de vida destes jovens no seu desenvolvimento, discriminando o papel da família e o papel serviços de intervenção social, nomeadamente dos centros de acolhimento, nas trajectórias (in)adaptativas destes jovens, para, em última análise, aprofundar o conhecimento teórico, com vista à implementação de estratégias de intervenção que minimizem os riscos que estes contextos representam para o desenvolvimento.

Finalmente, sublinha-se a importância da condução de estudos que permitam dar continuidade ao processo de adaptação e de operacionalização das categorias do FAT. Considera-se que a adaptação do instrumento referido à população portuguesa, significa uma evolução importante no âmbito de estudos da Avaliação Psicológica, na medida em que trata de um instrumento que vem propor uma grelha de análise do comportamento humano, totalmente distinta das que conhecemos até agora, dado que assume uma visão sistémica do indivíduo, permitindo assim, compreendê-lo à luz do contexto relacional por excelência: a Família.

Referências

- Alarcão, M.(2006). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra:Quarteto.
- Alberto, I. M. (2004). *Maltrato e Trauma na Infância*. Coimbra: Almedina
- Aldgate, J., & Jones, D. (2006). The place of attachment in children's development. In J. Aldgate, D. Jones, W.Rose, & C. Jeffery (Eds.) *The Developing World of the Child*. (pp. 67-97). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Ann S. Masten and Dante Cicchetti (2010). Developmental cascades. *Development and Psychopathology*,22, pp 491495 doi:10.1017/S0954579410000222
- Archer, R.P. (2005b). *MMPI-A: Assessing adolescent psychopathology* (3rd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates
- Archer, R.P. & Krishnamurthy, R. (2001). *Essentials of MMPI-A assessment*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Azam, A., & Hanif, R. (2001). Impact of parent's marital conflicts on parental attachment and social competence of adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 8(2), 157-170.
- Brand, A. & Brinich P.,(1999). *Behavior Problems and Mental Health Contacts in Adopted, Foster, and Nonadopted Children*. University of North Carolina at Chapel Hill, U.S.J. *Child Psychol. Psychiat.* 40(8).1221-1229. Association for Child Psychology and Psychiatry. Cambridge:Cambridge University Press
- Blatt, S. J. (1990b). Interpersonal relatedness and self-definition: Two personally configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In J. L. Singer (Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology & health* (pp. 299-335). Chicago: University of Chicago Press.

- Blatt, S. J., & Levy, K. N. (in press). A psychodynamic approach to the diagnosis of psychopathology. In J. W. Barron (Ed.), *Making diagnosis meaningful*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2: Separation: Anxiety and anger. New York: Basic Books.
- Braden, J.P. (2003). Psychological assessment in school settings. In J.R. Graham & J.A. Naglieri (Eds.), *Assessment Psychology* (vol. 10), in I.B. Weiner (Ed.), *Handbook of Psychology*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Butcher, J.N., Williams, C.L., Graham, J.R., Archer, R.P., Tellegen, A., Ben-Porath, Y.S. & Kaemmer, B. (1992). *Minnesota Multiphasic Personality Inventory – A (MMPI-A): Manual for administration, scoring, and interpretation*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Calheiros, M. M., Garrido, M. V., & Santos, S.V.(2012). *Crianças em Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Calil, V. L. L. (1987). *Terapia familiar e de casal*. São Paulo: Summus.
- Carmody, D. (2012). Self Representation in Children With and Without Spectrum Disorders. *Child Psychiatry & Human Development*, 43(2), 227-237.
- Carlson, E. A., & Egeland, B. (2004). The construction of experience: A longitudinal study of representation and behavior. *Child development*, 75(1), 66-83.
- Chamberlain, P., & Price, J., Leve, L., Laurent, H., Landsverk, J., Reid, J. (2008). Prevention of Behavior Problems for Children in Foster Care: Outcomes and Mediation Effects. Published online: Society Prevention Research, *Prev Sci* (2008) 9:17-27, Springer

- Cicchetti, D. (1984). The emergence of developmental psychopathology. *Child Development*, 55, 1-7.
- Cicchetti, D. & Cohen, D.J. (2006). *Developmental psychopathology: Theory and method* (vol. 1, 2nd ed.). New York: Wiley.
- Cicchetti, D. & Crick, N.R. (2009). Editorial: Precursors and diverse pathways to personality disorder in children and adolescents. *Development and Psychopathology*, 21 (3), 683-685.
- Cicchetti, D., & Dawson, G. (Eds.) (2002). Multiple levels of analysis. *Development and Psychopathology*, 14, 417-666.
- Cicchetti, D. & Rogosch, F.A. (1996). Equifinality and multifinality in developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 8 (4), 597-600.
- Cicchetti, D. & Rogosch, F.A. (1997). The role of self-organization in the promotion of resilience in maltreated children. *Development and Psychopathology*, 9 (4), 797-815.
- Cicchetti, D. & Rogosch, F.A. (2002). A developmental psychopathology perspective on adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70 (1), 6-20.
- Cicchetti, D., & Sroufe, L. A. (2000). The past as prologue to the future: The times, they've been a changin'. *Development and Psychopathology*, 12, 255-264.
- Coatsworth, J. (...) A Developmental Psychopathology and Resilience Perspective on 21st Century Competencies. National Research Council on behalf of the Hewlett Foundation. Pennsylvania State University. Department of Human Development and Family Studies.
- Barber, J., Delfabbro, P., Cooper, L. (2001). The Predictors of Unsuccessful Transition to Foster Care. *J. Child Psychol. Psychiat.* 42 (6) 785–790. Association for Child Psychology and Psychiatry. Flinders University of South Australia. Australia. Cambridge University Press

- Dessen, M. A., & Polonia, A. D. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis* (No. 7). WW Norton & Company.
- Fanshel, D. (1975). Parental Failure and Consequences for Children: The Drug-Abusing Mother Whose Children Are in Foster Care. *AJPH* June, 1975, Vol.65, N° 6. Sweden
- George, C., Herman, C. K., & Ostrander, R. (2006). The family environment and developmental psychopathology: The unique and interactive effects of depression, attention, and conduct problems. *Child Psychiatry & Human Development*, 37, 163-177.
- Gray, J. (2001). The Framework for the Assessment of Children in Need and Their Families. *Child & Adolescent Mental Health*, 6(1), 4-10
- Goldbeter-Merinfeld, E. (1998). A abordagem estrutural na terapia familiar. In M. Elkaïm (Org.). *Panorama das Terapias Familiares*, (Vol. 1, pp. 225-258). São Paulo: Summus.
- Holmberg, J., Robinson, J., Corbitt-Price, J., & Wiener, P. (2007). Using narratives to assess competencies and risks in young children: Experiences with high risk and normal populations. *Infant mental health journal*, 28(6), 647-666.
- Howe, D. (2005). *Child Abuse And Neglect: Attachment, Development And Intervention*. New York: Palgrave Macmillan Pages.
- Kaufman, J., & Cicchetti, D. (1989). Effects of maltreatment on school-age children's socioemotional development: assessments in a day-camp setting. *Developmental Psychology*, 25(4), 516
- Kerr, M. (1988). *Chronic Anxiety and Defining a Self*. The Atlantic Monthly
- Kim, J., & Cicchetti, D. (2006). Longitudinal Trajectories of Self-System Processes and Depressive Symptoms Among Maltreated and Nonmaltreated Children. *Child Development*, 77(3), 624-639.

- Krug EG et al., eds. World report on violence and health. Geneva, World Health Organization, 2002.
- Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(2), 407.
- Macfie, J., Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2001). The development of dissociation in maltreated preschool-aged children. *Development and Psychopathology*, 13(02), 233-254
- Macfie, J., Toth, S. L., Rogosch, F. A., Robinson, J., Emde, R. N., & Cicchetti, D. (1999). Effect of maltreatment on preschoolers' narrative representations of responses to relieve distress and of role reversal. *Developmental Psychology*, 35(2), 460-465.
- McCrone, E. R., Egeland, B., Kalkoske, M. & Carlson, E. A. (1994). Relations between early maltreatment and mental representations of relationships assessed with projective storytelling in middle childhood. *Development and Psychopathology*, 6, 99-120.
- McNulty, J.L., Harkness, A.R., Ben-Porath, Y.S. & Williams, C.L. (1997). Assessing the personality psychopathology five (PSY-5) in adolescents: New MMPI-A scales. *Psychological Assessment*, 9 (3), 250-259.
- Minuchin, S. (1982). Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). Técnicas de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). Terapia Familiar: conceitos e métodos, (7ªed.). Porto Alegre: Artmed.
- Novo, R.F. (2003). Para além da Eudaimonia – O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- Pina, P. (1979). A terapia Familiar Como Processo. *Análise Psicológica*(1979), II, 3:379-389.
Lisboa
- Relvas, A. P. (1996). O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica. Edições Afrontamento.
- Redondo, J., Pimentel, I., Correia, A. (coord.), Vicente, H. & col. (2012). Manual SARAR – Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar, Referenciar: Uma proposta de Manual para profissionais na área da violência familiar / entre parceiros íntimos. Coimbra: Administração Regional de Saúde do Centro.
- Salzinger, S., Feldman, R. S., Hammer, M., & Rosario, M. (1993). The effects of physical abuse on children's social relationships. *Child development*, 64(1), 169-187.
- Scannapieco, M. & Connel-Carrick, K. (2005). *Understanding Child Maltreatment: An Ecological and Developmental Perspective*. Oxford University Press.
- Shields, A., Ryan, R. M., & Cicchetti, D. (2001). Narrative representations of caregivers and emotion dysregulation as predictors of maltreated children's rejection by peers. *Developmental Psychology*, 37(3), 321.
- Sroufe, L., Coffino, B., & Carlson, E. A. (2010). Conceptualizing the role of early experience: Lessons from the Minnesota longitudinal study. *Developmental Review*, 30(1), 36-51.
- Sigrid, J. (2004). Why Do Foster Care Placements Disrupt? An Investigation of Reasons for Placement Change in Foster Care Author(s). *The Social Service Review*, 78 (4) 601-627.
University of Chicago
- Soares, I. (2007). *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento*. Psiquilibrios.
- Soares, I. (Ed.) (2007). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Sotile, W., Julian III, A., Henry, S., & Sotile, M. (1999). Family Apperception Test: Manuel. Centre de Psychologie Appliquée, Paris, France.
- Stadelmann, S., Perren, S., Von Wyl, A., & Von Klitzing, K. (2010). Associations between family relationships and symptoms/strengths at kindergarten age: what is the role of children's parental representations?. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(10), 996-1004.
- Stadelman, S. (2010). Parental Separation and Children's Behavioral/Emotional Problems: The Impact of Parental Representations and Family Conflict. *Family Process*, 49(1), 92-108.
- Steinberg, L. & Morris, A.S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110.
- Sullivan, HS. The interpersonal theory of psychiatry. New York: Norton; 1953.
- Sroufe, L. A., & Rutter, M. (1984). The domain of developmental psychopathology. *Child Development*, 55, 17-29.
- Sroufe, L. A., Coffino, B., & Carlson, E. A. (2010). Conceptualizing the role of early experience: Lessons from the Minnesota Longitudinal Study. *Developmental Review*, 30, 36-51.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, 9(04), 781-796.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., MacFie, J., Maughan, A., & Vanmeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development*, 2(3), 271-305.

Waldinger, R. J., Toth, S. L., & Gerber, A. (2001). Maltreatment and internal representations of relationships: Core relationship themes in the narratives of abused and neglected preschoolers. *Social Development*, 10(1), 41-58.

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Representações de Self e de Família

Estudo comparativo entre jovens em contexto familiar normativo e em contexto de acolhimento institucional

APÊNDICES E ANEXOS

Joana Garcia Guerra

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rosa Ferreira Novo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

Índice

Apêndices:

Apêndice I – Pedido de Colaboração no Estudo: Amostra Não Normativa

Apêndice II – Pedido de Colaboração no Estudo: Amostra Normativa

Apêndice III – Consentimento Informado

Apêndice IV – Ficha de Dados Sociobiográficos Amostra Normativa

Apêndice V – Ficha de Dados SocioBiográficos Amostra Não Normativa

Apêndice VI – Instruções de Aplicação do FAT

Apêndice VII – Folha de cotação do FAT

APÊNDICE VIII - Family Apperception Test (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Anexos:

Anexo A – Apresentação dos Resultados Discriminados

APÊNDICES

Apêndice I: Pedido de Colaboração no Estudo: Amostra Não Normativa

O meu nome é Joana Garcia Guerra, sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica Sistémica, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, e venho por este meio solicitar a atenção de V. Ex.^a. para um pedido de colaboração numa investigação que está a ser desenvolvida no âmbito de uma tese de mestrado.

A investigação incide sobre a temática “Representações de *Self* e de família em jovens em contexto de acolhimento institucional e em jovens em contexto familiar normativo” e é orientada pela Prof.^a Doutora Rosa Novo, docente da Faculdade de Psicologia.

Com esta investigação, pretende-se analisar de que forma as características contextuais que pautam o desenvolvimento psicológico de jovens institucionalizados, designadamente as circunstâncias de ruptura de vínculos familiares e de instabilidade dos contextos relacionais anteriores ao acolhimento, estão associadas ao aumento dos factores de risco e de perturbações do desenvolvimento.

Pretende-se focar a especificidade do desenvolvimento psicológico nestes jovens ao nível da construção das representações mentais do *self* e de família (percepção pessoal, identidade, auto-estima e vivência das relações interpessoais) considerando, comparativamente, uma amostra de jovens integrados em contexto familiar (amostra normativa).

A sua participação constitui um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre a temática em estudo e assim, contribuir para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção junto destes jovens.

Para este efeito, pretende-se a colaboração de dois grupos de jovens, um grupo em situações normativas e outro em situação de acolhimento institucional, em ambos os casos com idades compreendidas entre os 14 anos e os 18 anos, bem como dos respectivos encarregados de educação ou representantes legais.

Aos responsáveis legais dos jovens, solicitamos a autorização para a participação do jovem a seu cargo e a vossa participação directa, respondendo a um questionário sociodemográfico, que nos permita obter informação relevante para o enquadramento dos resultados obtidos, sobre a história de desenvolvimento menores a vosso cargo, nomeadamente ao nível da escolaridade, história de saúde, história de desenvolvimento; antecedentes à institucionalização e história de vida após a institucionalização.

A participação dos jovens consiste na resposta a um conjunto de provas de avaliação, organizadas em duas sessões com uma duração de cerca de 60 minutos, cada.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem consequências para V. Ex.^a ou para os jovens. A participação pode vir ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejarem, sem que daí resulte qualquer prejuízo para os participantes. Os dados recolhidos são confidenciais e serão tratados de forma global, isto é, não individualizada. Dúvidas sobre a investigação poderão ser esclarecidas nas sessões ou através do endereço de e-mail: joana_garcia_guerra@hotmail.com. Poderá recorrer a este mesmo endereço, mais tarde, caso pretenda vir a obter informação sobre os resultados globais da investigação.

Apêndice II: Pedido de colaboração no estudo: Amostra Normativa

“Representações de *Self* e de família em jovens em contexto de acolhimento institucional e em jovens em contexto familiar normativo”

Com esta investigação, pretende-se analisar de que forma as especificidades do desenvolvimento psicológico de jovens institucionalizados, designadamente as circunstâncias de ruptura de vínculos familiares e de instabilidade dos contextos relacionais, estão associadas ao aumento dos factores de risco e de perturbações do desenvolvimento.

Pretende-se focar a especificidade destas dimensões nestes jovens considerando, comparativamente, uma amostra de jovens integrados em contexto familiar.

Para este efeito, pretende-se a colaboração de dois grupos de jovens, um grupo em situações normativas e outro em situação de acolhimento institucional, em ambos os casos com idades compreendidas entre os 14 anos e os 18 anos, bem como dos respectivos encarregados de educação ou representantes legais.

A amostra normativa caracteriza-se por jovens inseridos num agregado familiar intacto, não sinalizados por comissões de protecção de menores e sem défices cognitivos ou doenças crónicas detectadas.

Aos pais/encarregados de educação, solicitamos a autorização para a participação do jovem a seu cargo e a resposta a uma ficha de dados socio-biográficos que inclui informação geral sobre dados relativos à escolaridade, saúde e agregado familiar actual.

A participação dos jovens consiste na resposta a um conjunto de provas de avaliação, organizadas em duas sessões com uma duração de cerca de 60 minutos, cada.

Dúvidas sobre a investigação poderão ser esclarecidas através do endereço de e-mail: joana_garcia_guerra@hotmail.com, ou pelo contacto telefónico para 916570278.

Apêndice III: Consentimento informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica Sistémica, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a ser desenvolvida uma investigação para a qual se solicita a colaboração V. Ex.^a. A investigação incide sobre a temática “Representações de *Self* e de família em jovens em contexto de acolhimento institucional e em jovens em contexto familiar normativo” e é orientada pela Prof.^a Doutora Rosa Novo.

Com esta investigação, pretende-se analisar de que forma as especificidades do desenvolvimento psicológico de jovens institucionalizados, designadamente as circunstâncias de ruptura de vínculos familiares e de instabilidade dos contextos relacionais, estão associadas ao aumento dos factores de risco e de perturbação desenvolvimento. Para este efeito, pretende-se a colaboração de jovens, em situações normativas e em situação de acolhimento institucional, bem como dos encarregados de educação ou representantes legais.

A sua participação constitui um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre a temática em estudo e, assim, favorecer o desenvolvimento, no futuro, de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes junto dos jovens e das instituições que os acolhem. Neste sentido, solicitamos a participação de jovens e dos respectivos responsáveis para responderem a um conjunto de instrumentos de avaliação. Aos pais/encarregados de educação, solicitamos a autorização para a participação do jovem a seu cargo e a resposta a um questionário sociodemográfico que inclui informação geral sobre dados sobre escolaridade, saúde, agregado familiar actual ou antecedentes e condições específicas da institucionalização, nos casos de acolhimento institucional. A participação dos jovens consiste na resposta a um conjunto de provas de avaliação, organizadas em duas sessões com uma duração de cerca de 60 minutos, cada. A segunda sessão integra uma tarefa de elaboração de narrativas que, para facilidade de análise, serão gravadas, em registo áudio que, após a análise dos dados, será destruído.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem consequências para V. Ex.^a ou para os jovens. A participação pode vir ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejarem, sem que daí resulte qualquer prejuízo para os participantes. Os dados recolhidos são confidenciais e serão tratados de forma global, isto é, não individualizada. Dúvidas sobre a investigação poderão ser esclarecidas nas sessões ou através do endereço de e-mail: joana_garcia_guerra@hotmail.com. Poderá recorrer a este mesmo endereço, mais tarde, caso pretenda vir a obter informação sobre os resultados globais da investigação.

Grata pela vossa atenção,

A Mestranda,

Nº ID: _____

CONSENTIMENTO INFORMADO

Para os devidos efeitos declaro que autorizo (nome do jovem)

_____,

a participar na investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa com a temática “Representações de *Self* e de família em jovens em contexto de acolhimento institucional e em jovens em contexto familiar normativo”.

Encarregado de Educação/Educador ou Representante Legal

Data ____/____/____

Apêndice IV: Ficha de Dados Sociobiográficos Amostra Normativa

FICHA DE DADOS SOCIOBIOGRÁFICOS

Nº do processo

Data _____

1. Primeiro nome

2. Sexo

Masculino ☐ Feminino ☐

3. Data de Nascimento

4. Agregado familiar

4.1. Elementos do agregado familiar

4.2. Filiação

| | Idade | Habitações Literárias | Profissão |
|-----|-------|-----------------------|-----------|
| Mãe | | | |
| Pai | | | |

4.3. Fratria

| Sexo | Idade | Escolaridade | Observações |
|------|-------|--------------|-------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

6. Escolaridade

7º ano ☐ 8º ano ☐ 9º ano ☐ 10º ano ☐ 11º ano ☐
12º ano ☐

7. Percurso Escolar

Com dificuldades ☐

Sem dificuldades ☐

Reprovação de anos escolares ☐ Se sim, quais e quantas vezes: _____

7.1. O jovem manifestou algum problema de comportamento sinalizado pela escola?

Não ☐

Sim ☐ Se sim, refira, por favor, o tipo de problemas sinalizados:

Problemas de atenção e concentração nas aulas ☐

Falta de interesse nas matérias lecionadas ☐

Ansiedade de desempenho ☐

Comportamentos de oposição e/ou desafio ☐

Falta de autodomínio e controlo de impulsos ☐

Agressividade dirigida aos pares ☐
Agressividade dirigida a adultos ☐
Isolamento ☐
Tendência para adoptar comportamentos de risco ☐
Consumo de substâncias ☐
Outros _____

9. História de Saúde

9.1. O jovem teve/tem algum diagnóstico de doença física?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, qual/quais? _____

9.2. O jovem teve/tem algum diagnóstico de doença psicológica?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, qual/quais? _____

9.3. O jovem teve/tem acompanhamento psicológico/psiquiátrico?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, qual/quais? _____

10. História do Desenvolvimento

10.1. Alimentação _____

10.2. Sono _____

10.3. Linguagem _____

11. Na escola, em geral, o jovem mostra-se:

Muito Insatisfeito ☐ Insatisfeito ☐ Satisfeito ☐ Muito Satisfeito ☐

Observações _____

12. No grupo de pares, em geral, o jovem mostra-se:

Muito Insatisfeito ☐ Insatisfeito ☐ Satisfeito ☐ Muito Satisfeito ☐

Observações _____

13. Na família, em geral, o jovem mostra-se:

Muito Insatisfeito ☐ Insatisfeito ☐ Satisfeito ☐ Muito Satisfeito ☐

Observações _____

Apêndice V: Ficha de Dados Sociobiográficos; Amostra não normativa

FICHA DE DADOS SOCIOBIOGRÁFICOS

Data _____

1. Primeiro nome

2. Sexo

Masculino ☐

Feminino ☐

3. Data de Nascimento

4. Filiação

| | Idade | Habitações Literárias | Profissão |
|-----|-------|-----------------------|-----------|
| Mãe | | | |
| Pai | | | |

5. Figuras Parentais anteriormente Responsáveis

| Parentesco | Idade | Habitações Literárias | Profissão |
|------------|-------|-----------------------|-----------|
| | | | |
| | | | |

6. Fratria

| Sexo | Idade | Escolaridade | Observações |
|------|-------|--------------|-------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

7. História de perturbações psiquiátricas na família nuclear e/ou alargada

8. Escolaridade

5º ano ☐ 6º ano ☐ 7º ano ☐ 8º ano ☐
9º ano ☐ 10º ano ☐ 11º ano ☐ 12º ano ☐

9. Percurso Escolar

Com dificuldades ☐ Sem dificuldades ☐

Reprovação de anos escolares ☐ Se sim, quais e quantas vezes: _____

10. Comportamento e adaptação ao meio escolar

10.1. O jovem manifestou algum problema de comportamento sinalizado pela escola?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, refira, por favor, o tipo de problemas sinalizados:

Problemas de atenção e concentração nas aulas ☐

Falta de interesse nas matérias leccionadas ☐

Ansiedade de desempenho ☐

Comportamentos de oposição e/ou desafio ☐

Falta de autodomínio e controlo de impulsos ☐

Agressividade dirigida aos pares ☐

Agressividade dirigida a adultos ☐

Isolamento ☐

Tendência para adoptar comportamentos de risco ☐

Consumo de substâncias ☐

Outros _____

11. História de Saúde

O jovem teve/tem algum diagnóstico de doença física?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, qual/quais? _____

O jovem teve/tem algum diagnóstico de doença psicológica?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, qual/quais? _____

O jovem teve/tem acompanhamento psicológico/psiquiátrico?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, qual/quais? _____

12. Características do Desenvolvimento

12.1. Alimentação _____

12.2. Sono _____

12.3. Desenvolvimento

psicomotor _____

12.4. Linguagem _____

12.5. Controlo

dos Esfíncteres _____

12.6. Aprendizagem

gem _____

12.7. Desenvolvimento Psicossocial

13. Situação de Institucionalização

13.1. Código atribuído à Instituição _____ 13.2. Data da institucionalização __/__/____

13.3. Motivo da institucionalização _____

13.4. O jovem esteve institucionalizado anteriormente?

Não ☐ Sim ☐ Se sim, refira, por favor, os períodos de institucionalização anteriores

13.5. O jovem tem contacto com a família biológica?

Não ☐ Sim ☐ Se sim,

refira, por favor, com que frequência

1 vez por mês ☐

3 a 4 vezes por mês ☐

2 vezes por mês ☐

Mais de 4 vezes por mês ☐

b) Classifique, por favor, a qualidade da relação do jovem com a família biológica

Muito negativa ☐ Negativa ☐ Positiva ☐ Muito positiva ☐

Observações _____

13.6. Cuidadores responsáveis pelo jovem, na instituição

Um ou dois ☐ Mais do que dois ☐

13.7. Qualidade da relação do jovem com os cuidadores na instituição

Muito negativa ☐ Negativa ☐ Positiva ☐ Muito positiva ☐

Observações _____

13.8. Quais as principais fragilidades/dificuldades/problemas que o jovem apresenta?

13.9. Quais as principais forças/qualidades/competências que o jovem apresenta?

13.10. Na instituição, em geral, o jovem mostra-se:

Muito Insatisfeito ☐ Satisfeito ☐

Insatisfeito ☐ Muito Satisfeito ☐

Observações _____

Apêndice VI: Instruções de Aplicação do F.A.T.

Instruções de Aplicação do F.A.T. a Crianças

INSTRUÇÃO

“Tenho aqui uma série de imagens que mostram crianças e as suas famílias. Vou mostrar-te as imagens uma a uma. Quero me digas, por favor, o que se passa na imagem, o que se terá passado antes, o que os personagens estão a pensar ou a sentir e também como é que a história vai terminar. Não há respostas certas ou erradas sobre as imagens, usa a tua imaginação. Vou escrever/ gravar* as tuas respostas para me poder lembrar delas mais tarde.”

** Aplicação com registo manual/aplicação com registo áudio.*

Entendeste? Podemos começar?

Responder a qualquer pergunta da criança sobre a tarefa, de um modo breve e tranquilizador. Ser redundante relativamente às instruções e remeter para o final respostas a questões não directamente relacionadas com a tarefa.

Apresentar o 1º cartão: dar em mão à criança. Se ela não receber espontaneamente, pôr na mesa frente a ela. Deixar que a criança responda. Se necessário, repetir, em tom de voz calmo:

“Quero me digas o que se passa na imagem, o que se terá passado antes... o que os personagens estão a pensar ou a sentir... “

Após a resposta da criança, verificar se há necessidade de questionamento, o que a acontecer deve seguir a formulação seguinte.

Questionamento (se necessário)

O que é que se está a passar?

O que é se passou antes?

O que é que ele/ela está a sentir?

Do que é que eles estão a falar?

Como é que a história vai terminar?

Notas:

Evitar o questionamento *excessivo* (perguntar demais), *repetido* (centrado nas mesmas questões) ou *mecânico* (usar sempre a mesma formulação).

Se a criança se referir a si ou a qualquer situação/personagem familiar, acolher as referências, não comentar, e manter o questionamento sobre as personagens da imagem. Ex: “Esta senhora velhota é a minha avó, ela também usa avental”. O questionamento pode incidir na senhora velhota, nunca na avó.

Nunca perguntar o porquê das situações, mas antes o como, o quê ou quem.

O Questionamento não deve ocorrer intercortando a história que está a ser contada. Deve-se esperar que a criança elabore o mais espontaneamente possível e só depois tentar obter informação complementar e necessária à análise.

Apêndice VII: Folha de cotação do F.A.T.

TESTE DE APERCEPÇÃO FAMILIAR (F.A.T.¹) Folha de Cotação

Nome: _____ Sexo: _____ Processo _____

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ Idade: _____ Data de Aplicação: ____ / ____ / ____

Local e Contexto de Aplicação: _____

CATEGORIAS CONSIDERADAS NO SISTEMA FRANCÊS

| CATEGORIAS DE ANÁLISE | Cartões: Temas e Números | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | PONTUAÇÃO |
|-----------------------------------|--------------------------|-------------|---------|---------------|---------------|-----------|---------|------------------|---------|------------|-------|-------------------|----------------|--------------|------|--------|-------------|----------|------------|---------|--------|-----------|
| | Jantar | Aparelhagem | Punição | Loja de Roupa | Sala-de-Estar | Arrumação | Escadas | Centro Comercial | Cozinha | Campo Jogo | Saída | Trabalhos de Casa | Hora de dormir | Jogo de Bola | Jogo | Chaves | Maquilhagem | Excursão | Escritório | Espelho | Abrigo | |
| 1. Conflito Aparente♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Familiar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Conjugal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Outro tipo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Ausência de Conflito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| 2. Resolução do Conflito♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Positiva | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Negativa ou Sem Resolução | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| 3. Definição de Limites | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Apropriados/Adesão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Apropriados/sem Adesão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Inapropriados/Adesão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Inapropriados/sem Adesão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| 4. Qualidade das Relações♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Mãe – aliada | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Pai – aliado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Irmão/Irmã – aliado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |
| Cônjuge aliado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | |

¹ Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Adaptação de A. Baptista, R. Novo, & I. Narciso (2014) a partir do *Family Apperception Test*: Manuel de W. Sotile, A. Julian III, S. Henry, & M. Sotile (1999). Centre de Psychologie Appliquée, Paris, France.

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|--|--|
| Outro – aliado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Mãe – agente <i>stressor</i> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Pai – agente <i>stressor</i> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Irmão/Irmã – agente <i>stressor</i> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Cônjuge – agente <i>stressor</i> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Outro – agente <i>stressor</i> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| 5. Definição de Fronteiras♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Fusão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Desligamento | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Coalizão Mãe/Criança | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Coalizão Pai/Criança | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Coalizão Outro/Criança | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Sistema Aberto | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Sistema Fechado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| 6. Circularidade Disfuncional | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| 7. Maus-Tratos♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Físicos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Abuso Sexual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Abandono/Negligência | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Abuso de Substâncias | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| 8. Respostas Invulgares | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| 9. Rejeição | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |

Continua

| CATEGORIAS DE ANÁLISE | Cartões: Temas e Números | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | PONTUAÇÃO | |
|--|--------------------------|-------------|---------|---------------|---------------|-----------|---------|------------------|---------|------------|-------|-------------------|----------------|--------------|------|--------|-------------|----------|------------|---------|--------|-----------|--|
| | Jantar | Aparelhagem | Punição | Loja de Roupa | Sala-de-Estar | Arrumação | Escadas | Centro Comercial | Cozinha | Campo Jogo | Saída | Trabalhos de Casa | Hora de dormir | Jogo de Bola | Jogo | Chaves | Maquilhagem | Excursão | Escritório | Espelho | Abraco | | |
| 10. Tonalidade Emocional♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Depressão/Tristeza | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Alegria/Satisfação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Ira/Hostilidade | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Ansiedade/Medo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Outro tipo de Emoções <i>(Identificar abreviadamente)</i> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |

[illegible]

| OUTRAS CATEGORIAS | Cartões: Temas e Números | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | PONTUAÇÃO | |
|--------------------------------------|--------------------------|-------------|---------|----------------|---------------|-----------|---------|------------------|---------|------------|-------|-------------------|----------------|--------------|------|--------|-------------|----------|------------|---------|--------|-----------|--|
| | Jantar | Aparelhagem | Punição | Loja de Roupas | Sala-de-Estar | Arrumação | Escadas | Centro Comercial | Cozinha | Campo Jogo | Saída | Trabalhos de Casa | Hora de dormir | Jogo de Bola | Jogo | Chaves | Maquilhagem | Excursão | Escritório | Espelho | Abraço | | |
| Clima Relacional♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Familiar - Positivo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Familiar - Negativo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Outro - Positivo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Outro - Negativo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Não se aplica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Comunicação Verbal Familiar | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Aberta – Clara | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Fechada - Confusa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Não se aplica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Foco do Problema♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pessoal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Interpessoal | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Hierarquia Familiar | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Congruente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Invertida | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Não se aplica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Fronteiras♦ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Nítidas/Relações Equilibradas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Difusas/Relações Emaranhadas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Rígidas/Relações Desligadas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Não se Aplica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Regulação Parental | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Adequada | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Inadequada | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Aceitação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Não Aceitação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Não se aplica | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |
| Percepção de Justiça dos maus-tratos | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Justo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | | |

APÊNDICE VIII - *Family Apperception Test* (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Teste de Aperceção Familiar

OUTRAS CATEGORIAS: Definições e Exemplos

CLIMA RELACIONAL

Relativo à percepção positiva vs. negativa das relações familiares e das relações entre outras personagens das narrativas. Em ambos os casos, o clima relacional pode ser categorizado como Positivo ou Negativo. Se a narrativa não permitir uma avaliação da positividade vs. negatividade do clima relacional, será codificado na categoria “Não se aplica” (em clima relacional familiar- não se aplica e em clima relacional com outros- não se aplica).

CLIMA RELACIONAL POSITIVO

Considera-se “clima relacional familiar positivo” ou “clima relacional positivo com outros” sempre que a narrativa revela predominantemente indicadores de positividade relacional – e.g., suporte emocional (validação, empatia, compreensão, preocupação/cuidado com as necessidades dos outros, apoio, disponibilidade/responsividade), confiança nos outros, coesão/união, expressão de afetos positivos, sentimentos positivos (e.g. alegria, bem-estar, tranquilidade) associados aos outros ou à relação, flexibilidade, cooperação, comunicação assertiva, resolução construtiva de conflitos.

CLIMA RELACIONAL NEGATIVO

Considera-se clima relacional familiar negativo ou clima relacional com outros sempre que a narrativa revela predominantemente indicadores de negatividade relacional – e.g., ausência de suporte emocional em situações em que tal seria esperado ou necessário (ausência de validação, de empatia, de compreensão, de preocupação/cuidado com as necessidades dos outros, de apoio, de disponibilidade/responsividade, etc.), desconfiança dos outros, distanciamento emocional, rigidez, rejeição, expressão de afetos negativos, sentimentos negativos (raiva, medo, aversão, tristeza) associados aos outros ou à relação, comunicação agressiva.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR

Codifica-se sempre que na narrativa há elementos relativos à qualidade da comunicação verbal na família. Se a narrativa não incluir interações familiares que permitam a avaliação da positividade vs. negatividade da comunicação verbal, será codificado na categoria “Não se aplica”.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR POSITIVA

Comunicação caracterizada por: expressão clara, aberta, direta e/ou adequada de pensamentos, opiniões e sentimentos; escuta ativa; expressões de afeto positivo na interação entre as personagens; reconhecimento explícito de erros; explicitação de elogios/agradecimentos; pedidos explícitos de ajuda.

5 Categorias complementares às do Sistema Francês; categorias listadas na segunda parte da Folha de Cotação.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR NEGATIVA

Comunicação caracterizada por: expressão indireta/camuflada, confusa, e/ou inadequada de pensamentos, opiniões e sentimentos; generalizações (e.g. “tu és sempre assim”, “nunca fazes nada direito”); críticas globais/vagas; sarcasmo/ironia; expressão verbal ofensiva/agressiva; escalada simétrica do conflito; acusações; paradoxos; não-escuta ou pseudo-escuta.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR - NÃO SE APLICA

Quando a narrativa não inclui interações familiares que permitam a avaliação da positividade vs. negatividade da comunicação verbal.

HIERARQUIA FAMILIAR

Relativo à funcionalidade vs. disfuncionalidade da hierarquia familiar. A hierarquia funcional, designada por congruente, implica que o subsistema parental esteja numa posição “superior”, liderando a família; a disfuncionalidade da hierarquia corresponde a um sistema familiar em que o sub-sistema parental está numa posição “inferior” e o sub-sistema filial numa posição “inferior” – hierarquia invertida.

HIERARQUIA FAMILIAR CONGRUENTE

As figuras parentais ocupam uma posição de liderança, com funções claras de controlo e/ou proteção dos filhos.

HIERARQUIA FAMILIAR INVERTIDA

OS filhos ocupam uma posição de liderança, assumindo o controlo ou a protecção dos pais sem que estes reponham a hierarquia congruente.

FRONTEIRAS

Refere-se a regras ou limites que permitem regular a passagem de informação entre a família e o meio e entre os diferentes subsistemas familiares. Definem quem participa e como nos subsistemas, e visam proteger a diferenciação do sistema, subsistemas e dos seus membros,

regulando as interações e possibilitando um funcionamento eficaz. Se a narrativa não permitir uma avaliação do tipo de fronteiras familiares, será codificado na categoria “Não se aplica”.

FRONTEIRAS NÍTIDAS/RELAÇÕES EQUILIBRADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de diferenciação entre os subsistemas e/ou indivíduos, revelando uma distinção adequada ao nível das funções, regras claras, autonomia, interindependência e inter-influência entre os seus membros.

FRONTEIRAS DIFUSAS/RELAÇÕES EMARANHADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de: fraca diferenciação entre os subsistemas e/ou indivíduos, revelando funções indiferenciadas, regras inexistentes ou pouco claras, superenvolvimento, dependência, fraca autonomia e hiper-reactividade interpessoal entre os seus membros.

FRONTEIRAS RÍGIDAS/RELAÇÕES DESLIGADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de: excessivo/inadequado distanciamento emocional e/ou independência, inflexibilidade ao nível de funções e regras, fraca interacção.

FRONTEIRAS - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da positividade vs. negatividade do clima relacional familiar.

REGULAÇÃO PARENTAL

Refere-se à adequação vs. inadequação das práticas parentais, ou seja comportamentos específicos das figuras parentais, com o objetivo de regular o comportamento dos filhos, e, ainda, à aceitação vs. não aceitação pelos filhos da regulação parental. Se a narrativa não permitir uma avaliação da adequação da regulação parental e da aceitação da regulação pelos filhos, será codificado, respetivamente, nas categorias “Regulação Parental – Não se Aplica” e “Aceitação da Regulação Parental – Não se Aplica”.

REGULAÇÃO PARENTAL ADEQUADA

Práticas parentais pautadas por: afeto positivo (suporte, atenção, disponibilidade, compreensão, expressões de afeto, tom emocional positivo, respostas adequadas às necessidades da criança); controlo comportamental indutivo (tentativa de conseguir a obediência voluntária da criança através do diálogo) e coercivo sem punição física (privação de objetos materiais ou de privilégios).

REGULAÇÃO PARENTAL INADEQUADA

Práticas parentais pautadas por: afeto negativo (hostilidade/agressão, indiferença/negligência); controlo comportamental coercivo com punição física; controlo psicológico (cognitivo - constrangimento da expressão verbal e individual do filho; emocional - retirada de amor e manipulação de sentimentos, tais como, indução de culpa, vergonha, ansiedade, desqualificação de sentimentos, etc.; e comportamental - exclusão da criança de influências e oportunidades externas que constituem pontos nodais do seu desenvolvimento social.

REGULAÇÃO PARENTAL – ACEITAÇÃO

Aceitação por parte da criança do comportamento regulador dos pais.

REGULAÇÃO PARENTAL – NÃO ACEITAÇÃO

Não aceitação por parte da criança do comportamento regulador dos pais.

REGULAÇÃO PARENTAL - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da adequação da regulação parental.

ACEITAÇÃO DA REGULAÇÃO PARENTAL - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da aceitação da regulação parental pelos filhos.

LEGIBILIDADE DA HISTÓRIA

Refere-se ao nível de clareza da narrativa que é transmitida.

HISTÓRIA CLARA

Quando as histórias são narradas de modo lógico e próximo do entendível ao nível do senso comum; identificação, mesmo que breve, dos personagens e das suas intenções, motivações, sentimentos ou comportamentos; hesitações ultrapassadas pela tomada de decisão sobre o curso da história.

HISTÓRIA CONFUSA

Quando há tendência geral à restrição associada a narrativa hermética; anonimato das personagens, conflitos ou motivos não expressos; instabilidade nas identificações, grandes hesitações sobre o sexo ou o papel dos personagens; representações muito contrastadas ou mudanças incompreensíveis no curso da história.

ANEXOS

Tabela A1: Caracterização do Agregado Familiar Amostra Normativa

| Agregado Familiar | Média (DP) |
|-----------------------------------|-------------------|
| Nº elementos do Agregado Familiar | 4,11(0,66) |
| Nº elementos da Fratria | 2,70 (0,62) |
| Idade Mãe | 46,53(4,67) |
| Idade Pai | 49,29(5,34) |
| Nível de escolaridade Mãe | 11,79(3,65) |
| Nível de escolaridade Pai | 11,63(3,06) |

Tabela A2: Caracterização do Agregado Familiar da Amostra Não Normativa

| Agregado Familiar | f | % | M (DP) |
|---|----------|----------|---------------|
| Nº elementos do Agregado Familiar | | | 5,26(1,88) |
| Nº elementos da Fratria | | | 4,13(1,26) |
| Idade Mãe | | | 44,38(5,84) |
| Idade Pai | | | 49,75(6,06) |
| Nível de escolaridade Mãe | | | 5,53(3,16) |
| Ocupação Mãe | | | |
| Empregada | 9 | 47 | |
| Desempregada | 9 | 47 | |
| Nível de escolaridade Pai | | | 4(0,00) |
| Ocupação pai | | | |
| Empregado | 3 | 16 | |
| Desempregado | 10 | 53 | |
| Reformado | 1 | 5 | |
| História de perturbações psicopatológicas na família: | | | |
| Pais | 12 | 63 | |
| Fratria | 1 | 5 | |
| Observações Mãe | | | |
| Faleceu | 1 | 5 | |
| Sem contacto | 3 | 16 | |
| Demencia | 2 | 11 | |
| Toxicodependência | 1 | 5 | |
| Observações pai | | | |
| Faleceu | 2 | 11 | |
| Sem contacto | 1 | 5 | |
| Toxicodependencia | 1 | 5 | |
| Preso | 3 | 16 | |

Tabela A3. Caracterização do Percurso do Acolhimento Institucional na Amostra Não Normativa

| Percurso Institucional | <i>f</i> | % | M(DP) |
|---|-----------------|----------|--------------|
| Motivo do acolhimento institucional | | | |
| Negligência grave | 12 | 64 | |
| Abusos sexuais | 5 | 26 | |
| Abusos físicos | 2 | 11 | |
| Duração do Período do Acolhimento | | | 5,11(3,588) |
| 1 ano | 2 | 11 | |
| 2 anos | 4 | 21 | |
| 3 anos | 1 | 5 | |
| 4 anos | 3 | 16 | |
| 5 anos | 2 | 11 | |
| 6 anos | 2 | 11 | |
| 8 anos | 3 | 16 | |
| 13 anos | 2 | 11 | |
| Grau de satisfação na instituição | | | |
| Insatisfeito | 2 | 11 | |
| Satisfeito | 13 | 68 | |
| Muito satisfeito | 4 | 21 | |
| Qualidade da relação com os cuidadores na instituição | | | |
| Negativa | 1 | 5,3% | |
| Positiva | 9 | 47,4% | |
| Muito positiva | 9 | 47,4% | |
| Frequência do contacto com a família biológica | | | |
| 1 vez por mês | 12 | 63,2% | |
| 2 vezes por mês | 1 | 5,3% | |
| 3 a 4 vezes por mês | 3 | 15,8% | |
| Mais de 4 vezes por mês | 3 | 15,8% | |
| Qualidade da relação com a família biológica | | | |
| Muito negativa | 4 | 21,1% | |
| Negativa | 7 | 36,8% | |
| Positiva | 6 | 31,6% | |
| Muito positiva | 2 | 10,5% | |

Tabela A4: Modalidades Relacionais no FAT: Estatística Descritiva

| Categorias | AMOSTRA NORMATIVA(N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|---------------------------|-------------------------|------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>Mín- Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min- Max</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Qualidade das relações | | | | | | |
| Mãe aliado | 1 - 3 | 2 (80) | 1.90 (.74) | 1 - 3 | 1 (71) | 1,43 (.79) |
| Pai aliado | 1 - 4 | 1 (63) | 1.47 (.87) | 1 - 3 | 1 (67) | 1,47 (.74) |
| Outro familiar Aliado | 1 - 2 | 1 (75) | 1.25 (.50) | 1 - 2 | 1 (75) | 1,25 (.50) |
| Outro não familiar aliado | 1 - 1 | 1 (100) | 1.00 (.00) | 1 - 3 | 2 (60) | 2,20 (.84) |
| Outro aliado Total | 1 - 2 | 1 (67) | 1.33 (.52) | 1 - 5 | 2 (67) | 2,67 (1.51) |
| Mãe agente stressor | 1 - 6 | 3 (63) | 3.42 (1.35) | 1 - 6 | 3 (68) | 3,26 (1.33) |

| | | | | | | |
|-----------------------------|-------|--------|-------------|-------|--------|-------------|
| Pai agente Stressor | 2 - 6 | 4 (63) | 4.11 (1.24) | 2 - 6 | 3 (5) | 3,37 (1.34) |
| Outro Familiar Stressor | 1-4 | 2(60%) | 2,40(1,075) | 1-4 | 2(93%) | 1,71(,825) |
| Outro não Familiar Stressor | 1-4 | 2(69%) | 2,00(,966) | 1-5 | 3(71%) | 2,82(1,185) |
| Outro Stressor Total | 1-8 | 4(61%) | 3,94(1,893) | 1-7 | 3(53%) | 3,79(1,751) |

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Mediana;

Tabela A5. Tonalidade emocional no FAT: Estatística Descritiva

| Categoria | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | |
|----------------------|--------------------------|------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>Mín-Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min-Max</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Tonalidade emocional | | | | | | |
| Positiva ligeira | 1 - 5 | 2 (59) | 2.47 (1.23) | 1 - 7 | 2 (63) | 2.31 (1.49) |
| Positiva moderada | 1 - 5 | 3 (69) | 2.94 (1.18) | 1 - 6 | 2 (89) | 2.22 (1.48) |
| Positiva intensa | 1 - 1 | 1 (100) | 1.00 (.00) | - | - | - |
| Negativa ligeira | 1 - 12 | 5 (53) | 5.89 (2.40) | 1 - 6 | 3 (67) | 2.94 (1.47) |
| Negativa moderada | 1 - 6 | 2 (50) | 3.06 (1.44) | 2 - 6 | 4 (67) | 4.00 (1.09) |
| Negativa intensa | 1 - 3 | 1 (50) | 1.75 (.89) | 1 - 10 | 4 (53) | 4.24 (2.31) |
| Neutra | 1 - 4 | 2 (78) | 2.00 (1.00) | 1 - 6 | 3 (60) | 3.40 (1.84) |

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Mediana

Tabela A6: Autoreferências no F.A.T.: Estatística descritiva

| Categorias | Amostra Normativa (N=19) | | | Amostra Não Normativa (N=19) | | |
|------------------|--------------------------|------------------------------|---------------|------------------------------|------------------------------|---------------|
| | <i>Mín- Máx</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> | <i>Min-Max</i> | <i>Mdn(Fac)^a%</i> | <i>M (DP)</i> |
| Auto-referências | 1 – 8 | 4 () | 4.22 (2.33) | 1-5 | 2() | 2,55(1,37) |

Nota. Mdn(Fac)^a Frequências Acumuladas até à Median

Tabela A7. Tendência de resposta à categoria *Representação do Conflito* no FAT

| Categoria | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | |
|-----------------------------------|--------------------------|----------|------------------------------|----------|
| | <i>F</i> | <i>%</i> | <i>f</i> | <i>%</i> |
| Tipo de representação do conflito | | | | |
| Representação do conflito | 5 | 26 | 5 | 26 |
| Não representação do conflito | 14 | 74 | 14 | 74 |

Tabela A8. Tendência de Resposta na Categoria *Resolução do Conflito* no FAT**Tabela A9.** Tendência de resposta na Categoria *Qualificação das Relações Familiares e não Familiares* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa(N=19) | |
|--------------------------------|--------------------------|----|-----------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Figura parental materna | | | | |
| Aliado | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Stressor | 18 | 95 | 18 | 95 |
| Figura parental paterna | | | | |
| Aliado | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Stressor | 18 | 95 | 18 | 95 |
| Outro Familiar | | | | |
| Aliado | 3 | 16 | 2 | 11 |
| Stressor | 9 | 47 | 13 | 68 |
| Não Qualificado | 7 | 37 | 4 | 21 |
| Outro Não Familiar | | | | |
| Aliado | 0 | | 1 | 5 |
| Stressor | 16 | 84 | 17 | 90 |
| Não Qualificado | 3 | 16 | 1 | 5 |

Tabela A10: Tendência de Resposta *Representação de Fronteiras* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|--|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % |
| Tipo de representação de fronteiras | | | | |
| Equilibradas | 12 | 63 | 5 | 26 |
| Disfuncionais | 7 | 37 | 14 | 74 |

Tabela A11: Tendência de Resposta *Maus-tratos* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|--------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>F</i> | % | <i>F</i> | % |
| Maus-tratos | | | | |
| Presente | 14 | 74 | 15 | 79 |
| Ausente | 5 | 26 | 4 | 21 |

Tabela A12: Tendência para a ocorrência de *Respostas Invulgares* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|-----------------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Respostas invulgares | | | | |
| Presente | 3 | 16 | 10 | 53 |
| Ausente | 16 | 84 | 9 | 47 |

| Categoria | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA(N=19) | |
|---|--------------------------|----|-----------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Tendência de resolução do conflito | | | | |
| Positiva | 15 | 79 | 6 | 32 |
| Negativa | 4 | 21 | 13 | 68 |

Tabela A13: Tendência de Resposta *Clima Familiar e Não Familiar* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|-----------------------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Tipo de clima familiar | | | | |
| Positiva | 14 | 74 | 4 | 21 |
| Negativa | 5 | 26 | 15 | 79 |
| Tipo de Clima não familiar | | | | |
| Positivo | 2 | 11 | 3 | 16 |
| Negativo | 4 | 21 | 8 | 42 |

Tabela A14: Tendência de resposta *Regulação Parental* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|-----------------------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Tipo de regulação parental | | | | |
| Adequada | 15 | 79 | 6 | 32 |
| Inadequada | 4 | 21 | 13 | 68 |

Tabela A15: Tendência de Resposta *Aceitação da Regulação Parental* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|--|--------------------------|-----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % |
| Tipo de aceitação da regulação parental | | | | |
| Aceitação | 19 | 100 | 15 | 79 |
| Não aceitação | | | 4 | 21 |

Tabela A16: Tendência a *Auto-referências* no FAT

| Categoria | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | |
|------------------------|--------------------------|----|------------------------------|----|
| | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % |
| Auto-referência | | | | |
| Presente | 9 | 47 | 11 | 58 |
| Ausente | 10 | 53 | 8 | 42 |

Tabela A17. Categorias de Cotação *T.S.C.S.* nas duas Amostras: Estatística descritiva

| Subescalas | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | | <i>U^b</i> | <i>Z^c</i> | Sig. |
|--------------|--------------------------|----------------------------------|--------------|------------------------------|----------------------------------|--------------|----------------------|----------------------|---------|
| | <i>Mín.- Max.</i> | <i>Mdn (Fac)^a</i> | <i>M(DP)</i> | <i>Min.- Max.</i> | <i>Mdn (Fac)^a</i> | <i>M(DP)</i> | | | |
| Auto-crítica | 30-57 | 47(58) | 45,58 (7,84) | 27-55 | 45(58) | 42,74(7,82) | 146 | -.996 | .319 |
| Faking Good | 27-62 | 42(53) | 44,68(9,68) | 30-59 | 39(53) | 41,84(8,78) | 146 | -.1,01 | .319 |
| TOT | 35-80 | 55(58) | 52,95(9,95) | 26-59 | 42(58) | 44,00(9,96) | 92 | -.2,591 | .010* |
| SC Físico | 37-80 | 50(58) | 51,42(12,03) | 31-64 | 52(58) | 49,53 (9,83) | 180 | -.015 | .988 |
| SC Moral | 41-71 | 53(58) | 55,58(8,41) | 26-57 | 44(53) | 43,95(8,39) | 58 | -3,568 | .000*** |

| | | | | | | | | | |
|---------------|-------|--------|--------------|-------|--------|--------------|-----|--------|---------|
| SC pessoal | 32-68 | 55(68) | 51,63(9,06) | 20-69 | 46(58) | 45,32(12,37) | 117 | -1,859 | .063 |
| SC familiar | 38-80 | 54(53) | 55,63(10,24) | 31-61 | 46(58) | 44,42(8,49) | 67 | -3,302 | .001** |
| SC Social | 42-80 | 54(58) | 55,63(10,44) | 28-65 | 41(53) | 44,21(11,81) | 81 | -2,895 | .004** |
| SC Acadêmico | 35-54 | 45(53) | 44,79(5,55) | 30-61 | 43(53) | 44,68(9,12) | 176 | -.132 | .895 |
| Identidade | 36-89 | 53(63) | 53,84(12,18) | 20-51 | 42(53) | 41,53(7,55) | 56 | -3,624 | .000*** |
| Satisfação | 41-78 | 54(53) | 55,84(9,41) | 25-61 | 46(58) | 46,79(10,06) | 100 | -2,353 | .019* |
| Comportamento | 38-78 | 54(53) | 53,37(9,47) | 20-61 | 44(53) | 45,47(9,68) | 99 | -2,368 | .018* |

Nota. *Mdn(Fac)^a* Frequências Acumuladas até à Mediana; *U^b* Teste Estatístico de Mann-Whitney; *Z^c* Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;
*p**>0.5; *p***>0.1; ****p*>0.001

Tabela A18: Escalas Clínicas e de validade do MMPI-A nas duas Amostras e respectivo Comparativo

| Escalas | Amostra Normativa (N=19) | | Amostra Não Normativa (N=19) | | <i>U^a</i> | <i>Z^b</i> | Sig. |
|---------|--------------------------|---------------|------------------------------|---------------|----------------------|----------------------|--------|
| | <i>Mín.-Max.</i> | <i>M(DP)</i> | <i>Min-Max</i> | <i>M(DP)</i> | | | |
| VRIN | 40-61 | 47,63(5,708) | 40-75 | 52,00(9,792) | 135 | -1,337 | ,181 |
| TRIN | 51-73 | 61,26(6,991) | 51-88 | 59,26(8,312) | 142 | -1,127 | ,260 |
| F | 42-64 | 50,05(6,604) | 42-75 | 55,53(8,389) | 112 | -1,994 | ,046* |
| L | 42-75 | 59,11(12,701) | 42-85 | 59,26(12,004) | 176 | -,132 | ,895 |
| K | 33-67 | 48,42(9,311) | 33-58 | 47,11(8,412) | 168 | -,352 | ,725 |
| Hs | 38-68 | 49,37(7,610) | 38-68 | 49,37(7,610) | 107 | -2,136 | ,033* |
| D | 41-73 | 55,79(8,502) | 38-71 | 55,37(8,983) | 155 | -,732 | ,464 |
| Hy | 33-67 | 47,63(9,645) | 35-74 | 50,74(8,359) | 142 | -1,111 | ,266 |
| Pd | 38-67 | 47,63(8,146) | 39-78 | 57,21(10,481) | 80 | -2,940 | ,003** |
| Mf | 37-72 | 52,16(8,751) | 30-67 | 53,89(10,115) | 153 | -,807 | ,420 |
| Pa | 34-65 | 48,95(7,222) | 40-79 | 57,95(12,899) | 109 | -2,092 | ,036* |
| Pt | 40-76 | 50,68(9,894) | 37-78 | 57,74(12,422) | 118 | -1,827 | ,068 |
| Sc | 38-68 | 49,37(8,877) | 41-82 | 56,26(11,009) | 109 | -2,090 | ,037* |
| Ma | 33-78 | 51,16(12,650) | 39-75 | 54,16(12,285) | 159 | -,615 | ,538 |
| Si | 38-76 | 52,47(8,947) | 36-70 | 54,95(8,772) | 119 | -1,786 | ,074 |

Nota. *U^a* Teste Estatístico de Mann-Whitney; *Z^b* Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;
*p**>0.5; *p***>0.1; ****p*>0.001

Tabela A19. Escalas Suplementares do MMPI-A: Estatística Descritiva

| | Amostra Normativa(N=19) | | | Amostra Não Normativa (N=19) | | | | | |
|-------|-------------------------|--------------|------------|------------------------------|--------------|------------|----------------------|----------------------|-------------|
| | <i>Min-Max</i> | <i>M(DP)</i> | <i>Mdn</i> | <i>Min-Max</i> | <i>M(DP)</i> | <i>Mdn</i> | <i>U^a</i> | <i>Z^b</i> | <i>Sig.</i> |
| MAC-R | 36-82 | 53,58(11,78) | 51,00 | 43-84 | 55,05(10,55) | 55,00 | 165 | -,454 | .650 |
| ACK | 35-64 | 45,68(9,09) | 43,00 | 38-67 | 47,53(8,06) | 46,00 | 151 | -,867 | .386 |
| PRO | 36-69 | 50,84(9,18) | 49,00 | 41-79 | 54,89(8,80) | 55,00 | 131 | -1,434 | .152 |
| IMM | 35-69 | 49,63(9,77) | 49,00 | 37-72 | 57,32(9,32) | 59,00 | 103 | -2,252 | .024* |
| R | 32-80 | 51,68(11,18) | 52,00 | 32-83 | 49,95(12,78) | 49,00 | 160 | -,600 | .549 |

| | | | | | | | | | |
|---|-------|-------------|-------|-------|--------------|-------|-----|--------|------|
| A | 37-70 | 51,68(8,22) | 51,00 | 37-78 | 57,21(11,02) | 57,00 | 119 | -1,799 | .072 |
|---|-------|-------------|-------|-------|--------------|-------|-----|--------|------|

Nota.U^aTeste Estatístico de Mann-Whitney; Z^b Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;

p* > 0.5; p** > 0.1; ***p > 0.001

Tabela 20: Níveis de elevação das Escalas Suplementares do MMPI-A

| Escalas | T<40 | | | | T40-T65 | | | | T>65 | | | |
|---------|-------------------|----|-----------------------|----|-------------------|----|-----------------------|----|-------------------|----|-----------------------|----|
| | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | |
| | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % | <i>f</i> | % | <i>f</i> | % | <i>F</i> | % | <i>f</i> | % |
| MAC-R | 3 | 16 | | | 13 | 68 | 17 | 90 | 3 | 16 | 2 | 11 |
| ACK | 3 | 16 | 3 | 16 | 16 | 84 | 15 | 79 | | | 1 | 5 |
| PRO | 1 | 5 | | | 17 | 90 | 17 | 90 | 1 | 5 | 2 | 11 |
| IMM | 4 | 21 | 1 | 5 | 14 | 74 | 15 | 79 | 1 | 5 | 3 | 16 |
| R | | | 4 | 21 | 18 | 95 | 13 | 68 | 1 | 5 | 2 | 11 |
| A | 1 | 5 | 2 | 11 | 16 | 84 | 13 | 68 | 2 | 11 | 4 | 21 |

Tabela A21. Escalas de conteúdo nas duas Amostras e respectivo estudo Comparativo

| Escalas | Amostra Normativa (N=19) | | | Amostra Não Normativa (N=19) | | | U ^a | Z ^b |
|---------|--------------------------|--------------|-----|------------------------------|--------------|-------|----------------|----------------|
| | Min-Max | Média(DP) | Mdn | Min-Max | M(DP) | Mdn | | |
| A-anx | 41-81 | 52,74(10,69) | 50 | 35-82 | 55,95(12,29) | 52,00 | 146 | -,995 |
| A-obs | 36-75 | 52,11(11,89) | 54 | 40-77 | 57,05(12,86) | 54,00 | 145 | -1,045 |
| A-dep | 43-76 | 52,79(9,84) | 51 | 35-84 | 56,58(12,62) | 52,00 | 137 | -1,275 |
| A-hea | 39-62 | 49,21(6,89) | 50 | 35-64 | 54,37(7,97) | 57,00 | 103 | -2,254 |

| | | | | | | | | |
|-------|-------|--------------|----|--------|--------------|-------|-----|--------|
| A-aln | 36-70 | 48,26(8,97) | 46 | 33-74 | 54,26(11,39) | 52,00 | 118 | -1,816 |
| A-biz | 36-69 | 49,74(9,26) | 48 | 41-74 | 52,58(8,85) | 53,00 | 151 | -,852 |
| A-ang | 32-77 | 50,05(12,95) | 49 | 40-74 | 56,37(12,98) | 52,00 | 130 | -1,463 |
| A-cyn | 38-77 | 52,42(9,97) | 48 | 36-78 | 54,58(11,78) | 53,00 | 168 | -,352 |
| A-com | 30-66 | 43,05(10,60) | 40 | 38-74 | 48,47(9,65) | 45,00 | 121 | -1,743 |
| A-lse | 37-73 | 51,95(9,99) | 50 | 40-79 | 55,21(11,91) | 54,00 | 152 | -,834 |
| A-las | 43-61 | 49,47(4,60) | 48 | 40-100 | 57,16(14,71) | 56,00 | 127 | -1,559 |
| A-sod | 39-84 | 51,11(9,93) | 49 | 39-69 | 49,79(8,78) | 47,00 | 162 | -,545 |
| A-fam | 30-64 | 45,42(8,79) | 46 | 37-84 | 54,42(12,33) | 50,00 | 105 | -2,207 |
| A-sch | 31-67 | 50,21(8,38) | 53 | 42-82 | 54,58(11,21) | 50,00 | 151 | -,850 |
| A-trt | 40-82 | 54,26(11,26) | 55 | 42-85 | 61,53(11,82) | 60,00 | 118 | -1,816 |

Nota.U^aTeste Estatístico de Mann-Whitney; Z^b Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;

p*>0.5; p**>0.1; ***p>0.001

Tabela A22. Escalas de conteúdo do MMPI-a resultados por nível de elevação

| Escalas | T<40 | | | | T40-T65 | | | | T>65 | | | |
|---------|-------------------|----|-----------------------|----|-------------------|----|-----------------------|----|-------------------|----|-----------------------|----|
| | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | |
| | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % |
| A-anx | | | 2 | 11 | 17 | 90 | 14 | 74 | 2 | 11 | 3 | 16 |
| A-obs | 3 | 16 | | | 14 | 74 | 14 | 74 | 2 | 11 | 5 | 26 |
| A-dep | | | 1 | 5 | 16 | 84 | 13 | 68 | 3 | 16 | 6 | 32 |
| A-hea | 3 | 16 | 2 | 11 | 16 | 84 | 17 | 90 | - | - | - | - |
| A-aln | 2 | 11 | 1 | 5 | 16 | 84 | 14 | 74 | 1 | 5 | 4 | 21 |
| A-biz | 2 | 11 | - | - | 16 | 84 | 17 | 90 | 1 | 5 | 2 | 11 |
| A-ang | 5 | 26 | - | - | 11 | 58 | 12 | 63 | 3 | 16 | 7 | 37 |
| A-cyn | 1 | 5 | 1 | 5 | 16 | 84 | 14 | 74 | 2 | 11 | 4 | 21 |
| A-com | 9 | 47 | 2 | 11 | 9 | 47 | 15 | 79 | 1 | 5 | 2 | 11 |

| | | | | | | | | | | | | |
|-------|---|----|---|---|----|-----|----|----|---|----|---|----|
| A-lse | 1 | 5 | - | - | 16 | 84 | 16 | 84 | 2 | 11 | 3 | 16 |
| A-las | - | - | - | - | 19 | 100 | 14 | 74 | - | - | 5 | 26 |
| A-sod | 1 | 5 | 1 | 5 | 17 | 90 | 17 | 90 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| A-fam | 3 | 16 | 1 | 5 | 16 | 84 | 14 | 74 | - | - | 4 | 21 |
| A-sch | 2 | 11 | - | - | 16 | 84 | 17 | 90 | 1 | 5 | 2 | 11 |
| A-trt | - | - | - | - | 16 | 84 | 13 | 68 | 3 | 16 | 6 | 32 |

Nota. U^a Teste Estatístico de Mann-Whitney; Z^b Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;
 $p^*>0.5$; $p^{**}>0.1$;

Tabela A23. Escalas Harris Lingoês: Estatística Descritiva

| | Amostra Normativa (N=19) | | | Amostra Não Normativa (N=19) | | | U ^a | Z ^b | Sig. |
|-----|--------------------------|--------------|-----|------------------------------|--------------|-----|----------------|----------------|--------|
| | Mín-Max | M(DP) | Mdn | Mín-Max | M(DP) | Mdn | | | |
| D1 | 42-70 | 55,79(7,65) | 57 | 40-77 | 58,16(10,50) | 58 | 152 | -.835 | .404 |
| D2 | 41-67 | 53,16(6,20) | 51 | 36-73 | 50,95(9,83) | 51 | 144 | -1,102 | .271 |
| D3 | - | - | - | - | - | - | 160 | -.588 | .557 |
| D4 | 43-66 | 53,84(7,14) | 54 | 39-72 | 55,95(10,16) | 56 | 160 | -.542 | .588 |
| D5 | 37-74 | 54,26(10,01) | 51 | 41-81 | 56,63(11,86) | 51 | 162 | -.429 | .668 |
| Hy1 | 31-65 | 50,42(9,16) | 49 | 32-65 | 46,95(11,24) | 44 | 166 | -.895 | .371 |
| Hy2 | 30-59 | 46,00(7,56) | 46 | 34-63 | 46,05(7,99) | 46 | 150 | -.103 | .918 |
| Hy3 | 37-76 | 54,05(10,31) | 54 | 33-74 | 57,68(12,21) | 62 | 177 | -1,423 | .155 |
| Hy4 | 37-70 | 50,42(9,48) | 50 | 39-74 | 55,26(8,13) | 53 | 132 | -1,800 | .072 |
| Hy5 | 30-66 | 42,26(10,17) | 43 | 30-59 | 42,74(8,50) | 43 | 119 | -.490 | .624 |
| Pd1 | 30-69 | 44,95(10,99) | 45 | 32-71 | 50,84(9,91) | 53 | 164 | -1,787 | .074 |
| Pd2 | 31-65 | 45,68(8,99) | 45 | 38-67 | 51,11(8,60) | 52 | 119 | -1,902 | .057 |
| Pd3 | 36-67 | 52,84(7,70) | 55 | 30-67 | 49,21(10,12) | 49 | 116 | -1,194 | .232 |
| Pd4 | 35-69 | 46,79(8,34) | 46 | 42-69 | 55,84(7,94) | 57 | 140 | -3,094 | .002** |
| Pd5 | 35-71 | 54,47(9,79) | 55 | 43-78 | 62,42(11,21) | 67 | 102 | -2,287 | .022** |
| Pa1 | 35-64 | 48,21(8,60) | 46 | 39-82 | 56,74(12,41) | 53 | 111 | -2,028 | .043* |
| Pa2 | 41-73 | 54,42(9,46) | 51 | 36-73 | 56,79(10,99) | 57 | 143 | -1,087 | .277 |
| Pa3 | 36-66 | 45,00(8,03) | 45 | 31-66 | 47,00(9,46) | 45 | 159 | -.617 | .537 |
| Sc1 | 33-68 | 50,37(10,49) | 49 | 40-68 | 56,11(9,59) | 58 | 124 | -1,653 | .098 |
| Sc2 | 37-65 | 46,21(7,74) | 48 | 43-76 | 54,95(9,97) | 54 | 87 | -2,786 | .005** |
| Sc3 | 41-67 | 52,84(8,43) | 50 | 41-76 | 55,05(8,99) | 54 | 150 | -.882 | .378 |
| Sc4 | 38-71 | 50,74(8,10) | 49 | 34-73 | 55,26(11,40) | 53 | 132 | -1,425 | .154 |
| Sc5 | 35-68 | 50,63(10,44) | 49 | 38-86 | 57,95(10,79) | 57 | 116 | -1,876 | .061 |
| Sc6 | 34-68 | 50,89(11,10) | 49 | 43-75 | 56,26(9,43) | 53 | 130 | -1,479 | .139 |

| | | | | | | | | | |
|-----|-------|--------------|----|-------|--------------|----|-----|--------|------|
| Ma1 | 32-63 | 47,58(8,14) | 47 | 32-70 | 49,47(10,38) | 45 | 174 | -.177 | .860 |
| Ma2 | 30-57 | 44,05(8,82) | 48 | 30-66 | 46,63(11,07) | 48 | 158 | -.661 | .509 |
| Ma3 | 36-68 | 53,11(10,09) | 57 | 31-62 | 47,79(8,73) | 44 | 119 | -1,809 | .07 |
| Ma4 | 35-70 | 54,84(12,12) | 58 | 37-75 | 56,00(12,00) | 58 | 170 | -,309 | .757 |
| Si1 | 36-68 | 50,05(8,66) | 49 | 43-69 | 52,53(7,79) | 53 | 148 | -,958 | .338 |
| Si2 | 40-78 | 50,47(10,42) | 47 | 38-62 | 47,53(6,85) | 45 | 163 | -,516 | .606 |
| Si3 | 39-68 | 53,53(8,87) | 55 | 34-69 | 55,95(10,60) | 58 | 151 | -,850 | .395 |

Nota. U^a Teste Estatístico de Mann-Whitney; Z^b Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;
 $p^*>0.5$; $p^{**}>0.1$;

Tabela A24. Frequências e percentagens por níveis de elevação nas Escalas Harris-Lingoes nas duas Amostras

| | T<40 | | | | T40-T65 | | | | T>65 | | | |
|---------|-------------------|----|-----------------------|----|-------------------|----|-----------------------|-----|-------------------|----|-----------------------|----|
| | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | | Amostra Normativa | | Amostra Não Normativa | |
| Escalas | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % | f | % |
| D1 | - | - | - | - | 18 | 95 | 14 | 74 | 1 | 5 | 5 | 26 |
| D2 | - | - | 1 | 5 | 18 | 95 | 16 | 84 | 1 | 5 | 2 | 11 |
| D3 | 4 | 21 | 3 | 16 | 12 | 63 | 13 | 68 | 3 | 16 | 3 | 16 |
| D4- | - | - | 1 | 5 | 17 | 90 | 14 | 74 | 2 | 11 | 4 | 21 |
| D5 | 1 | 5 | - | - | 15 | 79 | 15 | 79 | 3 | 16 | 4 | 21 |
| Hy1 | 2 | 11 | 7 | 37 | 17 | 90 | 12 | 63- | - | - | - | - |
| Hy2 | 4 | 21 | 3 | 16 | 15 | 79 | 16 | 84 | - | - | - | - |
| Hy3 | 1 | 5 | 3 | 16 | 16 | 84 | 10 | 53 | 2 | 11 | 6 | 32 |
| Hy4 | 1 | 5 | 1 | 5 | 17 | 90 | 17 | 90 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Hy5 | 9 | 47 | 8 | 42 | 9 | 47 | 11 | 58 | - | - | - | - |
| Pd1 | 5 | 26 | 2 | 11 | 13 | 68 | 16 | 84 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Pd2 | 5 | 26 | 1 | 5 | 14 | 74 | 17 | 90 | - | - | 1 | 5 |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|---|----|---|----|----|----|----|----|---|----|----|----|
| Pd3 | 1 | 5 | 3 | 16 | 17 | 90 | 15 | 79 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Pd4 | 5 | 26 | - | - | 13 | 68 | 18 | 95 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Pd5 | 2 | 11 | - | - | 14 | 74 | 9 | 47 | 3 | 16 | 10 | 53 |
| Pa1 | 4 | 21 | 1 | 5 | 15 | 79 | 14 | 74 | - | - | 4 | 21 |
| Pa2 | - | - | 3 | 16 | 17 | 90 | 11 | 58 | 2 | 11 | 5 | 26 |
| Pa3 | 1 | 5 | 3 | 16 | 17 | 90 | 15 | 79 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Sc1 | 4 | 21 | - | - | 13 | 68 | 15 | 79 | 2 | 11 | 4 | 21 |
| Sc2 | 5 | 26 | - | - | 14 | 74 | 16 | 84 | | | 3 | 16 |
| Sc3 | - | - | - | - | 17 | 90 | 17 | 90 | 2 | 11 | 2 | 11 |
| Sc4 | 1 | 5 | 1 | 5 | 17 | 90 | 13 | 68 | 1 | 5 | 5 | 26 |
| Sc5 | 3 | 16 | 1 | 5 | 14 | 74 | 15 | 79 | 2 | 11 | 3 | 16 |
| Sc6 | 4 | 21 | - | - | 12 | 63 | 15 | 79 | 3 | 16 | 4 | 21 |
| Ma1 | 5 | 26 | 5 | 26 | 14 | 74 | 13 | 68 | - | - | 1 | 5 |
| Ma2 | 6 | 32 | 8 | 42 | 13 | 68 | 10 | 53 | - | - | 1 | 5 |
| Ma3 | 3 | 16 | 3 | 16 | 15 | 79 | 16 | 84 | 1 | 5 | - | - |
| Ma4 | 2 | 11 | 2 | 11 | 12 | 63 | 14 | 74 | 5 | 26 | 3 | 16 |
| Si1 | 1 | 5 | - | - | 17 | 90 | 18 | 95 | 1 | 5 | 1 | 5 |
| Si2 | - | - | 2 | 11 | 17 | 90 | 16 | 84 | 2 | 11 | 1 | 5 |
| Si3 | 1 | 5 | 1 | 5 | 16 | 84 | 12 | 63 | 2 | 11 | 6 | 32 |

Tabela A25. Dimensões PSY-5 do MMPI-A: Estatística Descritiva

| Dimensões | AMOSTRA NORMATIVA (N=19) | | AMOSTRA NÃO NORMATIVA (N=19) | | U^f | Z^g | Sig. |
|-------------------|--------------------------|--------------|------------------------------|--------------|-------|--------|------|
| | Min.- Max. | M(DP) | Min.- Max. | M(DP) | | | |
| AGG ^a | 1 - 14 | 7.42 (4.22) | 3-15 | 9.68 (4.20) | 129 | -1.511 | .131 |
| PSY ^b | 0 - 12 | 5.26 (3.60) | 2-15 | 6.21 (3.64) | 154 | -.763 | .446 |
| DISC ^c | 1 - 14 | 5.58 (3.66) | 1-16 | 7 (4.23) | 149 | -.924 | .356 |
| NEGE ^d | 3 - 17 | 11.74 (3.60) | 4-20 | 13.68 (4.42) | 120 | -1.762 | .078 |
| INTR ^e | 1 - 12 | 5.74 (2.10) | 1-17 | 7.84 (4.43) | 128 | -1.541 | .123 |

Nota. Nota: ^aAGG=Agressividade; ^bPSY=Psicoticismo; ^cDISC=Desinibição; ^dNEGE=Negativismo; ^eINTR=Introversão; U^f Teste Estatístico de Mann-Whitney; Z^g Valor estatístico de Mann-Whitney dividido pelo respectivo erro padrão;

$p^*>0.5$; $p^{**}>0.1$; $***p>0.001$

Tabela A26. Cruzamento Categorias “Representação do conflito” e níveis de elevação de Perfil MMPI-A

| | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | | |
|-----------------------|---|------------------------------|----|-----------|----|---------|----|---------|
| | | Normal | | Limitrofe | | Elevado | | Total |
| | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | |
| Amostra normativa | Tendência à Não Representação do Conflito | 4 | 21 | 0 | - | 1 | 5 | 5(26) |
| | Tendência à Representação do Conflito | 9 | 47 | 4 | 21 | 1 | 5 | 14(72) |
| | Total | 13(68) | | 4(21) | | 2(11) | | 19(100) |
| Amostra não Normativa | Tendência à Não Representação do Conflito | 1 | 5 | 0 | | 4 | 21 | 5(26) |
| | Tendência à Representação do Conflito | 3 | 16 | 5 | 27 | 6 | 32 | 14(72) |
| | Total | 4 (5) | | 5() | | 10(53) | | 19(100) |

Tabela A28. Cruzamento Categorias “Tipo de Qualificação Mãe” e “níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|--------------------------|----------|------------------------------|-----|--------|-----|-------|-----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Qualificação Mãe | Positiva | 1 | 5% | 0 | | 0 | |
| | | Negativa | 12 | 63% | 4 | 21% | 2 | 21% |
| | | Total | 13 | 68% | 4 | 21% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de Qualificação Mãe | Positiva | 1 | 5% | 0 | | 0 | |
| | | Negativa | 3 | 16% | 5 | 27% | 10 | 53% |
| | | Total | 4 | 27% | 5 | 32% | 10 | 69% |

Tabela 29. Cruzamento das Categorias “Tipo de Qualificação Pai” e “Níveis de Elevação de Perfil”

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | | |
|-----------------------|--------------------------|----------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|----------|
| | | | Normal | | Limitrofe | | Elevado | | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Total |
| Amostra normativa | Tipo de Qualificação Pai | Positiva | 1 | 5% | 0 | | 0 | | 1(5%) |
| | | Negativa | 12 | 63% | 4 | 21% | 2 | 11% | 18(95%) |
| | Total | | 13 | 68% | 4 | 21% | 2 | 11% | 19(100%) |
| Amostra não normativa | Tipo de Qualificação Pai | Positiva | 1 | 5% | 0 | | 0 | | 1(27%) |
| | | Negativa | 3 | 16% | 5 | 27% | 10 | 53% | 18(95%) |
| | Total | | 4 (21%) | | 5(27%) | | 10 | 53% | 19(100) |

Tabela 32. Cruzamento Categorias “Tipo de Representação de Fronteiras” e “níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | | |
|-----------------------|---------------|--------------|------------------------------|-------|-----------|-----|---------|-----|----------|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Total |
| Amostra normativa | Tipo de | Disfuncional | 5 | 27% | 2 | 11% | 0 | | 7(37%) |
| | Representação | Equilibrada | 8 | (43%) | 2 | 11% | 2 | 11% | 12(63%) |
| | de Fronteiras | | | | | | | | |
| | Total | | 13(68%) | | 4(21%) | | 2(11%) | | 19(100%) |
| Amostra não normativa | Tipo de | Disfuncional | 2 | 11% | 5 | 27% | 7 | 37% | 14(74%) |
| | Representação | Equilibrada | 2 | 11% | 0 | | 3 | 16% | 5(27%) |
| | de Fronteiras | | | | | | | | |
| | Total | | 4 (21%) | | 5(27%) | | 10(53%) | | 19(100%) |

Tabela A35. Cruzamento das Categorias “Tipo de Tonalidade Emocional” e “níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de Elevação | | | | | |
|-----------------------|------------------------------|----------|--------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|
| | | | Normal | | Limitrofe | | Elevado | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Tonalidade Emocional | Positiva | 0 | | 0 | | 1 | 5% |
| | | Negativa | 13 | 68% | 4 | 21% | 1 | 5% |
| | Total | | 13(68%) | | 4(21%) | | 2(11%) | |
| Amostra não normativa | Tipo de Tonalidade Emocional | Positiva | | | | | | |
| | | Negativa | 4 | 21% | 5 | 27% | 10 | 53% |
| | Total | | 4 (21%) | | 5(27%) | | 10(53%) | |

Tabela A36: Cruzamento Categorias “Tipo de Intensidade Emocional” “Níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|-------------------------------|----------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Intensidade Emocional | Ligeira | 10 | 53% | 3 | 16% | 0 | |
| | | Moderada | 3 | 16% | 1 | 5% | 2 | 11% |
| | | Intensa | | | | | | |
| | Total | | 13(68%) | | 4(21%) | | 2(11%) | |
| Amostra não Normativa | Intensidade Emocional | Ligeira | 2 | 11 | 4 | 21 | | |
| | | Moderada | 2 | 11 | 3 | 16% | 4 | |
| | | Intensa | 0 | | 1 | 5% | 3 | |
| | Total | | 4 (21%) | | 5 (27%) | | 10(53%) | |

Tabela A37: Cruzamento Categorias “Clima Familiar” e “Níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|----------------|----------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Clima Familiar | Positivo | 10 | 53% | 2 | 11% | 2 | 11% |
| | | Negativo | 3 | 16% | 2 | 11% | 0 | |
| | Total | | 13(68%) | | 17 90% | | 1 5% | |
| Amostra não Normativa | Clima Familiar | Positivo | 2 | 11% | 0 | | 2 | 11% |
| | | Negativo | 2 | 11% | 5 58% | | 8 42% | |
| | Total | | 4(21%) | | 13(68%) | | 10(58%) | |

Tabela A38: Cruzamento das Categorias “Tipo de Clima Outro” e “Níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|---------------------|----------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|----------|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de clima Outro | Positiva | | | 3 | 16% | | 3(16%) |
| | | Negativa | | | 9 | 47% | | 9(47%) |
| | Total | | | | 12 | 63% | | 12(63%) |
| Amostra não normativa | Tipo de clima Outro | Positiva | 0 | | 2 | 5% | | 2(11%) |
| | | Negativa | 2 | 11% | 11 | 58% | | 13(68%) |
| | Total | | 2 | 11% | 13 | 68% | | 19(100%) |

Tabela A39: Cruzamento das Categorias “Tipo de Hierarquia” e “Nível de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|--------------------|------------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Hierarquia | Congruente | 13 | 68% | 4 | 21% | 2 | 11% |
| | | Invertida | | | | | | |
| | Total | | 13 | 68% | 4 | 21% | | |
| Amostra não normativa | Tipo de Hierarquia | Congruente | 4 | 21% | 5 | 27% | 10 | 53% |
| | | Invertida | | | | | | |
| | Total | | 4 | 21% | 5 | 27% | 10 | 53% |

Tabela A40: Cruzamentos Categorias “Tipo de Regulação Parental” e Níveis de Elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|----------------------------|------------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Regulação Parental | Adequada | 11 | 57% | 3 | 16% | 1 | 5% |
| | | Inadequada | 2 | 11% | 1 | 5% | 1 | 5% |
| | Total | | 13 | 68% | 4 | 21% | 2 | 11% |
| Amostra não normativa | Tipo de Regulação Parental | Adequada | 2 | 11% | 2 | 11% | 2 | 11% |
| | | Inadequada | 2 | 11% | 3 | 16% | 8 | 43% |
| | Total | | 4 | 21% | 5 | 27% | 10 | 53% |

Tabela A41. Cruzamento das Categorias “Tendencia à Aceitação da Regulação Parental” “níveis de elevação de Perfil” MMPI-A

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | | |
|-----------------------|------------------------------------|---------------|------------------------------|-----|-----------|-----|---------|-----|----------|
| | | | Normal | | Limítrofe | | Elevado | | Total |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | |
| Amostra normativa | Tendência à Aceitação da Regulação | Aceitação | 13 | 68% | 4 | 21% | 2 | 11% | 19(100%) |
| | | Não Aceitação | | | | | | | |
| | | Total | 13 | 68% | 4 | 21% | 2 | 11% | 19(100%) |
| Amostra não normativa | Tendencia à Aceitação da Regulação | Aceitação | 4 | 21% | 3 | 16% | 8 | 42% | 15(11%) |
| | | Não Aceitação | 0 | | 2 | 11% | 2 | 11% | 4(21%) |
| | | Total | 4 (21%) | | 5(27%) | | 10(53%) | | 19(100%) |

Tabela A42: Categorias e “tendência à representação do conflito” e “níveis de elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
|-----------------------|--|-------------------------------|-------------|-----|---------|-----|-------|----|
| Tipo de Amostra | | | Freq. Total | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra Normativa | Tendência de Representação do Conflito | Não Representação do Conflito | 0 | | 4 | 21% | 1 | 5% |
| | | Representação do Conflito | 1 | 5% | 13 | 68% | 0 | |
| | | Total | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra Não Normativa | | Não Representação do Conflito | 2 | 11% | 3 | 16% | | |
| | | Representação do Conflito | 4 | 21% | 10 | 52% | | |
| | | Total | 6 (3%) | | 13(68%) | | | |

Tabela A43: Categorias “tipo de Resolução do conflito” e “níveis de elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|-------------------------------|----------|------------------------------|-----|---------|-----|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de resolução do Conflito | Positiva | 1 | 5% | 13 | 68% | 1 | 5% |
| | | Negativa | 0 | | 4 | 21% | 0 | |
| | | Total | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de resolução do Conflito | Positiva | 3 | 16% | 3 | 16% | | |
| | | Negativa | 3 | 16% | 10 | 52% | | |
| | | Total | 6 (3%) | | 13(68%) | | | |

Tabela A44: Categorias “Tipo de Qualificação Mãe” e “níveis de Elevação de N otas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|--------------------------|----------|------------------------------|-----|---------|-----|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Qualificação Mãe | Positiva | 0 | | 1 | 5% | 0 | |
| | | Negativa | 1 | 5% | 16 | 84% | 1 | 5% |
| | | Total | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de Qualificação Mãe | Positiva | 0 | 16% | 1 | 5% | | |
| | | Negativa | 6 | 32% | 12 | 63% | | |
| | | Total | 6 (32%) | | 13(68%) | | | |

Tabela A45: Categorias “Tipo de Qualificação Pai” e “níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|--------------------------|----------|------------------------------|-------|--------|-------|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| | | | Total | | | | | |
| Amostra normativa | Tipo de Qualificação Pai | Positiva | 0 | | 0 | | 1 | 5% |
| | | Negativa | 1 | 5% | 17 | 90% | 0 | |
| | Total | | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de Qualificação Pai | Positiva | 1 | 5% | 0 | | | |
| | | Negativa | 5 | 27% | 13 | 63% | | |
| | Total | | 6 | (32%) | 13 | (68%) | | |

Tabela A46. Categorias “Tipo de Qualificação Outro Familiar” e “Níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|----------------|----------|------------------------------|-------|--------|-------|-------|---|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| | | | Total | | | | | |
| Amostra normativa | Positiva | | | | 3 | 16% | | |
| | Outro Familiar | Negativa | | | 9 | 47% | | |
| | | Total | | | 12 | 63% | | |
| Amostra não normativa | Positiva | | 0 | | 2 | 11% | | |
| | Outro Familiar | Negativa | 2 | 11% | 11 | 58% | | |
| | | Total | 2 | (11%) | 13 | (68%) | | |

Tabela A47: Categorias “Tipo de Qualificação Outro Não Familiar” e “níveis de elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|---|----------|------------------------------|-------|--------|-------|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| | | | Total | | | | | |
| Amostra normativa | Tipo de Qualificação Outro Não Familiar | Positiva | | | 2 | 11% | 0 | |
| | | Negativa | | | 15 | 79% | 1 | 5% |
| | Total | | | | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de Qualificação Outro Não Familiar | Positiva | 0 | 16% | 1 | 5% | | |
| | | Negativa | 6 | 32% | 11 | 58% | | |
| | Total | | 6 | (32%) | 13 | (68%) | | |

Tabela A48: Categorias “Tipo de Representação de Fronteiras” e “níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|-------------------------------------|--------------|------------------------------|-------|--------|-------|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Representação de Fronteiras | Disfuncional | 0 | | 7 | 37% | 0 | |
| | | Equilibrada | 1 | (5%) | 10 | 53% | 1 | 5% |
| | | Total | | | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de Representação de Fronteiras | Disfuncional | 3 | 16% | 11 | 58% | | |
| | | Equilibrada | 3 | 16% | 2 | 11% | | |
| | | Total | 6 | (32%) | 13 | (68%) | | |

Tabela A49. Categorias “Referência Maus-tratos” e “níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|------------------------------------|-------|------------------------------|-------|--------|-------|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Total de Referência de Maus-Tratos | 1 | | | 9 | 47% | 1 | 5% |
| | | 2 | | | 4 | 21% | 0 | |
| | | Total | | | 13 | 68% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Total de Referência de Maus-tratos | 1 | 2 | 11% | 4 | 21% | | |
| | | 2 | 0 | | 4 | 21% | | |
| | | 3 | 2 | 11% | 2 | 11% | | |
| | | 5 | 0 | | 1 | 5% | | |
| | Total | | 4 | (21%) | 11 | (58%) | | |

Tabela A50: Categorias “Respostas Invulgares” e “Níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|----------------------|---|------------------------------|-------|--------|-------|-------|---|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Respostas Invulgares | 1 | | | 3 | 16% | | |
| | Total | | | | 3 | 16% | | |
| Amostra não Normativa | Respostas Invulgares | 1 | 2 | 11% | 4 | 21% | | |
| | | 2 | 1 | 5% | 0 | | | |
| | | 3 | 0 | | 1 | 5% | | |
| | | 4 | 0 | | 1 | 5% | | |
| | | 7 | 0 | | 1 | 5% | | |
| | Total | | 3 | (16%) | 7 | (37%) | | |

Tabela A51. Categorias “Tipo de Tonalidade Emocional” e “níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | | |
|-----------------------|------------------------------|----------|-------|---------|--------|-----|-------|----------|----------|
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Total |
| Amostra normativa | Tipo de Tonalidade Emocional | Positiva | 0 | | 1 | 16% | 0 | | 1(5%) |
| | | Negativa | 1 | 5% | 16 | 84% | 1 | 5% | 18(95%) |
| | Total | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% | 19(100%) | |
| Amostra não normativa | Tipo de Tonalidade Emocional | Positiva | | | | | | | |
| | | Negativa | 6 | 5% | 13 | | | | 19(100%) |
| | Total | 6 (32%) | | 13(68%) | | | | 19(100%) | |

Tabela A52: Categorias “Tipo de Intensidade Emocional” “Níveis de Elevaçãode Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | | | | |
|-----------------------|-------------------------------|----------|------------------------------|-----|----------|-----|-------|----|---------|----|----------|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | | | | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Total | | |
| Amostra normativa | Tipo de Intensidade Emocional | Ligeira | 1 | | 12 | 63% | 0 | | 13(68%) | | |
| | | Moderada | 0 | | 5 | 27% | 1 | 5% | 6(32%) | | |
| | | Intensa | 0 | | | | 0 | | | | |
| o | Total | | 1(5%) | | 17 | | 90% | | 1 | 5% | 19(100%) |
| Amostra Não Normativa | Tipo de Intensidade Emocional | Ligeira | 2 | 11% | 4 | 21% | | | 6(32%) | | |
| | | Moderada | 2 | 11% | 5 | 27% | | | 7(37%) | | |
| | | Intensa | 1 | 5% | 3 | 16% | | | 4(21%) | | |
| | | Total | 5 (27%) | | 12 (63%) | | | | 17(90%) | | |

TabelaA53: Categorias “Clima Familiar” e “Níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|----------------|----------|------------------------------|-----|---------|-----|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Clima Familiar | Positivo | 1 | 5% | 12 | 63% | 1 | 5% |
| | | Negativo | 0 | | 5 | 27% | 0 | |
| | Total | | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não Normativa | Clima Familiar | Positivo | 2 | 11% | 2 | 11% | | |
| | | Negativo | 4 | 21% | 11 | 58% | | |
| | Total | | 6 (32%) | | 13(68%) | | | |

Tabela A54: Cruzamento das Categorias “Tipo de Clima Outro” e “Níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|---------------------|----------|------------------------------|-----|---------|-----|-------|---------|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de clima Outro | Positiva | | | 3 | 16% | | 3(16%) |
| | | Negativa | | | 9 | 47% | | 9(47%) |
| | Total | | | | 12 | 63% | | 12(63%) |
| Amostra não normativa | Tipo de clima Outro | Positiva | 0 | | 2 | 5% | | 2(11%) |
| | | Negativa | 2 | 11% | 11 | 58% | | 13(68%) |
| | Total | | 2 (11%) | | 13(68%) | | | 19(100) |

Tabela A55: Cruzamento das Categorias “Tipo de Hierarquia” e “Nível de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|--------------------|------------|------------------------------|-----|---------|-----|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Hierarquia | Congruente | 1 | 90% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| | | Invertida | | | | | | |
| | Total | | | | 17 | 90% | | |
| Amostra não normativa | Tipo de Hierarquia | Congruente | 6 | % | 13 | 68% | | |
| | | Invertida | | | | | | |
| | Total | | 6 (11%) | | 13(68%) | | | |

Tabela A56: Cruzamentos Categorias “Tipo de Regulação Parental” e Níveis de Elevação de Notas T” TSCS:2

| | | | Níveis de elevação de Perfil | | | | | |
|-----------------------|----------------------------|------------|------------------------------|-----|---------|-----|-------|----|
| | | | <40T | | 40-60T | | >60T | |
| | | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Amostra normativa | Tipo de Regulação Parental | Adequada | 1 | 5% | 13 | 68% | 1 | 5% |
| | | Inadequada | 0 | | 4 | 21% | | |
| | Total | | 1 | 5% | 17 | 90% | 1 | 5% |
| Amostra não normativa | Tipo de Regulação Parental | Adequada | 1 | 5% | 5 | 5% | | |
| | | Inadequada | 5 | 27% | 8 | 42% | | |
| | Total | | 2 (11%) | | 13(68%) | | | |

